ALVARES DE AZEVEDO

OBRAS

II

LIVRARIA GARNIER
RIO DE JANEIRO

Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

BRAZILIA

BIBLIOTHECA NACIONAL

DOS

MELHORES AUCTORES ANTIGOS E MODERNOS

PUBLICADA

Sob os Auspicios de S. M. I. o Sr. D. Pedro II.

II

ALVARES DE AZEVEDO

OBRAS

DE

MANOEL ANTONIO

ALVARES DE AZEVEDO

PRECEDIDAS

Do Juizo critico de escriptores nacionaes e estrangeiros

E DE UMA NOTICIA SOBRE O AUCTOR E SUAS OBRAS

POR

J. NORBERTO DE S. S

SETIMA EDIÇÃO

TOMO SEGUNDO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71-73, RUA DO OUVIDOR, 71-73
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIZ

LYRA

DOS VINTE ANNOS

Cantando a vida, como o cysne a morte.

BOCAGE.

Dieu, amour et poésie sont les trois mots que je voudrais seuls graver sur ma pierre, si je mérite une pierre.

LAMARTINE.

PREFACIOS

São os primeiros cantos de um pobre poeta. Desculpai-os. As primeiras vozes do sabiá não tem a doçura dos seus canticos de amor.

É uma lyra, mas sem cordas; uma primavera, mas sem flores; uma corôa de folhas, mas sem viço.

Cantos espontaneos do coração, vibrações doridas da lyra interna que agitava um sonho, notas que o vento levou — como isso dou a lume essas harmonias.

São as paginas despedaçadas de um livro não lido....

E agora que despi a minha musa saudosa dos véos do mysterio do meu amor e da minha solidão, agora

que ella vai semi-núa e timida, por entre vós, derramar em vossas almas os ultimos perfumes de seu coração, ó meus amigos, recebei-a no peito e amai-a como o consolo, que foi, de uma alma esperançosa, que depunha fé na poesia e no amor — esses dous raios luminosos do coração de Deus.

Cuidado, leitor, ao voltar esta pagina!

Aqui dissipa-se o mundo visionario e platonico. Vamos entrar n'um mundo novo, terra phantastica, verdadeira ilha Barataria de D. Quichote, onde Sancho é rei e vivem Panurgio, sir John Falstaff, Bardolph, Figaro e o Sganarello de D. João Tenorio: — a patria dos sonhos de Cervantes e Shakspeare.

Quasi que depois de Ariel esbarramos em Caliban.

A razão é simples. E' que a unidade d'este livro funda-se n'uma binomia: — duas almas que morão nas cavernas de um cerebro pouco mais ou menos de poeta escrevêrão este livro, verdadeira medalha de duas faces.

Demais, perdôem-me os poetas do tempo, isto aqui é um them' senão mais novo, menos esgotado ao

menos que o sentimentalismo tão *fashionable* desde Werther até René.

Por um espirito de contradicção, quando os homens se vêem inundados de paginas amorosas preferem um conto de Bocaccio, uma caricatura de Rabelais, uma scena de Falstaff no *Henrique IV* de Shakspeare, um proverbio phantastico d'aquelle *polisson* Alfredo de Musset a todas as ternuras elegiacas d'essa poesia de arremedo que anda na moda e reduz as moedas de oiro sem liga dos grandes poetas ao troco de cobre, divisivel até ao extremo, dos liliputianos poetastros. Antes da Quaresma ha o Carnaval.

Ha uma crise nos seculos como nos homens. É quando a poesia cegou deslumbrada de fitar-se no myticismo e cahiu do céo sentindo exhaustas as suas azas de oiro.

O poeta acorda na terra. Demais, o poeta é homem: *Homo sum*, como dizia o celebre Romano. Vê, ouve, sente e, o que é mais, sonha de noite as bellas visões palpaveis de acordado. Tem nervos, tem fibra e tem arterias — isto é, antes e depois de ser um ente idealista, é um ente que tem corpo. E, digão o que quizerem, sem esses elementos, que sou o primeiro a reconhecer muito prosaicos, não ha poesia.

O que acontece? Na exhaustão causada pelo sentimentalismo, a alma ainda tremula e resoante da febre do sangue, a alma que ama e canta, porque sua vida é amor e canto, o que póde senão fazer o poema dos amores da vida real? Poema talvez novo, mas que en-

cerra em si muita verdade e muita natureza, e que sem ser obsceno póde ser erotico, sem ser monotono. Digão e creião o que quizerem: — todo o vaporoso da visão abstracta não interessa tanto como a realidade formosa da bella mulher a quem amamos.

O poema então começa pelos ultimos crepusculos do mysticismo, brilhando sobre a vida como a tarde sobre a terra. A poesia purissima banha com seu reflexo ideal a belleza sensivel e núa.

Depois a doença da vida, que não dá ao mundo objectivo côres tão azuladas como o nome britannico de *blue devils*, descarna e injecta de fel cada vez mais o coração. Nos mesmos labios onde suspirava a monodia amorosa, vem a satyra que morde.

É assim. Depois dos poemas epicos, Homero escreveu o poema ironico. Gœthe depois de Werther creou o Faust. Despois da Parisina e o Giaour de Byron vem o Cain e Don Juan — Don Juan que começa como Cain pelo amor e acaba como elle pela descrença venenosa e sarcastica.

Agora basta.

Ficarás tão adiantado, meu leitor, como se não lesses essas paginas, destinadas a não serem lidas. Deus me perdôe! assim é tudo!... até prefacios!

Á MINHA MÃI

Se a terra é adorada, a mãi não é mais digna de veneração.

Digest of hindu law

Como as flôres de uma arvore silvestre
Se esfolhão sobre a leiva que deu vida
A seus ramos sem fructo,
Ó minha doce mãi, sobre teu seio
Deixa que d'essa pallida corôa
Das minhas phantasias
Eu desfolhe tambem, frias, sem cheiro,
Flôres da minha vida, murchas flôres
Que só orvalha o pranto!

PRIMEIRA PARTE

NO MAR

Les étoiles s'allument au ciel, et la brise du soir erre doucement parmi les fleurs : rêvez, chantez et soupirez.

GEORGE SAND.

Era de noite : — dormias
Do sonho nas melodias,
Ao fresco da viração,
Embalada na falua,
Ao frio clarão da lua,
Aos ais do meu coração!

Ah! que véo de pallidez
Da langue face na tez!
Como teus seios revoltos
Te palpitavão sonhando!
Como eu scismava beijando
Teus negros cabellos soltos!

Sonhavas? — eu não dormia:
A minh' alma se embebia
Em tua alma pensativa!
E tremias, bella amante,
A meus beijos, semelhante
As folhas da sensitiva!

E que noite! que luar!
E que ardentias no mar!
E que perfumes no vento!
Que vida que se bebia
Na noite que parecia
Suspirar de sentimento!

Minha rôla, ó minha flôr,
O' madresilva de amor,
Como eras saudosa então!
Como pallida sorrias

E no meu peito dormias
Aos ais do meu coração!

E que noite! que luar!
Como a brisa a soluçar
Se desmaiava de amor!
Como toda evaporava
Perfumes que respirava
Nas larangeiras em flôr!

Suspiravas? que suspiro!
Ai que ainda me deliro
Entrevendo a imagem tua
Ao fresco da viração,
Aos ais do meu coração,
Embalada na falua!

Como virgem que desmaia,
Dormia a onda na praia!...
Tua alma de sonhos cheia
Era tão pura, dormente,
Como a vaga transparente
Sobre seu leito de areia!

Era de noite: — dormias

Do sonho nas melodias,
Ao fresco da viração,
Embalada na falua,
Ao frio clarão da lua,
Aos ais do meu coração

SONHANDO

Hier, la nuit d'été, qui nous prêtait ses voiles,
Etait digne de toi, tant elle avait d'étoiles!

V. Hugo.

Na praia deserta que a lua branqueia,
Que mimo! que rosa! que filha de Deus!
Tão pallida ... ao vêl-a meu ser devancia,
Suffoco nos labios os halitos meus!
Não corras na areia,
Não corras assim...
Donzella, onde vaes?
Tem pena de mim!

A praia é tão longa! e a onda bravia
As roupas de gaze te molha de escuma...
De noite, aos serenos, a areia é tão fria...
Tão humido o vento que os ares perfuma!
És tão doentia...
Não corras assim...
Donzella, onde vaes?
Tem pena de mim!

A briza teus negros cabellos soltou,
O orvalho da face te esfria o suor,
Teus seios palpitão ... a brisa os roçou,
Beijou-os, suspira, desmaia de amor!
Teu pé tropeçou....
Não corras assim...
Donzella, onde vaes?
Tem pena de mim!

E o pallido mimo da minha paixão
N'um longo soluço tremeu e parou,
Sentou-se na praia, sózinha no chão,
A mão regelada no collo pousou!
Que tens, coração,
Que tremes assim?
Cançaste, donzella?
Tem pena de mim!

Deitou-se na areia que a vaga molhou.
Immovel e branca na praia dormia;
Mas nem os seus olhos o somno fechou
E nem o seu collo de neve tremia...
O seio gelou?...
Não durmas assim...
O' pallida fria,
Tem pena de mim!

Dormia: — na fronte que niveo suar...
Que mão regelada no languido peito...
Não era mais alvo seu leito do mar,
Não era mais frio seu gelido leito!
Nem um resomnar...
Não durmas assim...
O pallida fria,
Tem pena de mim!

Aqui no meu peito vem antes sonhar
Nos longos suspiros do meu coração:
Eu quero em meus labios teu seio aquentar,
Teu collo, essas faces e a gelida mão...
Não durmas no mar!
Não durmas assim...
Estatua sem vida,
Tem pena de mim!

E a vaga crescia, seu corpo banhando,
As candidas fórmas movendo de leve!
E eu vi-a suave nas agoas boiando
Com soltos cabellos nas roupas de neve!
Nas vagas sonhando
Não durmas assim...
Donzella, onde vaes?
Tem pena de mim!

E a imagem da virgem nas agoas do mar
Brilhava tão branca no limpido véo...
Nem mais transparente luzia o luar
No ambiente sem nuvens da noite do céo!
Nas agoas do mar
Não durmas assim...
Não morras, donzella,
Espera por mim!

SCISMAR

Falla-me, anjo de luz! és glorioso
A minha vista na janella á noite,
Como divino alado mensageiro
Ao ebrioso olhar dos frouxos olhos
Do homem, que se ajoelha para vel-o,
Quando resvala em preguiçosas nuvens,
Ou navega no seio do ar da noite.

Romeo.

Ai! quando de noite, sózinha á janella,
Co' a face na mão te vejo ao luar,
Porque, suspirando, tu sonhas, donzella?
A noite vae bella,
E a vista desmaia
Ao longe na praia
Do mar!

Por quem essa lagrima orvalha-te os dedos,
Como agoa da chuva cheiroso jasmim?
Na scisma que anjinho te conta segredos?
Que pallidos medos?
Suave morena,
Acaso tens pena
De mim?

Donzella sombria, na briza não sentes
A dôr que um suspiro em meus labios tremeu?
E a noite, que inspira no seio dos entes
Os sonhos ardentes,
Não diz-te que a voz
Que falla-te a sós
Sou eu?

Acorda! não durmas da scisma no véo!
Amemos, vivamos, que amor é sonhar!
Um beijo, donzella! Não ouves? no céo
A briza gemeu...
As vagas murmurão...
As folhas susurrão:
Amar!

AI JESUS!

Ai Jesus! não vês que gemo,
Que desmaio de paixão
Pelos teus olhos azues?
Que empallideço, que tremo,
Que me expira o coração?
Ai Jesus!

Que por um olhar, donzella,
Eu poderia morrer
Dos teus olhos pela luz?
Que morte! que morte bella!
Antes seria viver!
Ai Jesus!

Que por um beijo perdido
Eu de gozo morreria
Em teus niveos seios nús?
Que no oceano d'um gemido
Minh'alma se afogaria?
Ai Jesus!

ANJINHO

And from her fresh and unpolluted flesh
May violets spring!

Hamlet.

Não chorem... que não morreu
Era um anjinho do céo
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou!

Pobre criança! dormia:
A belleza reluzia
No carmim da face d'ella!

Tinha uns olhos que choravão,
Tinha uns risos que encantavão!...
Ai meu Deus! era tão bella

Um anjo d'azas azues,
Todo vestido de luz,
Sussurrou-lhe n'um segredo
Os mysterios d'outra vida!
E a criança adormecida
Sorria de se ir tão cedo!

Tão cedo! que ainda o mundo
O labio visguento, immundo,
Lhe não passára na roupa!
Que só o vento do céo
Batia do barco seu
As vélas d'ouro da poupa!

Tão cedo! que o vestuario
Levou do anjo solitario
Que velava seu dormir!
Que lhe beijava risonho
E essa florzinha no sonho
Toda orvalhava no abrir!

Não chorem! lembro-me ainda

Como a criança era linda
No fresco da facesinha!
Com seus labios azulados,
Com os seus olhos vidrados
Como de morta andorinha!

Pobresinho! o que soffreu!
Como convulso tremeu
Na febre d'essa agonia!
Nem gemia o anjo lindo,
Só os olhos expandindo
Olhar alguem parecia!

Era um canto de esperança
Que embalava essa criança?
Alguma estrella perdida,
Do céo c'roada donzella....
Toda a chorar-se por ella
Que a chamava d'outra vida?

Não chorem... que não morreu!
Que era um anjinho do céo
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou!

Era uma alma que dormia
Da noite na ventania
E que uma fada acordou!
Era uma flôr de palmeira
Na sua manhã primeira
Que um céo d'inverno murchou!

Não chorem! abandonada
Pela rosa perfumada,
Tendo no labio um sorriso,
Ella se foi mergulhar
— Como perola no mar —
Nos sonhos do paraiso!

Não chorem! chora o jardim
Quando murchado o jasmim
Sobre o seio lhe pendeu?
E pranteia a noite bella
Pelo astro ou a donzella,
Mortos na terra ou no céo?

Chorão as flôres no afan
Quando a ave da manhan
Estremece, cae, esfria?
Chora o onda quando vê

A boiar uma irerê
Morta ao sol do meio-dia?

Não chorem!.. que não morreu!
Era um anjinho do céo
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou!

ANJOS DO MAR

As ondas são anjos que dormem no mar,
Que tremem, palpitão, banhados de luz ...
São anjos que dormem, a rir e sonhar
E em leito d'escuma revolvem-se nús!

E quando, de noite, vem pallida a lua
Seus raios incertos tremer, pratear...
E a trança luzente da nuvem fluctua...
As ondas são anjos que dormem no mar!

Que dormem, que sonhão... e o vento dos céos
Vem tépido, á noite, nos seios beijar!...

São meigos anjinhos, são filhos de Deus,
Que ao fresco se embalão do seio do mar!

E quando nas agoas os ventos suspirão,
São puros fervores de ventos e mar...
São beijos que queimão... e as noites delirão
E os pobres anjinhos estão a chorar!

Ai! quando tu sentes dos mares na flôr
Os ventos e vagas gemer, palpitar...
Porque não consentes, n'um beijo de amor,
Que eu diga-te os sonhos dos anjos do mar?

I

Tenho um seio que delira
Como as tuas harmonias!
Que treme quando suspira,
Que geme como gemias!

II

Tenho musicas ardentes,
Ais do meu amor insano,
Que palpitão mais dormentes
Do que os sons do teu piano!

III

Tenho cordas argentinas
Que a noite faz acordar,
Como as nuvens peregrinas
Das gaivotas do alto mar!

IV

Como a teus dedos lindinhos
O teu piano gemeu,
Vibra-me o seio aos dedinhos
Dos anjos loiros do céo!

V

Vibra á noite no mysterio,
Se o banha o frouxo luar,
Se passa teu rosto aerêo
No vaporoso sonhar!

VI

Como tremem teus dedinhos
O saudoso piano teu,
Vibrão-me n'alma os anjinhos,
Os anjos loiros do çéo!

A CANTIGA DE SERTANEJO

Love me and leave me not.
SHAKSPEARE. *Merch. of Venice*

Donzella! se tu quizeras
Ser a flôr das primaveras
Que tenho no coração:
E se ouviras o desejo
Do amoroso sertanejo
Que descora de paixão!...

Se tu viesses co'migo
Das serras ao desabrigo

Aprender o que é amar...
— Ouvil-o no frio vento,
Das aves no sentimento,
Nas agoas e no luar!...

— Ouvil-o n'essa viola,
Onde a modinha hespanhola
Sabe carpir e gemer!...
Que pelas horas perdidas
Tem cantigas doloridas,
Muito amor! muito doer...

Pobre amor! o sertanejo
Tem apenas seu desejo
E as noites bellas do val!...
Só o ponche adamascado,
O trabuco prateado
E o ferro de seu punhal!...

E tem as lendas antigas
E as desmaiadas cantigas
Que fazem de amor gemer!...
E nas noites indolentes
Bebo canticos ardentes
Que fazem estremecer!...

Tem mais ... na selva sombria
Das florestas a harmonia,
Onde passa a voz de Deus,
E aos relentos da serra
Pernoita na sua terra,
No leito dos sonhos seus!

Se tu viesses, donzella,
Verias que a vida é bella
No deserto do sertão:
Lá tem mais aroma as flôres
E mais amor os amores
Que fallão no coração!

Se viesses innocente
Adormecer docemente
A noite no peito meu!...
E se quizesses comigo
Vir sonhar no desabrigo
Com os anjinhos do céo!

É doce na minha terra
Andar, scismando, na serra
Cheia de aroma e de luz,
Sentindo todas as flôres,

Bebendo amor nos amores
Das borboletas azues!

Os veados da campina
Na lagôa, entre a neblina,
São tão lindos a beber! ...
Da torrente nas corôas
Ao deslizar das canôas
É tão doce adormecer!...

Ah! se viesses, donzella,
Verias que a vida é bella
No silencio do sertão!
Ai!... morena, se quizeras
Ser a flôr das primaveras
Que tenho no coração...

Junto ás agoas da torrente
Sonharias indolente
Como n'um seio d'irmã! ...
— Sobre o leito de verduras
O beijo das creaturas
Suspira com mais afan! ...

E da noitinha as aragens
Bebem nas flôres selvagens

Effluviosa fresquidão!...
Os olhos tem mais ternura
E os ais da formosura
Se embebem no coração!...

E na caverna sombria
Tem um ai mais harmonia
E mais fogo o suspirar!...
Mais fervoroso o desejo
Vae sobre os labios n'um beijo
Enlouquecer, desmaiar!...

E da noite nas ternuras
A paixão tem mais venturas
E falla com mais ardor!...
E os perfumes, o luar,
E as aves a suspirar,
Tudo canta e diz — amor!

Ah! vem! amemos! vivamos!
O enlevo do amor bebamos
Nos perfumes do sertão!
Ah! virgem, se tu quizeras
Ser a flôr das primaveras
Que tenho no coração!...

Dreams! dreams! dreams!
W. COWPER.

Quando, à noite, no leito perfumado
Languida fronte no sonhar reclinas,
No vapor da illusão porque te orvalha
Pranto de amor as palpebras divinas?

E, quando eu te comtemplo adormecida
Solto o cabello no suave leito,
Porque um suspiro tépido resomna
E desmaia suavissimo em teu peito?

Virgem do meu amor, o beijo a furto
Que pouso em tua face adormecida

Não te lembra no peito os meus amores
E a febre do sonhar de minha vida?

Dorme, ó anjo de amor! no teu silencio
O meu peito se afoga de ternura...
E sinto que o porvir não vale um beijo
E o céo um teu suspiro de ventura!

Um beijo divinal que accende as veias,
Que de encantos os olhos illumina,
Colhido a mêdo, como flôr da noite,
Do teu labio na rosa purpurina...

E um volver de teus olhos transparentes,
Um olhar d'essa palpebra sombria
Talvez podessem reviver-me n'alma
As santas illusões de que eu vivia!

O POETA

Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur!

A. DE MUSSET.

Era uma noite : — eu dormia...
E nos meus sonhos revia
As illusões que sonhei!
E ao meu lado senti...
Meu Deus! porque não morri?
Porque do somno acordei?

No meu leito adormecida,
Palpitante e abatida
A amante de meu amor...

Os cabellos recendendo
Nas minhas faces correndo,
Como o luar n'uma flôr!

Senti-lhe o collo cheiroso
Arquejando sequioso
E nos labios, que entr'abria
Languida respiração,
Um sonho do coração
Que suspirando morria!

Não era um sonho mentido:
Meu coração illudido
O sentiu e não sonhou...
E sentiu que se perdia
N'uma dôr que não sabia...
Nem ao menos a beijou!

Soluçou o peito ardente,
Sentiu que a alma demente
Lhe desmaiava a tremer,
Embriagou-se de enleio,
No somno d'aquelle seio
Pensou que elle ia morrer!

Que divino pensamento

Que vida n'um só momento
Dentro do peito sentiu...
Não sei !.. Dorme no passado
Meu pobre sonho doirado...
Esperança que mentiu...

Sabem as noites do céo
E as luas brancas sem véo
Os prantos que derramei!
Contem do valle as florinhas
Esse amor das noites minhas!
Ellas sim... que eu não direi!

E se eu tremendo, senhora,
Viesse pallido agora
Lembrar-vos o sonho meu,
Com a fronte descorada
E com a voz suffocada
Dizer-vos baixo : — Sou eu!

Sou eu! que não esqueci
A noite que não dormi,
Que não foi uma illusão!
Sou eu que sinto morrer
A esperança de viver...
Que o sinto no coração!

Ririeis das esperanças,
Das minhas loucas lembranças,
Que me desmaião assim?
Ou então, de noite, a medo
Chorarieis em segredo
Uma lagrima por mim!

Dorme, meu coração! em paz esquece
Tudo, tudo que amaste n'este mundo!
Sonho fallaz de timida esperança
Não interrompa teu dormir profundo!

Traducção do Dr. Octaviano.

Fui um doudo em sonhar tantos amores...
Que loucura, meu Deus!
Em expandir-lhe aos pés, pobre insensato,
Todos os sonhos meus!

E ella, triste mulher, ella tão bella,
Dos seus annos na flôr,
Porque havia sagrar pelos meus sonhos
Um suspiro de amor?

Um beijo — um beijo só! eu não pedia
Senão um beijo seu

E nas horas do amor e do silencio
Juntal-a ao peito meu!

Foi mais uma illusão! de minha fronte
Rosa que desbotou,
Uma estrella de vida e de futuro
Que riu... e desmaiou!

Meu triste coração, é tempo, dorme,
Dorme no peito meu!
Do ultimo sonho despertei e n'alma
Tudo! tudo morreu!

Meu Deus! porque sonhei e assim por ella
Perdi a noite ardente...
Se devia acordar d'essa esperança,
E o sonho era demente?...

Eu nada lhe pedi: ousei apenas
Junto d'ella, á noitinha,

Nos meus delirios apertar tremendo
A sua mão na minha!

Adeus, pobre mulher! no meu silencio
Sinto que morrerei...
Se rias d'esse amor que te votava,
Deus sabe se te amei!

Se te amei! se minha alma só queria
Pela tua viver,
No silencio do amor e da ventura
Nos teus labios morrer!

Mas vota ao menos no iembrar saudoso
Um ai ao sonhador...
Deus sabe se te amei!... Não te maldigo,
Maldigo o meu amor!...

Mas não... inda uma vez... Não posso ainda
Dizer o eterno adeus
E a sangue-frio renegar dos sonhos
E blasphemar de Deus!

Oh! falla-me de amor !.. eu quero crer-te
Um momento sequer...
E esperar na ventura e nos amores
N'um olhar de mulher!

Só um olhar por compaixão te peço,
Um olhar, mas bem languido, bem terno...
. . . . . .
Quero um olhar que me arrebate o siso,
Me queime o sangue, m'escureça os olhos,
Me torne delirante!

ALMEIDA FREITAS.

Sur votre main jamais votre front ne se pose,
Brûlant, chargé d'ennuis, ne pouvant soutenir
Le poids d'un douloureux et cruel souvenir;
Votre cœur virginal en lui-même repose.

TH. GAUTHIER.

Ricorditi de mi. . . . .

DANTE, *Purgatorio.*

Quando fallo comtigo, no meu peito
Esquece-me esta dôr que me consome:
Talvez corre o prazer nas fibras d'alma:
E eu ouso ainda murmurar teu nome!

Que existencia, mulher! se tu souberas
A dôr de coração do teu amante

E os ais que pela noite, no silencio,
Arquejão no seu peito delirante!

E quanto soffre e padeceu... e a febre
Como seus labios desbotou na vida...
E sua alma cançou na dôr convulsa
E adormeceu na cinza consumida!

Talvez terias dó da magoa insana
Que minh'alma votou ao desalento...:
E consentiras, ó virgem dos amores,
Descançar-me no seio um só momento!

Sou um doudo talvez de assim amar-te,
De murchar minha vida no delirio...
Se nos sonhos de amor nunca tremeste,
Sonhando meu amor e meu martyrio...

E não pude, febril e de joelhos,
Com a mente abrasada e consumida,
Contar-te as esperanças do meu peito
E as doces illusões de minha vida!

Oh! quando eu te fitei, sedento e louco,
Teu olhar que meus senhos alumia,

Eu não sei se era vida o que minh'alma
Enlevava de amor e adormecia!

Oh! nunca em fogo teu ardente seio
A meu peito juntei que amor definha!
A furto apenas eu senti medrosa
Tua gelida mão tremer na minha!...

Tem pena, anjo de Deus! deixa que eu sinta
N'um beijo esta minh' alma enlouquecer
E que eu viva de amor nos teus joelhos
E morra no teu seio o meu viver!

Sou um doudo, meu Deus! mas no meu peito
Tu sabes se uma dôr, se uma lembrança
Não queria calar-se a um beijo d'ella,
Nos seios d'essa pallida criança!

Se n'um languido olhar, no véo de gozo,
Os olhos de Hespanhola a furto abrindo
Eu não tremia... o coração ardente
No peito exhausto remoçar sentindo!

Se no momento ephemero e divino
Em que a virgem prantêa desmaiando

E a c'rôa virginal a noiva esfolha,
Eu queria a seus pés morrer chorando!

Adeus! rasgou-se a pagina saudosa
Que teu porvir de amor no meu fundia,
Gelou-se no meu sangue moribundo
Essa gota final de que eu vivia!

Adeus, anjo de amor! tu não mentiste!
Foi minha essa illusão e o sonho ardente
Sinto que morrerei... tu, dorme e sonha
No amor dos anjos, pallida innocente!

Mas um dia... se a nodoa da existencia
Murchar teu calix orvalhoso e cheio,
Flôr que não respirei, que amei sonhando,
Tem saudades de mim que eu te pranteio!

NA MINHA TERRA

Laisse-toi donc aimer! Oh! l'amour c'est la vie!
C'est tout ce qu'on regrette et tout ce qu'on envie,
Quand on voit sa jeunesse au couchant décliner!
. . . . . .
La beauté c'est le front, l'amour c'est la couronne,
Laisse-toi couronner!

V. Hugo.

I

Amo o vento da noite susurrante
A tremer nos pinheiros
E a cantiga do pobre caminhante
No rancho dos tropeiros;

E os monotonos sons da uma viola
No tardio verão

E a estrada que além se desenrola
No véo da escuridão;

A restinga d'areia onde rebenta
O oceano a bramir,
Onde a lua na praia macilenta
Vem pallida luzir;

E a nevoa e flôres e o doce ar cheiroso
Do amanhecer na serra
E o céo azul e o manto nebuloso
Do céo de minha terra;

E o longo valle de florinhas cheio
E a nevoa que desceu,
Como véo de donzella em branco seio,
As estrellas do céo.

II

Não é mais bella, não, a argentea praia
Que beija o mar do sul,
Onde eterno perfume a flôr desmaia
E o céo é sempre azul;

Onde os serros phantasticos roxeião
Nas tardes de verão
E os suspiros nos labios incendeião
E pulsa o coração!

Sonho da vida que doirou e azula
A fada dos amores,
Onde a mangueira ao vento que tremula
Sacode as brancas flores...

E é saudoso viver n'essa dormencia
Do languido sentir,
Nos enganos suaves da existencia
Sentido-se dormir...

Mais formosa não é, não doire embora
O verão tropical
Com seus rubores... a alvacenta aurora
Da montanha natal...

Nem tão doirada se levante a lua
Pela noite do céo,
Mas venha triste, pensativa e núa
Do pratéado véo...

Que me importa? se as tardes purpurinas
E as auroras d'alli

Não derão luz ás diaphanas cortinas
Do leito onde eu nasci?

Se adormeço tranquillo no teu seio
E perfuma-se a flôr,
Que Deus abriu no peito do poeta,
Gotejante de amor?

Minha terra sombria, és sempre bella,
Inda pallida a vida
Como o somno innocente da donzella
No deserto dormida!

No italiano ceo nem mais suaves
São da noite os amores,
Não tem mais fogo os canticos das aves
Nem tem mais flôres!

III

Quando o genio da noite vaporosa
Pela encosta bravia
Na larangeira em flôr toda orvalhosa
De aroma se inebria...

No luar junto á sombra recendente
De um arvoredo em flôr,
Que saudades e amor que influe na mente
Da montanha o frescor!

E quando, á noite, no luar saudoso
Minha pallida amante
Ergue seus olhos humidos de gozo
E o labio palpitante...

Cheia da argentea luz do firmamento,
Orando por seu Deus,
Então... eu curvo a fronte ao sentimento
Sobre os joelhos seus...

E quando sua voz entre harmonias
Suffoca-se de amor
E dobra a fronte bella de magias
Como pallida flôr...

E a alma pura nos seus olhos brilha
Em desmaiado véo,
Como de um anjo na cheirosa trilha
Respiro o amor do céo!

Melhor a viração uma por uma
Vem as folhas tremer...

E a floresta saudosa se perfuma
Pela noite no morrer...

E eu amo as flôres e o doce ar mimoso
Do amanhecer da serra
o céo azul e o manto nebuloso
Do céo da minha terra!

ITALIA

AO MEU AMIGO O CONDE DE FÉ

Veder Napoli e poi morir.

Lá na terra da vida e dos amores
Eu podia viver inda um momento...
Adormecer ao sol da primavera
Sobre o collo das virgens de Sorrento!

Eu podia viver; — e porventura
Nos luares do amor amar a vida,

Dilatar-se minh'alma como o seio
Do pallido Romeo na despedida!

Eu podia na sombra dos amores
Tremer n'um beijo o coração sedento...
Nos seios da donzella delirante
Eu podia viver inda um momento!

Ó anjo de meu Deus! se nos meus sonhos
Não mentia o reflexo da ventura
E se Deus me fadou n'esta existencia
Um instante de enlevo e de ternura...

Lá entre os laranjaes, entre os loureiros,
Lá onde a noite seu aroma espalha,
Nas longas praias onde o mar suspira
Minh' alma exhalarei no céo da Italia!

Vêr a Italia e morrer!... Entre meus sonhos
Eu vejo-a de volupia adormecida...
Nas tardes vaporentas se perfuma
E dorme, á noite, na illusão da vida!

E, se eu devo expirar nos meus amores
N'uns olhos de mulher amor bebendo,

Seja aos pés da morena Italiana,
Ouvindo-a suspirar, inda morrendo.

Lá na terra da vida e dos amores
Eu podia viver inda um momento,
Adormecer ao sol da primavera
Sobre o collo das virgens de Sorrento!

II

A Italia! sempre a Italia delirante!
E os ardentes saráos e as noites bellas!
A Italia do prazer, do amor insano,
Do sonho fervoroso das donzellas!

E a gondola sombria resvalando,
Cheia de amor, de canticos e flores...
E a vaga que suspira, á meia noite,
Embalando o mysterio dos amores!

Ama-te o sol, ó terra da harmonia,
Do levante na briza te perfumas,
Nas praias de ventura e primavera
Vae o mar estender seu véo d'escumas!

Vae a lua sedenta e vagabunda
O teu berço banhar na luz saudosa,
As tuas noites estrellar de sonhos
E beijar-te na fronte vaporosa!

Patria do meu amor! terra das glorias
Que o genio consagrou, que sonha o povo...
Agora que murchárão teus loureiros
Fôra doce em teu seio amar de novo...

Amar tuas montanhas e as torrentes
E esse mar onde boia alcion dormindo,
Onde as ilhas se azulão no occidente,
Como nuvens, á tarde, se esvaindo...

Aonde, á noite, o pescador moreno
Pela bahia no batel se escôa...
E murmurando, nas canções de Armida,
Treme aos fogos errantes da canôa...

Onde amou Raphael, onde sonhava
No seio ardente da mulher divina
E talvez desmaiou no teu perfume
E suspirou com elle a Fornarina...

E juntos, ao luar, n'um beijo errante
Desfolhavão os sonhos da ventura

E bebião na lua e no silencio
Os effluvios de tua formosura!

Ó anjo de meu Deus, se nos meus sonhos
A promessa do amor me não mentia,
Concede um pouco ao infeliz poeta
Uma hora da illusão que o embebia!

Concede ao sonhador, que tão somente
Entre delirios palpitou d'enleio,
N'uma hora de paixão e de harmonia
D'essa Italia do amor morrer no seio!

Oh! na terra da vida e dos amores
Eu podia sonhar inda um momento,
Nos seios da donzella delirante
Apertar o meu peito macilento!

Maio, 1851. — S. Paulo.

A T...

No amor basta uma noite para fazer de um homen um Deus.

PROPERCIO

Amoroso pallor meu rosto inunda,
Morbida languidez me banha os olhos,
Ardem sem somno as palpebras doridas,
Convulsivo tremor meu corpo vibra...
Quanto soffro por ti! Nas longas noites
Adoeço de amor e de desejos...
E nos meus sonhos desmaiando passa
A imagem voluptuosa da ventura:
Eu sinto-a de paixão encher a briza,
Embalsamar a noite e o céo sem nuvens;

E ella mesma suave descorando
Os alvacentos véos soltar do collo,
Cheirosas flores desparzir sorrindo
Da magica cintura.

Sinto na fronte pétalas de flores,
Sinto-as nos labios e de amor suspiro...
Mas flores e perfumes embriagão...
E no fogo da febre e em meu delirio
Embebem na minh' alma enamorada
Delicioso veneno.

Estrella do mysterio! em tua fronte
Os céos revela e mostra-me na terra...
Como um anjo que dorme, a tua imagem
E teus encantos, onde amor estende
N'essa morena tez a côr de rosa.
Meu amor, minha vida, eu soffro tanto!
O fogo de teus olhos me fascina,
O languor de teus olhos me enlanguece,
Cada suspiro que te abala o seio
Vem no meu peito enlouquecer minh'alma!

Ah! vem, pallida virgem, se tens pena
De quem morre por ti e morre amando,
Dá vida em teu alento a minha vida,
Une nos labios meus minh' alma á tua!
Eu quero ao pé de ti sentir o mundo

Na tu' alma infantil, na tua fronte
Beijar a luz de Deus, nos teus suspiros
Sentir as viraçõe do paraiso...
E a teus pés, de joelhos, crer ainda
Que não mente o amor que um anjo inspira,
Que eu posso na tu' alma ser ditoso,
Beijar-te nos cabellos soluçando
E no teu seio ser feliz morrendo!

Dezembro, 1851.

CREPUSCULO DO MAR

Que rêves-tu plus beau sur ces lointaines plages
Que cette chaste mer qui baigne nos rivages?
Que ces mornes couverts de bois silencieux,
Autels d'où nos parfums s'élèvent dans les cieux?

LAMARTINE.

No céo brilhante do poente em fogo
Com aureola ardente o sol dormia,
Do mar doirado nas vermelhas ondas
Purpureo se escondia.

Como da noite o bafo sobre as agoas
Que o reflexo da tarde incendiava,
Só a idéa de Deus e do infinito
No oceano boiava!

Como é doce viver nas longas praias
N'estas ondas e sol e ventania!
Como ao triste scismar encanto aéreo
Nas sombras preludia!

O painel luminoso do horizonte
Como as candidas sombras alumia
Dos phantasmas de amor que nós amámos
Na ventura de um dia!

Como voltão gemendo e nebulosas,
Brancas as roupas, desmaiado o seio,
Inda uma vez a murmurar nos sonhos
As palavras do enleio!...

Aqui nas praias, onde o mar rebenta
E a escuma no morrer os seios rola,
Virei sentar-me no silencio puro
Que o meu peito consola!

Sonharei ... lá emquanto, no crepusculo,
Como um globo de fogo o sol se abysma
E o céo lampeja no clarão medonho
De negro cataclysma...

Emquanto a ventania se levanta
E no occidente o arrebol se atêa

No cinabrio do empyreo derramando
A nuvem que roxêa...

Hora solemne das idéas santas
Que embala o sonhador nas phantasias,
Quando a taça do amor embebe os labios
Do anjo das utopias!

Oceano de Deus! Que moribundo
A cantiga do nauta mais sentida
Tão triste suspirou nas tuas ondas,
Como um adeus á vida?

Que náo cheia de gloria e d'esperanças,
Floreando ao vento a rúbidabandeira,
Na luz do incendio rebentou bramindo
Na vaga sobranceira?

Porque ao sol da manhã e ao ar da noite
Essa triste canção, eterna, escura,
Como um threno de sombra e de agonia,
Nos teus labios murmura?

É vermelho de sangue o céo da noite,
Que na luz do crepusculo se banha:
Que planeta do céo do roto seio
Golfeja luz tamanha?

Que mundo em fogo foi bater correndo
Ao peito de outro mundo; — e uma torrente
De medonho clarão rasgou no ether
E jorra sangue ardente?

Onde as nuvens do céo voão dormindo,
Que doirada mansão de aves divinas
N'um véo purpureo se enlutou rolando
Ao vento das ruinas?

CREPUSCULOS NAS MONTANHAS

Pallida estrella, casto olhar da noite, diamante luminoso na fronte azul do crepusculo, o que vês na planicie?

OSSIAN.

I

Além serpêa o dorso pardacento
Da longa serrania,
Rubro flammêa o véo sanguinolento
Da tarde na agonia.

No cinéreo vapor o céo desbota
N'um azulado incerto,

No ar se afóga desmaiando a nota
Do sino do deserto...

Vim alentar meu coração saudoso
No vento das campinas,
Emquanto n'esse manto luctuoso
Pallida te reclinas

E morre em teu silencio, ó tarde bella,
Das folhas o rumor...
E late o pardo cão que os passos vela
Do tardio pastor!

II

Pallida estrella! o canto do crepusculo
Acorda-te no céo,
Ergue-te nua na floresta morta
Do teu doirado véo!

Ergue-te!.. eu vim por ti e pela tarde
Pelos campos errar,
Sentir o vento, respirando a vida
E livre suspirar.

E'mais puro o perfume das montanhas
Da tarde no cahir...
Quando o vento da noite agita as folhas
É doce o teu luzir!

Estrella do pastor, no véo doirado
Acorda-te na serra,
Inda mais bella no azulado fogo
Do céo da minha terra!

III

Estrella d'oiro, no purpureo leito
Da irmã da noite, branca e peregrina
No firmamento azul derramas dia
Que as almas illumina!

Abre o seio de perola, transpira
Esse raio de luz que a mente inflamma!
Esse raio de amor que ungiu meus labios
No meu peito derrama!

IV

Lo bel pianeta che ad amar conforta
Faceva tudo rider l'oriente.

DANTE. *Purgatorio*.

Estrellinhas azues do céo vermelho,
Lagrimas d'oiro sobre o véo da tarde,
Que olhar celeste em palpebra divina
Vos derramou tremendo?

Quem, á tarde, chrysolithas ardentes,
Estrellas brancas, vos sagrou saudosas
Da fronte d'ella na azulada c'rôa
Como aureola viva?

Forão anjos de amor, que vagabundos
Com saudades do céo vagão gemendo
E as lagrimas de fogo dos amores
Sobre as nuvens pranteão?

Creaturas da sombra e do mysterio,
Ou no purpureo céo doureis a tarde,

Ou pela noite scintilleis medrosas,
Estrellas, eu vos amo!

E quando, exhausto o coração no peito
Do amor nas illusões espera e dorme,
Diaphanas vindes lhe doirar na mente
Á sombra da esperança!

Oh! quando o pobre sonhador medita
Do valle fresco no orvalhado leito,
Inveja ás aguias o perdido vôo
Para banhar-se no perfume ethereo...
E, n'essa argentea luz, no mar de amores
Onde entre sonhos e luar divino
A mão do Eterno vos lançou no espaço,
Respirar e viver!

DESALENTO

Porque haviels passar tão doces dias?
A. F. DE SERPA PIMENTEL.

Feliz d'aquelle que no livro d'alma
Não tem folhas escriptas
E nem saudade amarga, arrependida,
Nem lagrimas maldictas!

Feliz d'aquelle que de um anjo as tranças
Não respirou sequer
E nem bebeu effuvios descorando
N'uma voz de mulher...

E não sentiu — lhe a mão cheirosa e branca
Perdida em seus cabellos,

Nem resvalou do sonho deleitoso
A reaes pesadelos...

Quem nunca te beijou, flôr dos amores,
Flôr do meu coração,
E não pediu frescôr, febril e insano
Da noite á viração!

Ah! feliz quem dormiu no collo ardente
Da huri dos amores,
Que sofrego bebeu o orvalho santo
Das perfumadas flores...

E pôde vêl-a morta ou esquecida
Dos longos beijos seus,
Sem blasphemar das illusões mais puras
E sem rir-se de Deus!

Mas, n'esse doloroso soffrimento
Do pobre peito meu,
Sentir no coração que á dôr da vida
A esperança morreu!...

Que me resta, meu Deus? aos meus suspiros
Nem geme a viração...
E dentro, no deserto do meu peito,
Não dorme o coração!

PALLIDA INNOCENCIA

Cette image du ciel — innocence et beauté
LAMARTINE

Porque, pallida innocencia,
Os olhos teus em dormencia
A medo lanças em mim?
No aperto de minha mão
Que sonho do coração
Tremeu-te os seios assim?

E tuas fallas divinas
Em que amor languida afinas,
Em que languido sonhar?
E dormindo sem receio

Porque geme no teu seio
Ancioso suspirar?

Innocencia! quem dicera
De tua azul primavera
As tuas brizas de amor!
Oh! quem teus labios sentira
E que tremulo te abrira
Dos sonhos a tua flôr!

Quem te dera a esperança
De tua alma de criança,
Que perfuma teu dormir!
Quem dos sonhos te acordasse,
Que n'um beijo t'embalasse
Desmaiada no sentir!

Quem te amasse! e um momento
Respirando o teu alento
Recendesse os labios seus!
Quem lêra, divina e bella,
Teu romance de donzella
Cheio de amor e de Deus!

SONETO

Pallida, á luz da lampada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ella dormia!

Era a virgem do mar! na escuma fria
Pela maré das agoas embalada...
—Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bella! o seio palpitando...
Negros olhos, as palpebras abrindo...
Formas núas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti — as noites eu velei chorando,
Por ti — nos sonhos morrerei sorrindo!

ANIMA MEA

E como a vida é bella e doce e amavel
Não presta o espinhal a sombra ao leito
Do pastor do rebanho vagaroso,
Melhor que as sedas do lençol nocturno
Onde o pavido rei dormir não póde?

SHAKSPEARE, *Henr. IV*, 3ª *p.*

Quando nas séstas do verão saudoso
A sombra cae nos laranjaes do valle,
Onde o vento adormece e se perfuma...
E os raios d'oiro, scintillando vivos,
Como chuva encantada se gotejão
Nas folhas do arvoredo recendente,
Parece que de afan dorme a natura
E as aves silenciosas se mergulhão
No grato asylo da cheirosa sombra.

E que silencio então pelas campinas!...
A flôr aberta na manhã mimosa
E que os éstos do sol d'estio murchão
Cerra as folhas doridas e procura
Da grama no frescor doentio leito.

E' doce então das folhas no silencio
Penetrar o mysterio da floresta,
Ou reclinado á sombra da mangueira
Um momento dormir, sonhar um pouco!
Ninguem que turve os sonhos de mancebo,
Ninguem que o indolente adormecido
Roube das illusões que o acalentão
E do molle dormir o chame á vida!

E é tão doce dormir! é tão suave
Da modorra no collo embalsamado
Um momento tranquillo deslizar-se!
Creaturas de Deus se peregrinão
Invisiveis na terra, consolando
As almas que padecem... certamente
Que são anjos de Deus que aos seios tomam
A fronte do poeta que descança!

Ó florestas! ó relva amollecida,
A cuja sombra, em cujo doce leito

É tão macio descançar nos sonhos!
Arvoredos do valle! derramai-me
Sobre o corpo estendido na indolencia
O tépido frescor e o doce aroma!
E quando o vento vos tremer nos ramos
E sacudir-vos as abertas flores
Em chuva perfumada, concedei-me
Que enchão meu leito, minha face, a relva...
Onde o molle dormir a amor convida!

E tu, Ilná, vem pois! deixa em teu collo
Descance teu poeta: é tão divino
Sorver as illusões dos sonhos ledos,
Sentindo á briza teus cabellos soltos
Meu rosto encherem de perfume e gozo!

Tudo dorme, não vês? dorme co'migo,
Pousa na minha tua face bella
E o pallido setim da tez morena...
Fecha teus olhos languidos... no somno
Quero sentir os tumidos suspiros
De teu seio arquejar, morrer nos labios...
E no somno teu braço me enlaçando!

O' minha noiva, minha doce virgem,
No regaço da bella natureza,

Anjo de amor, reclina-te e descança!
N'este berço de flores tua vida
Limpida e pura correrá na sombra,
Como gota de mel em calix branco
Da flôr das selvas que ninguem respira.

Além , além nas arvores tranquillas
Uma voz acordou como um suspiro...
São ais sentidos de amorosa rôla
Que nos beijos de amor palpita e geme?
Ah! nem tão doce a rôla suspirando
Modula seus gemidos namorados,
Não trina assim tão longa e mollemente...
Em argentinas perolas o canto
Se exhala como as notas expirantes
De uma alma de mulher que chora e canta...

É a voz do sabiá : elle dormia
Ebrioso de harmonia e se embalava
No silencio, na briza e nos effluvios
Das flores de laranja... Ilná, ouviste?
É o canto saudoso da esperança,
É dos nossos amores a cantiga,
Que o aroma que exhalão teus cabellos,
Tua languida vóz... talvez lhe inspirão!

Vem, Ilná, dá-me um beijo : adormeçamos...

A cantilena do sabiá sombrio
Encanta as illusões, afaga o somno...
Oh! minha pensativa, descuidosa
Eu sinto a vida bella em teu regaço,
Sinto-a bella nas horas do silencio
Quando em teu collo me reclino e durmo...
E ainda os sonhos meus vivem comtigo!

Ah! vem, ó minha Ilná : sei harmonias
Que a noite ensina ao violão saudoso
E que a lua do mar influe na mente;
E quando eu vibro as cordas tremulosas,
Como alma de donzella que respira,
Côa nas vibrações tanta saudade,
Tanto sonho de amor esvaecido...
Que o terno coração acorda e geme
E os labios do poeta inda suspirão!

Anjo do meu amor! se os ais da virgem
Tem doçuras, tem lagrimas divinas,
É quando, no silencio e no mysterio,
Sobre o peito do amante se derramão
No suffocado alento os molles cantos...
— Cantos de amor, de sêde e d'esperanças
Que nos labios febris lhe afoga um beijo!

Ouves, Ilná?... meu violão palpita :

Quero lembra um cantico de amores...
Fôra doce ao poeta, teu amante,
Nos ais ardentes das maviosas fibras
Ouvir os teus alentos de mistura
E as molles vibrações da cantilena
Este meu peito remoçar um pouco!
Virgem do meu amor! vem dar-me ainda
Um beijo! um beijo longo, transbordando
De mocidade e vida; e nos meus sonhos
Minh'alma acordará — sopro errabundo
Da alma da virgem tremerá meus seios...
E a doce aspiração dos meus amores
No condão da harmonia ha — de embalar-se!

A HARMONIA

Meu Deus! se ás vezes, na passada vida,
Eu tive sensações que emmudecião
Essa descrença que me dóe na vida
E, como orvalho que a manhã vapora,
Em seus raios de luz a Deus me erguião...
Foi quando ás vezes a modinha doce
Ao sol de minha terra me embalava
E quando as arias de Bellini pallido
Em labios de Italiana estremecião!

Oh! santa Malibran! fôra tão doce
Pelas noites suaves do silencio
Nas lagrimas de amor, nos teus suspiros,

Na agonia de um beijo, ouvir gemendo
Entre meus sonhos tua voz divina!

Oh! Paganini! quando moribundo
Inda a rabeca ao peito comprimias,
Se o halito de Deus, essa alma d'anjo
Que das fibras do peito cavernoso
Arquejava nas cordas entornando
Murmurios d'esperança e de ventura,
Se a alma de teu viver roçou passando
N'algum labio sedento de poesia,
N'uma alma de mulher adormecida,
Se algum seio tremeu a concebel-o...
Esse alento de vida e de futuro
— Foi o teu seio, Malibran divina!

Ah! se nunca te ouvi, se teus suspiros,
Desdêmona sentida e moribunda,
Nunca pude beber no teu exilio...
Nos sonhos virginaes senti ao menos
Tua pallida sombra vaporosa
N'esta fronte que a febre encandecêra
Depôr um beijo, suspirar passando!

Meu Deus! e, outr'ora, se um momento a vida
De poesia orvalhou meus pobres sonhos,
Foi n'uns suspiros de mulher saudosa,

Foi abatida, a fórma desmaiada,
Uma pobre infeliz que descorando
Fazia os prantos meus correr-me aos olhos!

Pobre! pobre mulher! esses mancebos
Que choravão por ti... quando gemias,
Quando sentias a tua alma ardente
No canto esvaecer, pallida e bella,
E teu labio afogar entre harmonias
— Almas que de tua alma se nutrião!
Que davão-te seus sonhos e amorosos
Desfolhavão-te aos pés a flôr da vida...
Ai quantas não sentiste palpitantes,
Nem ousando beijar teu véo d'esposa,
Nas longas noites nem sonhar comtigo!

E hoje riem de ti! da creatura
Que insana profanou as azas brancas!...
Que n'um riso sem dó, uma per uma,
Na torrente fatal soltava rindo,
E as sentia boiando solitarias...
As flores da corôa, como Ophelia!...
Que illudida do amor vendeu a gloria
E deu seu collo nú a beijo impuro...
Elles riem de ti!... mas eu, coitada,
Pranteio teu viver e te perdôo.

Fada branca de amor, que sina escura
Manchou no teu regaço as roupas santas?
Porque deixavas encostada ao seio
A cabeça febril do libertino?
Porque descias das regiões doiradas
E lançavas ao mar a rota lyra
Para vibrar tua alma em labios d'elle?
Porque foste gemer na orgia ardente
A santa inspiração de teus poetas...
Perder teu coração em vis amores?
Anjo branco de Deus, que sina escura
Manchou no teu regaço as roupas santas?

Pallida Italiana! hoje esquecida
O escarneo do plebeu murchou teus louros!
Tua voz se cançou nos dithyrambos...
E tu não voltas com as mãos na lyra
Vibrar nos corações as cordas virgens
E ao genio adormecido em nossas almas
Na fronte desfolhar tuas corôas!...

. . . . . .

VIDA

Oh! laisse-moi t'aimer pour que j'aime la vie!
Pour ne point au bonheur dire un dernier adieu,
Pour ne point blasphémer les biens que l'homme envie
Et pour ne pas douter de Dieu!

ALEXANDRE DUMAS.

I

Oh! falla-me de ti! eu quero ouvir-te
Murmurar teu amor...
E nos teus labios perfumar do peito
Minha pallida flôr.

De tua carta nas queridas folhas
Eu sinto-me viver...

E as paginas do amor sobre meu peito
Fazem-me estremecer!

E, quando, á noite, delirante durmo,
Deito-as no peito meu...
Nos deliquios de amôr, ó minha amante,
Eu sonho o seio teu...

A alma que as inspirou, que lhes deu vida
E o fogo da paixão...
E derramou as notas doloridas
Do virgem coração!

Eu quero-as no meu peito, como sonho
Teu seio de donzella,
Para sonhar comtigo o céo mais puro
E a esperança mais bella.

II

A nós a vida em flôr, a doce vida
Recendente de amor,
Cheia de sonhos, d'esperança e beijos
E pallido languor...

A tua alma infantil junto da minha
No fervor do desejo,
Nossos labios ardentes descorando
Comprimidos n'um beijo...

E as noites bellas de luar e a febre
Da vida juvenil...
E este amor que sonhei, que só me alenta
No teu collo infantil!

III

Vem co'migo ao luar: amemos juntos
N'este valle tranquillo...
De abertas flores e cahidas folhas...
No perfumado asylo.

Aqui somente a rôla da floresta,
Das sestas ao calor,
O tremer sentirá dos longos beijos...
E verá teu pallôr.

A noite encostarei a minha fronte
No virgem collo teu:

Terei por leito o valle dos amores
Por tenda o azul do céo!

E terei tua imagem mais formosa
Nas vigilias do val:
— Será da vida meu suave aroma
Teu lyrio virginal.

IV

Que importa que o anathema do mundo
Se eleve contra nós,
Se é bella a vida n'um amor immenso
Na solidão a sós?

Se nós teremos o cahir da tarde
E o frescor da manhã:
E tu és minha mãi e meus amores
E minh' alma de irmã?

Se teremos a sombra onde se esfolhão
As flores do retiro ...
E a vida além de ti — a vida ingloria —
Não me vale um suspiro?

Bate a vida melhor dentro do peito
Do campo na tristeza
E o aroma vital, alli, do seio
Derrama a natureza...

E, aonde as flores no deserto dormem
Com mais viço e frescôr,
Abre linda tambem a flôr da vida
Da lua no pallor.

C....

Oh! não tremas! que este olhar, este abraço te digão quanto é ineffavel — o abandono sem receio, os inebriamentos de uma voluptuosidade que deve ser eterna.

GŒTHE. *Faust*

Sim! coroemos as noites
Comas rosas do hymeneo...
Entre flores de laranja
Serás minha e serei teu!

Sim! quero em leito de flores
Tuas mãos dentro das minhas...
Mas os cirios dos amores
Sejão só as estrellinhas.

Por incenso os teus perfumes,
Suspiros por oração
E por lagrimas... sómente
As lagrimas da paixão!

Dos véos da noiva só tenhas
Dos cilios o negro véo...
Basta do collo o setim
Para as Madonas do céo!

Eu soltarei-te os cabellos...
Quero em teu collo sonhar...
Hei — de embalar-te... do leito
Seja lampada o luar!

Sim!... corôemos as noites
Da laranjeira co'a flôr...
Adormeçamos n'um templo
— Mas seja o templo do amor.

É doce amar como os anjos
Da ventura no hymenéo:
Minha noiva, ou minh'amante
Vem dormir no peito meu!

Dá-me um beijo, abre teus olhos

Por entre esse humido véo :
— Se na terra és minha amante,
Es a minh' alma no céo !

NO TUMULO DO MEU AMIGO

JOÃO BAPTISTA DA SILVA PEREIRA JUNIOR

EPITAPHIO

Perdão, meu Deus, se a tunica da vida...
Insano profanei-a nos amores!
Se da c'rôa dos sonhos perfumados
Eu proprio desfolhei as roseas flores!

No vaso impuro corrompeu-se o nectar,
A argilla da existencia desbotou-me...
O sol de tua gloria abriu-me as palpebras,
Da nodoa das paixões purificou-me!

E quantos sonhos na illusão da vida!
Quanta esperança no futuro ainda!
Tudo calou-se pela noite eterna...
E eu vago errante e só na treva infinda...

Alma em fogo, sedenta de infinito,
N'um mundo de visões o vôo abrindo,
Como o vento do mar no céo nocturno
Entre as nuvens de Deus passei dormindo!

A vida é noite! o sol tem véo de sangue...
Tactêa a sombra a geração descrida!...
Acorda-te, mortal! é no sepulchro
Que a larva humana se desperta á vida!

Quando as harpas do peito a morte estala
Um threno de pavor soluça e vôa...
E a nota divinal que rompe as fibras
Nas dulias angelicas echôa

O PASTOR MORIBUNDO

CANTIGA DE VIOLA

A existencia dolorida
Cança em meu peito : eu bem sei
Que morrerei...
Comtudo da minha vida
Podia alentar-se a flôr
No teu amor.

Do coração nos refolhos
Solta um ai ! n'um teu suspiro
Eu respiro...
Mas fita ao menos teus olhos

Sobre os meus... eu quero-os vér
Para morrer!

Guarda comtigo a viola
Onde teus olhos cantei...
E suspirei!
Só a idéa me consola
Que morro como vivi...
Morro por ti!

Se um dia tu' alma pura
Tiver saudades de mim,
Meu seraphim,
Talvez notas de ternura
Inspirem o doudo amor
Do trovador!

TARDE DE VERÃO

Viens! . . . .
Que l'arbre pénétré de parfums et de chants,
. . . . . .
Et l'ombre et le soleil, et l'onde et la verdure,
Et le rayonnement de toute la nature
Fassent épanouir comme une double fleur
La beauté sur ton front, et l'amour dans ton cœur!

V. HUGO.

Como cheirosa e doce a tarde expira!
De amor e luz inunda a praia bella ...
E o sol já rôxo e tremulo desdobra
Um iris furta-côr na fronte d'ella.

Deixai que eu morra só! emquanto o fogo
Da ultima febre dentro em mim vacilla,
Não venhão illusões chamar-me á vida,
De saudades banhar a hora tranquilla!

Meu Deus! que eu morra em paz! não me corôem
De flores infecundas a agonia!
Oh! não doire o sonhar do moribundo
Lisongeiro pincel da phantasia!

Exhaurido de dôr e d'esperança
Posso aqui respirar mais livremente,
Sentir ao vento dilatar-se a vida,
Como a flôr da lagôa transparente!

Se ella estivesse aqui! no valle agora
Cai doce a briza morna desmaiando:
Nos murmurios do mar fôra tão doce
Da tarde no pallor viver amando!

Unil-a ao peito meu — nos labios d'ella
Respirar uma vez, cobrando alento;
A divina visão de seus amores
Acordar o meu peito inda um momento!

Fulgura a minha amante entre meus sonhos,
Como a estrella do mar nas agoas brilha,
Bebe á noite o favonio em seus cabellos
Aroma mais suave que a baunilha.

Se ella estivesse aqui! jamais tão doce
O crepusculo o céo embellecêra...

E a tarde de verão fôra mais bella,
Brilhando sobre a sua primavera!

Da languida pupilla de seus olhos
N'um olhar de desdem entorna amores,
Como á briza vernal na relva molle
O pecegueiro em flôr derrama flores.

Arvore florescente d'esta vida,
Que amor, belleza e mocidade encantão,
Derrama no meu seio as tuas flores
Onde as aves do céo á noite cantão!

Vem! a areia do mar cobri de flores,
Perfumei de jasmins teu doce leito,
Podes suave, ó noiva do poeta,
Suspirosa dormir sobre meu peito!

Não tardes, minha vida! no crepusculo
Ave da noite me acompanha a lyra...
É um canto de amor... Meu Deus! que sonhos!
Era ainda illusão — era mentira!

TARDE DE OUTOMNO

Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur.

ALFRED DE MUSSET

O POETA

O' musa, porque vieste
E comtigo me trouxeste
A vagar na solidão?
Tu não sabes que a lembrança
De meus annos de esperança
Aqui falla ao coração?

A SAUDADE

De um puro amor a languida saudade

E doce como a lagrima perdida,
Que banha no scismar um rosto virgem:
Volta o rosto ao passado e chora a vida.

O POETA

Não sabes o quanto dóe
Uma lembrança que róe
A fibra que adormeceu?...
Foi n'este valle que amei,
Que a primavera sonhei,
Aqui minh' alma viveu.

A SAUDADE

Pallidos sonhos do passado morto
É doce reviver mesmo chorando:
A alma refaz-se pura. Um vento aereo
Parece que do amor nos vai roubando.

O POETA

Eu vejo ainda a janella
Onde, á tarde, junto d'ella
Eu lia versos de amor...
Como eu vivia d'enleio
No bater d'aquelle seio,
N'aquelle aroma de flôr!

Creio vêl-a inda formosa,
Nos cabellos uma rosa,
De leve a janella abrir...
Tão bella, meu Deus, tão bella!
Porque amei tanto, donzella,
Se devias me trahir?

A SAUDADE

A casa está deserta. A parasita
Nas paredes estampa negra côr,
Os aposentos o hervaçal povôa,
A porta é franca... Entremos, trovador!

O POETA

Derramai-vos, prantos meus!
Dai-me mais prantos, meu Deus!
Eu quero chorar aqui...
Em que sonhos de ebriedade
No arrebol da mocidade
Eu n'esta sombra dormi!

Passado, porque murchaste?
Ventura, porque passaste
Degenerando em saudade?
Do estio seccou-se a fonte,

Só ficou na minha fronte
A febre da mocidade.

A SAUDADE

Sonha, poeta, sonha! Alli sentado
No tosco assento da janella antiga,
Apoia sobre a mão a face pallida,
Sorrindo — dos amores á cantiga.

O POETA

Minh' alma triste se enluta,
Quando a voz interna escuta
Que blasphema da esperança...
Aqui tudo se perdeu,
Minha pureza morreu
Com o enlevo de criança!

Alli, amante ditoso,
Delirante, suspiroso,
Effluvios d'ella sorvi,
No seu collo eu me deitava...
E ella tão doce cantava!
De amor e canto vivi!

Na sombra d'este arvoredo

Oh! quantas vezes a medo
Nossos labios se tocárão!
E os seios, onde gemia
Uma voz que *amor* dizia,
Desmaiando me apertarão!

Foi doce nos braços teus,
Meu anjo bello de Deus,
Um instante do viver...
Tão doce, que em mim sentia
Que minh'alma se esvaia...
E eu pensava alli morrer!

A SAUDADE

E berço de mysterio e d'harmonia
Seio mimoso de adorada amante:
A alma bebe nos sons que amor suspira
A voz, a doce voz de uma alma errante.

Tingem-se os olhos de amorosa sombra,
Os labios convulsivos estremecem;
E a vida foge ao peito... apenas tinge
As faces que deamor empallidecem.

Parece então que o agitar do gozo

Nossos labios attrae a um bem divino :
Da amante o beijo é puro como as flores
E d'ella a voz é doce como um hymno.

Dizei-o vós, dizei, ternos amantes,
Almas ardentes que a paixão palpita,
Dizei essa emoção que o peito gela
E os frios nervos n'um espasmo agita.

Vinte annos! como teus doirados sonhos!
E como a nevoa de fallaz ventura
Que se estende nos olhos do poeta
Doira a amante de nova formosura!

O POETA

Que gemer! não me enganava!
Era o anjo que velava
Minha casta solidão?
São minhas noites gozadas
E as venturas choradas
Que vibrão meu coração?

E tarde, amores, é tarde:
Uma scentelha não arde
Na cinza dos seios meus...

Por ella tanto chorei
Que mancebo morrerei...
Adeus, amores, adeus!

CANTIGA

I

Em um castello doirado
Dorme encantada donzella...
Nasceu ; e vive dormindo
— Dorme tudo junto d'ella.

Adormeceu-a, sonhando,
Um feiticeiro condão
E dormem no seio d'ella
As rosas do coração.

Dorme a lampada argentina
Defronte do leito seu ;
Noite a noite a lua triste
Vem espreital-a do céo.

Voão os sonhos errantes
Do leito sob o docel
E suspirão no alaúde
As notas do menestrel.

E no castello, sózinha,
Dorme encantada donzella ...
Nasceu ; e vive dormindo
— Dorme tudo junto d'ella.

Dormem cheirosas, abrindo,
As roseiras em botão...
E dormem no seio d'ella
As rosas do coração.

II

A donzella adormecida
É a tua alma, santinha,

Que não sonha nas saudades
E nos amores da minha.

— Nos meus amores que velão
Debaixo do teu docel
E suspirão no alaúde
As notas do menestrel.

Acorda, minha donzella,
Foi-se a lua, eis a manhã
E nos céos da primavera
É a aurora tua irmã.

Abrirão no valle as flores
Sorrindo na fresquidão,
Entre as rosas da campina
Abrão-se as do coração.

Acorda, minha donzella,
Soltemos da infancia o véo...
Se nós morrermos n'um beijo,
Acordaremos no céo.

SAUDADES

Tis vain to struggle — let me perish yong

BYRON

Foi por ti que n'um sonho de ventura
A flôr da mocidade consumi...
E ás primaveras dice adeus tão cedo
E na idade do amor envelheci.

Vinte annos! derramei-os gota á gota
N'um abysmo de dôr e esquecimento...
De fogosas visões nutri meu peito...
Vinte annos!... sem viver um só momento!

Comtudo, no passado uma esperança
Tanto amor e ventura promettia...
E uma virgem tão doce, tão divina,
Nos sonhos junto a mim adormecia!...

. . . . . .

Quando eu lia com ella... e no romance
Suspirava melhor ardente nota...
E Jocelyn sonhava com Laurence
Ou Werther se morria por Carlota...

Eu sentia a tremer e a transluzir-lhe
Nos olhos negros a alma innocentinha...
E uma furtiva lagrima rolando
Da face d'ella humedecer a minha!

E quantas vezes o luar tardio
Não viu nossos amores innocentes?
Não embalou-se da morena virgem
No suspirar, nos canticos ardentes?

E quantas vezes não dormi sonhando
Eterno amor, eternas as venturas...
E que o céo ia abrir-se e entre os anjos
Eu ia despertar em noites puras?

Foi esse o amor primeiro ! requeimou-me
As arterias febris de juventude,
Acordou-me dos sonhos da existencia
Na harmonia primeira do alaúde.

. . . . . .

Meu Deus ! e quantas eu amei ·... Comtudo
Das noites voluptuosas da existencia
Só restão-me saudades d'essas horas
Que illumiou tua alma d'innocencia.

Forão tres noites só... tres noites bellas
De lua e de verão, no val saudoso...
Que eu pensava existir... sentindo o peito
Sobre teu coração morrer de gozo.

E por tres noites padeci tres annos,
Na vida cheia de saudade infinda...
Tres annos de esperança e de martyrio...
Tres annos de soffrer — e espero ainda !

A ti se erguerão meus doridos versos,
Reflexos sem calor de um sol intenso,
Votei-os á imagem dos amores
P'ra velal-a nos sonhos como incenso.

Eu sonhei tanto amor, tantas venturas,
Tantas noites de febre e d'esperança...
Mas hoje o coração parado e frio,
Do meu peito no tumulo descança.

Pallida sombra dos amores santos!
Passa quando eu morrer no meu jazigo,
Ajoelha ao luar e entôa um canto...
Que lá na morte eu sonharei comtigo.

12 de septembro, 1852.

ESPERANÇAS

Oh! si elle m'eût aimé ...

ALFRED DE VIGNY. *Chatterton.*

Se a illusão de minh'alma foi mentida
E, leviano, da arvore da vida
As flores desbotei...
Se por sonhos do amor de uma donzella
Immolei meu porvir e o ser por ella
Em prantos esgotei...

Se a alma consumi na dôr que mata
E banhei de uma lagrima insensata
A ultima esperança,

Oh! não me odeies, não! eu te amo ainda,
Como dos mares pela noite infinda
A estrella da bonança!

Como nas folhas do Missal do templo
Os mysterios de Deus em ti contemplo
E na tu' alma os sinto!
A's vezes, delirante se eu maldigo
As esperanças que sonhei comtigo,
Perdôa-me, que minto!

Oh! não me odeies, não! eu te amo ainda,
Como do peito a aspiração infinda
Que me influe o viver...
E como a nuvem de azulado incenso...
Como eu amo esse affecto unico, immenso
Que me fará morrer!

Rompeste a alva tunica luzente
Que eu doirava por ti de amor demente
E aromei de abusões...
Deste-me em troco lagrimas asperrimas...
Ah! que morrerão a sangrar miserrimas
As minhas illusões!

Nos encantos das fadas da ventura

Podes dormir ao sol da formosura
Sempre bella e feliz !
Irmã dos anjos, sonharei comtigo...
A alma a quem negaste o ultimo abrigo
Chora... não te maldiz !

Chora e sonha e espera : a negra sina
Talvez no céo se apague em purpurina
Alvorada de amor...
E eu acorde no céo n'um teu abraço
E repouse tremendo em teu regaço
Teu pobre sonhador !

VIRGEM MORTA

Oh! make her a grove where the sun-beams rest,
Whem they promise a glorious morrow!
They'ill sink o'er sleep, like a smile from the west,
From her own loved land of sorrow.

TH. MOORE.

Lá bem na extrema da floresta virgem,
Onde na praia em flôr o mar suspira...
Lá onde geme a briza do crepusculo
E mais poesia o arrebol transpira...

Nas horas em que a tarde moribunda
As nuvens roxas desmaiando corta,

No leito molle da molhada areia
Deitem o corpo da belleza morta.

Irmã chorosa a suspirar desfolhe
No seu dormir da laranjeira as flores,
Vistão-n'a de setim e o véo de noiva
Lhe desdobrem da face nos pallores.

Vaguêe em torno, de saudosas virgens
Errando á noite, a lamentosa turma...
E, entre canticos de amor e de saudade,
Junto ás ondas do mar a virgem durma.

A's brizas da saudade soluçantes
Ahi, em tarde mysteriosa e bella,
Entregarei as cordas do alaúde
E irei meus sonhos prantear por ella!

Quero eu mesmo de rosa o leito encher-lhe
E de amorosos prantos perfumal-a...
E a essencia dos canticos divinos
No tumulo da virgem derramal-a.

Que importa que ella durma descorada
E velasse o pallor a côr do pejo?
Quero a delicia que o amor sonhava
Nos labios d'ella presentir n'um beijo.

Desbotada corôa do poeta!
Foi ella mesma quem prendeu-te flores!
Ungiu-as no sacrario de seu peito
Inda virgem do alento dos amores!...

Na minha fronte riu de ti, passando,
Dos sepulchros o vento peregrino...
Irei eu mesmo desfolhar-te agora
Da fronte d'ella no pallôr divino!...

E comtudo eu sonhava! e pressuroso
Da esperança o licôr sorvi sedento!
Ai! que tudo passou!... só resta agora
O sorriso de um anjo macilento!

. . . . . .

Ó minha amante, minha doce virgem,
Eu não te profanei, tu dormes pura:
No somno do mysterio, qual na vida,
Podes sonhar ainda na ventura.

Bem cedo, ao menos, eu serei comtigo
— Na dôr do coração a morte leio...
Poderei amanhã, talvez, meus labios
Da irmã dos anjos encostar no seio...

E tu, vida que amei! pelos teus valles
Com ella sonharei eternamente...
Nas noites junto ao mar e no silencio,
Que das notas enchi da lyra ardente!...

Dorme alli minha paz, minha esperança,
Minha sina de amor morreu com ella,
E o genio do poeta, lyra eolia
Que tremia ao alento da donzella!

Qu'esperanças, meu Deus! E o mundo agora
Se inunda em tanto sol no céo da tarde!
Acorda, coração!... Mas no meu peito
Labio de morte murmurou: — É tarde!

É tarde! e quando o peito estremecia
Sentir-me abandonado e moribundo!?...
E tarde! é tarde! ó illusões da vida,
Morreu com ella da esperança o mundo!...

No leito virginal de minha noiva
Quero, nas sombras do verão da vida,
Prantear os meus unicos amores,
Das minhas noites a visão perdida ...

Quero alli, ao luar, sentir passando
Por alta noite a viração marinha,

E ouvir, bem junto ás flores do sepulchro,
Os sonhos de su' alma innocentinha.

E quando a magoa devorar meu peito...
E quando eu morra de esperar por ella...
Deixai que eu durma alli e que descance,
Na morte ao menos, sobre o seio d'ella!

HYMNOS DO PROPHETA

I

UM CANTO DO SECULO

Spiritus meus attenuabitur, dies mei breviabuntur, et solum mihi superes sepulchrum....

JOB.

Debalde nos meus sonhos de ventura
Tento alentar minha esperança morta
E volto-me ao porvir:
A minha alma só canta a sepultura
E nem ultima illusão beija e conforta
Meu suarento dormir...

Debalde! que exhaurio me o desalento:
A flor que aos labios meus um anjo déra
Mirrou na solidão...
Do meu inverno pelo céo nevoento
Não se levantará nem primavera,
Nem raio de verão!

Invejo as flores que murchando morrem
E as aves que desmaião-se cantando
E expirão sem soffrer...
As minhas veias inda ardentes correm...
E na febre da vida agonizando
Eu me sinto morrer!

Tenho febre! meu cerebro transborda...
Eu morrerei mancebo, inda sonhando
Da esperança o fulgor...
Oh! cantemos ainda: a ultima corda
Inda palpita... morrerei cantando
O meu hymno de amor!

Meu sonho foi a gloria dos valentes,
De um nome de guerreiro a eternidade
Nos hymnos seculares,
Foi nas praças, de sangue ainda quentes,

Desdobrar o pendão da liberdade
Nas frontes populares!

Meu amor foi a verde laranjeira,
Cheia de sombra, á noite abrindo as flores,
Melhor que ao meio-dia,
A varzea longa... a lua forasteira
Que pallida, como eu, sonhando amores,
De nevoa se cobria.

Meu amor foi o sol que madrugava,
O canto matinal dos passarinhos
E a rosa predilecta..
Fui um louco, meu Deus! quando tentava
Descorado e febril manchar no vinho
Meus louros de poeta!

Meu amor foi o sonho dos poeta
— O bello, o genio, de um porvir liberto
A sagrada utopia!...
E, á noite, pranteei como os prophetas,
Dei lagrimas de sangue no deserto
Dos povos á agonia!...

Meu amor!?... foi a mãi que me alentava,
Que viveu, esperou por minha vida

E pranteia por mim...
E a sombra solitaria que eu sonhava
Languida como vibração perdida
De rôto bandolim...

E agora o unico amor!... o amor eterno,
Que no fundo do peito aqui murmura
E accende os sonhos meus,
Que lança algum luar no meu inverno,
Que minha vida no penar apura,
— É o amor de meu Deus!

E só no effluvio d'esse amor immenso
Que a alma derrama as emoções captivas
Em suspiros sem dôr...
E no vapor do consagrado incenso
Que as sombras da esperança redivivas
Nos beijão o pallor...

Eu vaguei pela vida sem conforto,
Esperei minha amante noite e dia
E o ideal não veio...
Farto de vida, breve serei morto...
Nem poderei ao menos na agonia
Descançar-lhe no seio ..

Passei como Don Juan entre as donzellas,
Suspirei as canções mais doloridas
E ninguem me escutou...
Oh! nunca á virgem flôr das faces bellas
Sorvi o mel, nas longas despedidas...
Meu Deus! ninguem me amou!

Vivi na solidão, odeio o mundo...
E no orgulho embucei meu rosto pallido,
Como um astro nublado...
Ri-me da vida — lupanar immundo,
Onde se volve o libertino esqualido
Na treva... profanado!

Quantos hei visto desbotarem frios,
Manchados de embriaguez da orgia em meio
Nas infamias do vicio!
E quantos morrerão inda sombrios,
Sem remorso dos negros devaneios...
Sentindo o precipicio!

Quanta alma pura... e virgem menestrel,
Que adormeceu no tremedal sem fundo,
No lodo se manchou!
Que lyras estaladas no bordel!

E que poetas que perdeu o mundo
Em Bocage e Marlowe!

Morrer! alli na sombra, na taverna,
A alma que em si continha um canto aerêo
No peito solitario!
Sublime como a nota obscura, eterna,
Que o bronze vibra em noites de mysterio
No escuro campanario!

O' meus amigos, deve ser terrivel
Sobre as taboas immundas, inda ebrioso,
Na solidão morrer!
Sentir as sombras d'essa noite horrivel
Surgirem d'entre o leito pavoroso...
Sem um Deus para crêr!

Sentir que a alma, desbotado lyrio,
D'um mundo ignoto vagará chorando
Na treva mais escura...
E o cadaver sem lagrimas, nem cirio,
Na calçada da rua, desbotando,
Não terá sepultura...

Perdoa-lhes, meu Deus! o sol da vida
Nas arterias inflamma o sangue em lava

E o cerebro varia...
O seculo na vaga enfurecida
Mergulha a geração que se acordava...
E nuta de agonia.

São tristes d'este seculo os destinos !...
Seiba mortal as flores que despontão
Infecta em seu abrir...
E o cadafalso e a voz dos Girondinos
Não fallão mais na gloria e não apontão
A aurora do porvir...

Fôra bello talvez, em pé, de novo,
Como Byron, surgir, ou na tormenta
O homen de Waterloo !
Com sua idéa illuminar um povo,
Como o trovão da nuvem que rebenta
E o raio derramou...

Fôra bello talvez sentir no craneo
A alma de Goethe e resumir na fibra
Milton, Homero e Dante,
Sonhar-se, n'um delirio momentaneo,
A alma da creação e o som que vibra
A terra palpitante...

Mas ah! o viajor nos cemiterios
N'essas núas caveiras não escuta
Vossas almas errantes...
Do estandarte medonho nos imperios
A morte, leviana prostituta,
Não distingue os amantes!...

Eu, pobre sonhador! eu, terra inculta
Onde não fecundou-se uma semente,
Comvosco dormirei...
E d'entre nós a multidão estulta
Não vos distinguirá a fronte ardente
Do craneo que animei...

Ó morte! a que mysterio me destinas?
Esse atomo de luz, que inda me alenta,
Quando o corpo morrer,
Voltará amanhã...! aziagas sinas!...
A' terra n'uma face macilenta
Esperar e soffrer?

Meu Deus! antes, Meu Deus! que uma outra vida,
Com teu braço eternal meu ser esmaga
E minh' alma aniquila:
A estrella de verão no céo perdida

Tambem, ás vezes, seu alento apaga
N'uma noite tranquilla!...

II

LAGRIMAS DE SANGUE

Tædet animam meam vitæ mex
JOB.

Ao pé das aras, ao clarão dos cirios,
Eu te devêra consagrar meus dias...
Perdão, meu Deus! perdão...
Se neguei meu Senhor nos meus delirios
E um canto de enganosas melodias
Levou meu coração!

Só tu, só tu podias o meu peito
Fartar de immenso amor e luz infinda
E uma saudade calma!
Ao sol de tua fé doirar meu leito
E de fulgores inundar ainda
A aurora na minh'alma.

Pela treva do espirito lancei-me,
P'r'as esperanças suicidei-me rindo...
Suffocando-as sem dó...
No valle dos cadaveres sentei-me
E minhas flores semeei sorrindo
Dos tumulos no pó.

Indolente Vestal, deixei no templo
A pyra se apagar ! na noite escura
O meu genio descreu...
Voltei-me para a vida... só contemplo
A cinza da illusão que alli murmura :
Morre! — tudo morreu!

Cinzas, cinzas... Meu Deus! só tu podias
Á alma que se perdeu bradar de novo :
— Resurge-te ao amor!
Macilento, das minhas agonias
Eu deixaria as multidões do povo
Para amar o Senhor!

Do leito aonde o vicio acalentou-me
O meu primeiro amor fugiu chorando...
Pobre virgem de Deus!
Um vendaval sem norte arrebatou-me,

Acordei-me na treva... profanando
Os puros sonhos meus!

Oh! se eu podesse amar !... — É impossivel!
Mão fatal escreveu na minha vida...
A dôr me envelheceu...
O desespero pallido, impassivel,
Agoirou minha aurora entristecida,
De meu astro descreu...

Oh! se eu podesse amar! Mas não : agora
Que a dôr emmurcheceu meus breves dias,
Quero na cruz sanguenta
Derramal-os na lagrima que implora,
Que mendiga perdão pela agonia
Da noite lutulenta!

Quero na solidão... nas ermas grutas
A tua sombra procurar chorando
Com meu olhar incerto...
As palpebras doridas nunca enxutas
Queimarei... teus phantasmas invocando
No vento do deserto.

De meus dias a lampada se apaga,
Roêrão meu viver mortaes venenos,

Curvo-me ao vento forte:
Teu funebre clarão que a noite alaga,
Como a estrella oriental, me guie ao menos
'té ao valle da morte!

No mar dos vivos o cadaver boia,
A lua é descorada como um craneo,
Este sol não reluz...
Quando na morte a palpebra se angoia,
O anjo desperta em nós e subitaneo
Vôa ao mundo da luz!

Do val de Josaphat pelas gargantas
Uiva na treva o temporal sem norte
E os phantasmas murmurão...
Irei deitar-me n'essas trevas santas,
Banhar-me na friez lustral da morte,
Onde as almas se apurão!

Mordendo as clinas do corcel da sombra,
Suffocado, arquejante passarei
Na noite do infinito.::
Ouvirei essa voz que a treva assombra,
Dos labios de minh'alma entornarei
O meu cantico afflicto!

Flôres cheias de aroma e de alegria,
Porque na primavera abrir cheirosas
E orvalhar-vos abrindo?
As torrentes da morte vêm sombrias,
Hão-de ámanhã nas agoas tenebrosas
Vos arrastar bramindo.

Morrer! morrer! — É voz das sepulturas!
Como a lua nas salas festivaes
A morte em nós se estampa!
E os pobres sonhadores de venturas
Roxêão ámanhã nos funeraes
E vão rolar na campa!

Que vale a gloria, a saudação que enleva
Dos hymnos triumphaes na ardente nota
E as turbas devaneia?
Tudo isso é vão e cala-se na treva...
— Tudo é vão, como em labios de idiota
Cantiga sem idéa.

Que importa? quando a morte se descarna,
A esperança do céo fluctua e brilha
Do tumulo no leito:
O sepulchro é o ventre onde se encarna

Um verbo divinal que Deus perfilha
E abysma no seu peito!

Não chorem! que essa lagrima profunda
Ao cadaver sem luz não dá conforto...
Não o acorda um momento!
Quando a treva medonha o peito inunda,
Derrama-se nas palpebras do morto
Luar de esquecimento!

Caminha no deserto a caravana,
N'uma noite sem lua arqueja e chora...
— O termo... é um sigillo!
O meu peito cançou da vida insana,
Da cruz à sombra, junto aos meus, agora,
Eu dormirei tranquillo!

Dorme alli muito amor... muitas amantes,
Donzellas puras que eu sonhei chorando
E vi adormecer...
Ouço da terra canticos errantes
E as almas saudosas suspirando
Que fallão em morrer...

Aqui dormem sagradas esperanças,
Almas sublimes que o amor erguia...

E gelárão tão cedo!
Meu pobre sonhador! ahi descanças,
Coração que a existencia consumia
E roeu em segredo!

Quando o trovão romper as sepulturas,
Os craneos confundidos acordando
No lodo tremerão...
No lodo pelas tenebras impuras
Os ossos estalados tiritando
Dos valles surgirão!

Como rugindo a chamma encarcerada
Dos negros flancos do volcão rebenta
Golfejando nos céos,
Entre nuvem ardente e trovejada
Minh'alma se erguerá, fria, sangrenta
Ao throno de meu Deus...

Perdoa, meu Senhor! O errante crente
Nos desesperos em que a mente abrasas
Não o arrojes p'lo crime!
Se eu fui um anjo que descreu demente
E no oceano do mal rompeu as azas,
Perdão! arrependi-me!

III

A TEMPESTADE

FRAGMENTO

Propheta escarnecido pelas turbas
Disse-lhes rindo — adeus!
Vim adorar na serrania escura
A sombra de meu Deus!

O céo ennegreceu: lá no occidente
Rubro o sol se apagou;
E galopa o corcel da tempestade
Nas nuvens que rasgou!

Da gruta negra a cataracta rola,
Alaga a serra bronca,
Esbarra pelo abysmo, escuma uivando
E pelas trevas ronca....

O chão nú e escarvado p'las torrentes
Tremulo se fendeu...
Da serrania a lomba escaveirada
O raio ennegreceu.

Cede a floresta ao arquejar fremente
Do rijo temporal,
Ribomba e rola o raio, nos abysmos
Sibila o vendaval.

Nas trevas o relampago fascina,
A selva se incendêa:..
— Chuva de fogo pelas serras hirtas
Phantastica serpêa...

Amo a voz da tempestade,
Porque agita o coração...
E o espirito inflammado
Abre as azas no trovão!

A minh'alma se devora
Na vida morta e tranquilla...

Quero sentir emoções,
Vêr o raio que vacilla!

Emquanto as raças medrosas
Banhão de prantos o chão,
Eu quero erguer-me na treva,
Saudar glorioso o trovão!

Jehovah! derrama em chuva
Os teus raios incendidos!
Tua voz na tempestade
Rebôa nos meus ouvidos!

E quando as nuvens ribombão
E a selva medonha está
Que no relampago surge
A face de Jehovah!

A tuba da tempestade
Rouqueja nos longos céos,
De joelhos na montanha
Espero agora meu Deus!

O caminho rasgou-se : mil torrentes
Rebentão bravejando,
Rodão na espuma as rochas gigantescas
Pelo abysmo tombando.

Como em noite do cháos, os elementos
Encandecentes lutão
Negra — a terra, o céo — rubro, o mar — vozéa
— E as florestas escutão...

Tudo se escurece ; e pela treva,
No chão sem sepultura,
Os mortos se revolvem tiritando
Na longa noite escura.

. . . . . .

Propheta escarnecido pelas turbas
Disse-lhes rindo — adeus!
Vim fitar ao clarão da tempestade
— A sombra de meu Deus!

LEMBRANÇA DE MORRER

No more! O nover more
SHELLEY.

Quando em meu peito rebentar-se a fibra,
Que o espirito enlaça á dôr vivente,
Não derramem por mim nem uma lagrima
Em palpebra demente.

E nem desfolhem na materia impura
A flôr do valle que adormece ao vento :
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tedio
Do deserto o poento caminheiro...
Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro...

Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia,
Só levo uma saudade — é d'esses tempos
Que amorosa illusão embellecia.

Só levo uma saudade — é d'essas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
E de ti, ó minha mãi! pobre coitada
Que por minhas tristezas te definhas!

De meu pai... de meus unicos amigos,
Poucos, bem poucos! e que não zombavão
Quando, em noites de febre endoudecido,
Minhas pallidas crenças duvidavão.

Se uma lagrima as palpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda
É pela virgem que sonhei!... que nunca
Aos labios me encostou a face linda!

O' tu, que á mocidade sonhadora
Do pallido poeta déste flôres...

Se vivi... foi por ti! e de esperança
De na vida gozar de teus amores.

Beijarei a verdade santa e núa,
Verei crystallizar-se o sonho amigo...
Ó minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céo! eu vou amar comtigo!

Descancem o meu leito solitario
Na floresta dos homens esquecida
A' sombra de uma cruz! e escrevão n'ella:
— Foi poeta, sonhou e amou na vida. —

Sombras do valle, noites da montanha,
Que minh' alma cantou e amava tanto,
Protegei o meu corpo abandonado
E no silencio derramai-lhe um canto!

Mas quando preludia ave d'aurora
E quando, á meia-noite, o céo repousa,
Arvoredos do bosque, abri as ramas...
Deixai a lua pratear-me a lousa!

SEGUNDA PARTE

UM CADAVER DE POETA

Levem ao tumulo aquelle que parece um cadaver! Tu não pesaste sobre a terra : a terra te seja leve!

L. UHLAND.

I

De tanta inspiração e tanta vida,
Que os nervos convulsivos inflammava
E ardia sem conforto...
O que resta?— uma sombra esvaecida,
Um triste que sem mãi agonizava...
— Resta um poeta morto!

Morrer! e resvalar na sepultura,
Frias na fronte as illusões! no peito
Quebrado o coração!
Nem saudades levar da vida impura,
Onde arquejou de fome... sem um leito!
Em treva e solidão!

Tu foste como o sol: tu parecias
Ter na aurora da vida a eternidade
Na larga fronte escripta...
Porem não voltarás como surgias!
Apagou-se teu sol da mocidade
N'uma treva maldita!

Tua estrella mentiu. E do fadario
De tua vida a pagina primeira
Na tumba se rasgou...
Pobre genio de Deus! nem um sudario!
Nem tumulo, nem cruz! como a caveira
Que um lobo devorou!...

II

Morreu um trovador! morreu de fome...
Acharão-n'o deitado no caminho:
Tão doce era o semblante! Sobre os labios
Fluctuava-lhe um riso esperançoso;
E o morto parecia adormecido.

Ninguem ao peito recostou-lhe a fronte
Nas horas da agonia! Nem um beijo
Em boca de mulher! nem mão amiga
Fechou ao trovador os tristes olhos!
Ninguem chorou por elle... No seu peito
Não havia collar nem bolsa d'oiro:
Tinha até seu punhal de ferro o punho...
Pobretão! não valia a sepultura...

Todos o virão e passarão todos...
Comtudo era bem morto desde a aurora.
Ninguem lançou-lhe junto ao corpo immovel
Um seitil para a cova!... nem sudario!

O mundo tem razão, sisudo pensa...
E a turba tem um cerebro sublime!
De que vale um poeta?... um pobre louco
Que leva os dias a sonhar?... insano
Amante de utopias e virtudes
E, n'um tempo sem Deus, ainda crente?

A poesia é de certo uma loucura:
Seneca o disse, um homem de renome.
E' um defeito no cerebro... Que doudos!
E' um grande favor, é muita esmola
Dizer-lhes — *bravo!* á inspiração divina...
E, quando tremem de miseria e fome,
Dar-lhes um leito no hospital dos loucos..
Quando é gelada a fronte sonhadora
Porque ha de o vivo, que despreza rimas,
Cançar os braços arrastando um morto,
Ou pagar os salarios do coveiro?
A bolsa esvasiar por um miserrimo,
Quando a emprega melhor em lodo e vicio?...

E que venhão ahi fallar-me em Tasso!
Culpar Affonso d'Est — um soberano,
Por não lhe dar a mão da irmã fidalga!
Um poeta é um poeta: apenas isso...
Procure para amar as poetizas.

Se na França a princeza Margarida,
De Francisco primeiro irmã formosa,
Ao poeta Alain Chartier adormecido
Deu nos labios um beijo... é que esta moça,
Apesar de princeza, era uma douda...
E' a prova é que tambem rondós fazia.
Se Riccio, o trovador, teve os amores
— Novella até bastante duvidosa —
D'essa Maria Stuart formosissima,
E' que ella — sabe-o Deus! — fez tanta asneira...
Que não admira que a um poeta amasse!

Por isso adoro o libertino Horacio:
Namorou algum dia uma parenta
Do patrono Mecenas? Parasita...
Só pedia dinheiro, no triclinio
Bebia vinho bom... e não vivia
Fazendo versos ás irmãs de Augusto.

E quem era Camões? Por ter perdido
Um olho na batalha e ser valente,
As esmolas valeu. Mas quanto ao resto,
Por fazer umas trovas de vadio
Deverião lhe dar, além de gloria,
— E essa derão-lhe á farta! — algum bispado?

Alguma d'essas gordas sinecuras
Que se davão a idiotas fidalguias?

Deixem-se de visões, queimem-se os versos:
O mundo não avança por cantigas.
Creião do poviléo os trovadores
Que um poema não val meia princeza.

Um poema, comtudo, bem escripto,
Bem limado e bem cheio de tetéias,
Nas horas do café lido, fumando...
Ou no campo, na sombra do arvoredo,
Quando se quer dormir e não ha somno,
Tem o mesmo valor que a dormideira.

Mas não passe d'alli do vate a mente.
Tudo o mais são orgulhos, são loucuras...
Faublas tem mais leitores do que Homero.
Um poeta no mundo tem apenas
O valor de um canario de gaiola...
E' prazer de um momento, é mero luxo.
Contente-se em traçar nas folhas brancas
De algum *Album* da moda umas quadrinhas:
Nem faça appellações para o futuro.
O homem é sempre o homem. tem juizo.
Desde que o mundo é mundo assim cogita.

Nem ha negal-o : não ha doce lyra,
Nem sangue de poeta ou alma virgem
Que valha o talisman que no oiro vibra :
Nem musicas, nem santas harmonias
Igualão o condão, esse electrismo,
A ardente vibração do som metallico...
. . . . . .
Meu Deus ! e assim fizeste a creatura ?
Amassaste no lodo o peito humano ?
Ó poetas, silencio ! — é este o homem !
A feitura de Deus ! a imagem d'elle !
O rei da creação !...

Que verme infame !
Não Deus, porém Satan no peito vacuo
Uma corda prendeu-te — o egoismo !
Oh ! miseria, meu Deus ! e que miseria !

III

Passou El-rei alli com seus fidalgos :
Ião a degolar uns insolentes

Que ousárão murmurar da infamia regia,
Das nodoas de uma vida libertina!
Ião em grande gala. O rei scismava
Na gloria de espetar no pelourinho
A cabeça de um pobre degolado.
Era um rei *bon-vivant* e rei devoto,
E, como Luiz XI, ao lado tinha
O bobo, o capellão... e seu carrasco.

O cavallo do rei, sentindo o morto,
Tremente de terror parou nitrindo...
Deu d'esporas leviano o cavalleiro
E disse ao capellão:

« E não enterrão
Esse homem que apodrece e no caminho
Assusta-me o corsel? »

Depois voltou-se
E disse ao camarista de semana:
« Conheces o defunto? Era inda moço,
Daria certamente um bom soldado...
A figura é esbelta! Forte pena!
Podia bem servir para um lacaio. »

Descoberto, o faceiro fidalgote,
Responde-lhe fazendo a cortezia.

« Pelas tripas do Papa! eu não me engano,
Leve-me Satanaz se este defunto
Hontem não era o trovador Tancredo! »

« Tancredo! » murmurou erguendo os oculos
Um amphibio, um barbaças truanesco,
Alma de Triboulet, que além de bobo
Era o vate da côrte! bem nutrido,
Farto de sangue, mas de veia pobre,
Cahidos beiços, volumoso abdomen,
Grisalha cabelleira esparramada,
Tremendo narigão, mas testa curta,
Em summa um glosador de sobremesas.

« Tancredo! — repetiu imaginando —
Um asno! só cantava para o povo...
Uma lingoa de fel, um insolente!
Orgulho desmedido!.. e quanto aos versos
Morava como um sapo n'agoa doce...
Não sabia fazer um trocadilho... »

O rei passou, com elle a companhia!
Só ficou resupino e macilento
Da estrada em meio o trovador defunto!

IV

Ia cahindo o sol. Bem reclinado
No vagaroso coche, madornando,
Depois de bem jantar fazendo a sésta,
Roncava um nedio, um barrigudo frade...
Bochechas e nariz, em cima uns oculos.
Vermelho solidéo... emfim um bispo.
E um bispo, senhor Deus! da idade média,
Em que os bispos — como hoje e mais ainda —
Sob o peso da cruz bem rubicundos,
Dormindo bem e a regalar bebendo,
Sabião engordar na sinecura!
Papudos santarrões, depois da missa,
Lançando ao povo a benção — por dinheiro!

O cocheiro ia bebado por certo:
Os cavallos tocou p'lo bom caminho
Mesmo em cima das pernas do cadaver...
Refugou a parelha mas o sóta
— Que ao sol da gloria episcopal enchia
De orgulho e de insolencia o couro inerte,

Cuspindo o poviléo, como um fidalgo
Que em falta de miolo tinha vinho
Na cabeça devassa — deu de esporas...
Como passára sobre a vil carniça
Raléo de corvos negros, foi por cima...
Mas desgraça! maldito aquelle morto!
Desgraça!... não porque pisasse o coche
Aquelles magros ossos, mas a roda
Na humana resistencia abalroando...
Acorda o fradalhão...

« O que succede?
Pergunta bocejando, é algum bebado?
Em que bicho pisárão? »

« Senhor bispo,
— Triumphante responde o bom cocheiro
Ao vigario de Christo, ao santo Apostolo,
Rebento da fidalga raça nova
Que não anda de pé como S. Pedro,
Nem estafa os corseis de S. Francisco —
« Perdôe Vossa Excellencia Eminentissima,
É um pobre diabo de poeta...
Um homem sem miolo e sem barriga
Que lembrou-se de vir morrer na estrada! »

« Abrenuncio! rouqueja o santo bispo,

Leve o Diabo essa tribu de bohemios!
Não ha tanto lugar onde se morra?
Maldita gente! inda persegue os Santos
Depois que o Diabo a leva!... »

E foi caminho.

Leve-te Deus! Apostolo da crença,
Da esperança e da santa caridade!
Tu, sim, és religioso e nos altares
Vem cada sacristão e cada monge
Agitar a teus pés o seu thuribulo!
E o sangue do Senhor no calix d'oiro
Da turba na oração te banha os labios...

Leve-te Deus, Apostolo da crença!
Sem padres como tu que fôra o mundo?...
E' por ti que o altar apoia o throno!
É teu olhar que fertiliza os valles,
Fecunda a vinha santa do Messias!

Leve-te Deus... ou leve-te o Demonio!

V

Cahiu a noite do azulado manto,
Como gotas de orvalho, sacudindo
Estrellas scintillantes... Veio a lua,
Banhando de tristeza o céo profundo,
Frazer aos corações melancolia,
E no ether cheiroso derramar
Cerulea chamma! — Dia incerto e pallido
Que ao lado da floresta as sombras junta
E golfa pelas agoas das campinas
Alvacentos clarões que as flores bebem!
A galope, de volta do noivado,
Passa o Conde Solfier e a noiva Elfrida:
Seguem fidalgos que o saráo reclama.

ELFRIDA.

— Não vês, Solfier, alli da estrada em meio
Um defunto estendido?

SOLFIER.

— Ó minha Elfrida,

Voltemos d'esse lado : outro caminho
Se dirige ao castello. E' máo agouro
Por um morto passar em noites d'estas.

Mas Elfrida approxima o seu cavallo.

ELFRIDA.

« Tancredo!... Vêde!?... é o trovador Tancredo!
Coitado! assim morrer! um pobre moço...
Sem mãi e sem irmã! E não o enterrão?
N'este mundo não teve um só amigo! »

« Ninguem, senhora! respondeu da sombra
Uma dorida voz. Eu vim, ha pouco,
Ao saber que do povo no abandono
Jazia como um cão, eu vim... e eu mesmo
Cavei junto do lago a cova d'elle. »

ELFRIDA.

« Tendes um coração: tomai, mancebo,
Tomai esta pulseira... Em ouro e joias
Tem bastante p'ra erguer-lhe um monumento
E para longas missas lhe dizerem
Pelo repouso d'alma... »

O moço riu-se.

O DESCONHECIDO.

« Obrigado : guardai as vossas joias.
Tancredo o trovador morreu de fome!
Passárão- lhe no corpo frio e morto,
Salpicárão de lodo a face d'elle,
Talvez cuspissem n'esta fronte santa,
Cheia outr'ora de eternas phantasias,
De ideias a valer um mundo inteiro!...
Porque lançar esmolas ao cadaver?
Leva-as... fidalga, tuas joias bellas:
O orgulho do plebêo as vê sorrindo...
Missas?.. bem sabe Deus se n'este mundo
Gemeu alma tão pura como a d'elle!
Foi um anjo ! e murchou-se como as flores
Morreu sorrindo, como as virgens morrem...
Alma doce que os homens engeitárão,
Lyrio que a turba immunda profanou
Oh! não te mancharei, nem a lembrança
Com o óbolo dos ricos! Pobre corpo
És o templo deserto, onde habitava
O Deus que em ti soffreu por um momento!
Dorme, pobre Tancredo! eu tenho braços :
Na cova negra dormirás tranquillo...
Tu repousas ao menos! . . . . .
. . . . . .

No emtanto, sofreando a custo a raiva,
Mordendo os labios de soberba e furia,
Solfier da bainha arranca a espada,
Avança ao moço e brada-lhe :

« Insolente!
Cala-te, doudo! cala-te, mendigo!
Não vês quem te fallou? Curva o joelho,
Tira o gorro, villão...»

O DESCONHECIDO.

« Tu vês : não tremo !
Tu não vales o vento que salpica
Tua fronte de pó. Porque és fidalgo
Não sabes que um punhal vale uma espada
Dentro do coração? »

Mas logo Elfrida :
« Acalma-te, Solfier! O triste moço
Desespera, blasphema e não me insulta.
Perdôa-me tambem, mancebo triste!
Não pensei offender tamanho orgulho:
Tua magoa respeito. Só te imploro
Que sobre a fronte ao trovador desfolhes
Estas flores, as flores do noivado

De uma triste mulher... E quanto ás joias,
Lança-as no lago... Mas quem és? teu nome? »

O DESCONHECIDO.

« Quem sou? um doudo! uma alma de insensato
Que Deus maldice e que Satan devora!
Um corpo moribundo em que se nutre
Uma scentelha de pungente fogo!
Um raio divinal que dóe e mata,
Que doira as nuvens e amortalha a terra!...
Uma alma como o pó em que se pisa!
Um bastardo de Deus! um vagabundo
A que o genio gravou na fronte — anathema!
D'esses que a turba com o dedo aponta...
Mas não; não hei de sel-o! eu juro n'alma,
Pela caveira, pelas negras cinzas
De minha mãi o juro!... Agora, ha pouco,
Junto de um morto reneguei do genio,
Quebrei a lyra á pedra de um sepulchro...
— Eu era um trovador, sou um mendigo...

Ergueu do chão a dadiva d'Elfrida,
Roçou as flores aos trementes labios,
Beijou-as. Sobre o peito de Tancredo
Pousou-as lentamente...

« Em nome d'elle,
Agradeço estas flores do teu seio,
Anjo que sobre um tumulo desfolhas
Tuas ultimas flores de donzella! »

Depois vibrou na lyra estranhas magoas,
Carpiu á longa noite escuras nenias,
Cantou : banhou de lagrimas o morto.

De repente parou : vibrou a lyra
Co'as mãos iradas tremulas... e as cordas
Uma per uma rebentou cantando...
Tinha fogo no craneo e suffocava :
Passou a fria mão nas fontes humidas,
Abriu a medo os labios convulsivos,
Sorriu de desespero ; e sempre rindo
Quebrou as joias e as lançou no abysmo...

VI

No outro dia, na borda do caminho
Deitado ao pé de um fosso aberto apenas

Viu-se um mancebo loiro que morria...
Semblante feminil e formas debeis,
Mas nos pallores da espaçosa fronte
Uma sombria dôr cavára sulcos:
Corria sobre os labios alvacentos
Uma leve humidez, um ló d'escuma;
E seus dentes a raiva constringira...
Tinha os punhos cerrados... Sobre o peito
Achárão letras de uma lingoa estranha..
E um vidro sem licôr — fôra veneno!...

Ninguem o conheceu: mas conta o povo
Que, ao lançal-o no tumulo, o coveiro
Quiz roubar-lhe o gibão, despiu o moço...
E viu... talvez é falso... niveos seios...
Um corpo de mulher de fórmas puras...

VII

Na tumba dormem os mysterios d'ambos:
Da morte o negro véo não ha erguêl-o!
Romance obscuro de paixões ignotas,

Poema d'esperança e desventura,
Quando a aurora mais bella os encantava,
Talvez rompeu-se no sepulchro d'elles!
Não póde o bardo revelar segredos
Que levarão ao céo as ternas sombras:
— Desfolha apenas n'essas frontes puras
Da extrema inspiração as flores murchas...

IDÉAS INTIMAS

FRAGMENTO

La chaise où je m'assieds, la natte où je me couche
La table où je t'écris. . . . . .
. . . . . .
Mes gros souliers ferrés, mon bâton, mon chapeau,
Mes livres pêle-mêle entassés sur leur planche. . .
. . . . . .
De cette espace étroit sont tout l'ameublement.

LAMARTINE. *Jocelyn*

I

Ossian — o bardo, é triste como a sombra
Que seus cantos povôa. O Lamartine
É monotono e bello como a noite,
Como a lua no mar e o som das ondas...

Que pranteião eternas monodias.
Tem na lyra do genio uma só corda,
— Fibra de amor e Deus que um sopro agita !
Se desmaia de amor... a Deus se volta,
Se pranteia por Deus... de amor suspira.
Basta de Shakspeare. Vem tu agora,
Phantastico allemão, poeta ardente,
Que illumina o clarão das gotas pallidas
Do nobre Johannisberg ! Nos teus romances
Meu coração deleita-se... Comtudo,
Parece-me que vou perdendo o gosto,
Vou ficando *blasé* : passeio os dias
Pelo meu corredor, sem companheiro,
Sem ler, nem poetar... Vivo fumando.
Minha casa não tem menores nevoas
Que as d'este céo d'inverno... Solitario
Passo as noites aqui e os dias longos...
Dei-me agora ao charuto em corpo e alma:
Debalde alli de um canto um beijo implora,
Como a belleza que o Sultão despreza,
Meu cachimbo allemão abandonado!
Não passeio a cavallo e não namóro,
Odeio o *lasquenet*... Palavra d'honra!
Se assim me continuão por dous mezes
Os diabos azues nos frouxos membros,
Dou na Praia Vermelha ou no Parnaso.

II

Enchi o meu salão de mil figuras:
Aqui vôa um cavallo no galope,
Um rôxo *dominó* as costas volta
A um cavalleiro de allemães bigodes,
Um preto beberrão sobre uma pipa
Aos grossos beiços a garrafa aperta...
Ao longo das paredes se derramão
Extinctas inscripções de versos mortos
E mortos ao nascer!.. Alli na alcova,
Em agoas negras, se levanta a ilha
Romantica, sombria, á flôr das ondas
De um rio que se perde na floresta...
— Um sonho de mancebo e de poeta,
El-Dorado de amor que a mente cria,
Como um Eden de noites deleitosas...
Era alli que eu podia no silencio
Junto de um anjo... Além o romantismo!
Borra adiante folgaz caricatura
Com tinta de escrever e pó vermelho
A gorda face, o volumoso abdomen,

E a grossa penca do nariz purpureo
Do alegre vendilhão, entre botelhas,
Mettido n'um tonel... Na minha commoda,
Meio encetado o copo, inda verbera
As agoas d'oiro do *Cognac* ardente:
Negreja ao pé narcotica botelha
Que da essencia de flores de laranja
Guarda o licôr que nectarisa os nervos.
Alli mistura-se o charuto havano
Ao mesquinho cigarro e ao meu cachimbo...
A mesa escura cambaleia ao peso
Do titaneo Digesto ; e ao lado d'elle
Childe-Harold entre-aberto... ou Lamartine
Mostra que o romantismo se descuida
E que a poesia sobrenada sempre
Ao pesadelo classico do estudo.

III

Reina a desordem pela sala antiga,
Desce a têa de aranha as bambinellas
A' estante pulvurenta. A roupa, os livros

Sobre as poucas cadeiras se confundem.
Marca a folha do Faust um collarinho
E Alfredo de Musset encobre, ás vezes,
De Guerreiro ou Valasco um texto obscuro.
Como outr'ora do mundo os elementos
Pela treva jogando cambalhotas,
Meu quarto, mundo em cháos, espera um *Fiat*

IV

Na minha sala trez retratos pendem:
Alli Victor Hugo. — Na larga fronte
Erguidos luzem os cabellos loiros,
Como c'rôa soberba. Homem sublime!
O poeta de Deus e amores puros!
Que sonhou Triboulet, Marion Delorme
E Esmeralda — a Cigana... E diz a chronica
Que foi aos tribunaes parar um dia
Por amar as mulheres dos amigos
E adulteros fazer *romances vivos*.

V

Aquelle é Lamennais — o bardo santo,
Cabeça de propheta, ungido crente,
Alma de fogo na mundana argilla,
Que as harpas de Sion vibrou na sombra,
Pela noite do seculo chamando
A Deus e á liberdade as loucas turbas.
Por elle a George Sand morreu de amores,
E dizem que... Defronte, aquelle moço
Pallido, pensativo, a fronte erguida,
Olhar de Bonaparte em face austriaca,
Foi do homem secular as esperanças:
No berço imperial um céo de agosto
Nos cantos de triumpho despertou-o...
As aguias de Wagram et de Marengo
Abrião flammejando as longas azas,
Impregnadas do fumo dos combates,
Na purpura dos Cesares, guardando-o...
E o genio do futuro parecia
Predestinal-o á gloria. A historia d'elle?...
Resta um craneo nas urnas do estrangeiro..

Um loureiro sem flores nem sementes...
E um passado de lagrimas... A terra
Tremeu ao sepultar-se o Rei de Roma.
Póde o mundo chorar sua agonia
E os louros de seu pai na fronte d'elle
Infecundos depôr... Estrella morta,
Só póde o menestrel sagrar-te prantos!

VI

Junto a meu leito, com as mãos unidas,
Olhos fitos no céo, cabellos soltos,
Pallida sombra de mulher formosa
Entre nuvens azues pranteia orando.
È um retrato talvez. N'aquelle seio
Porventura sonhei doiradas noites,
Talvez sonhando desatei sorrindo
Alguma vez nos hombros perfumados
Esses cabellos negros e em deliquio
Nos labios d'ella suspirei tremendo.
Foi-se a minha visão... E resta agora
Aquella vaga sombra na parede
— Phantasma de carvão e pó ceruleo ! —

Tão vaga, tão extincta e fumarenta
Como de um sonho o recordar incerto.

VII

Em frente do meu leito, em negro quadro,
A minha amante dorme. É uma estampa
De bella adormecida. A rosea face
Parece em visos de um amor lascivo
De fogos vagabundos accender-se...
E com a nivea mão recata o seio...
Oh! quantas vezes, ideal mimoso,
Não encheste minh'alma de ventura,
Quando louco, sedento e arquejante
Meus tristes labios imprimi ardentes
No poento vidro que te guarda o somno!

VIII

O pobre leito meu, desfeito ainda,
A febre aponta da nocturna insomnia.

Aqui languido a noite debati-me
Em vãos delirios anhelando um beijo...
E a donzella ideal nos roseos labios,
No doce berço do moreno seio
Minha vida embalou estremecendo...
Forão sonhos comtudo! A minha vida
Se esgota em illusões. E quando a fada
Que diviniza meu pensar ardente
Um instante em seus braços me descança
E roça a mêdo em meus ardentes labios
Um beijo que de amor me turva os olhos...
Me ateia o sangue, me enlanguece a fronte...
Um espirito negro me desperta,
O encanto do meu sonho se evapora..
E das nuvens de nacar da ventura
Rólo tremendo á solidão da vida!

IX

Oh! ter vinte annos sem gozar de leve
A ventura de uma alma de donzella!
E sem na vida ter sentido nunca
Na suave attracção de um roseo corpo

Meus olhos turvos se fechar de gozo!
Oh! nos meus sonhos, pelas noites minhas
Passão tantas visões sobre meu peito!
Pallor de febre meu semblante cobre,
Bate meu coração com tanto fogo!
Um doce nome os labios meus suspirão,
Um nome de mulher... e vejo languida
No véo suave de amorosas sombras
Semi-nua, abatida, a mão no seio,
Perfumada visão romper a nuvem,
Sentar-se junto a mim, nas minhas palpebras
O alento fresco e leve como a vida
Passar delicioso... Que delirios!
Acordo palpitante... inda a procuro:
Embalde a chamo, embalde as minhas lagrimas
Banhão meus olhos e suspiro e gemo...
Imploro uma illusão... tudo é silencio!
Só o leito deserto, a sala muda!
Amorosa visão. mulher dos sonhos,
Eu sou tão infeliz, eu soffro tanto!
Nunca virás illuminar meu peito
Com um raio de luz d'esses teus olhos?

X

Meu pobre leito! eu amo-te comtudo!

Aqui levei sonhando noites bellas,
As longas horas olvidei libando
Ardentes gotas de licôr doirado,
Esqueci-as no fumo, na leitura
Das paginas lascivas do romance...

Meu leito juvenil, da minha vida
E's a pagina d'oiro. Em teu asylo
Eu sonho-me poeta e sou ditoso...
E a mente errante devaneia em mundos
Que esmalta a phantasia! Oh! quantas vezes
Do levante no sol entre odaliscas
Momentos não passei que valem vidas!
Quanta musica ouvi que me encantava!
Quantas virgens amei! que Margaridas,
Que Elviras saudosas e Clarissas,
Mais tremulo que Faust, eu não beijava...
Mais feliz que Don Juan e Lovelace,
Não apertei ao peito desmaiando!

O' meus sonhos de amor e mocidade,
Porque ser tão formosos, se devieis
Me abandonar tão cêdo... e eu acordava
Arquejando a beijar meu travesseiro?

XI

Junto do leito meus poetas dormem
— O Dante, a Biblia, Shakspeare e Byron,
Na mesa confundidos. Junto d'elles
Meu velho candieiro se espreguiça
E parece pedir a formatura.
O' meu amigo, ó velador nocturno,
Tu não me abandonaste nas vigilias,
Quer eu perdesse a noite sobre os livros,
Quer, sentado no leito, pensativo
Relesse as minhas cartas de namoro...
Quero-te muito bem, ó meu comparsa
Nas doudas scenas de meu drama obscuro!
E n'um dia de *spleen*, vindo a pachorra,
Hei - de evocar-te d'um poema heroico
Na rima de Camões e de Ariosto,
Como padrão ás lampadas futuras!

. . . . . .

XII

Aqui sobre esta mesa junto ao leito
Em caixa negra dous retratos guardo:
Não os profanem indiscretas vistas.
Eu beijo-os cada noite : n'este exilio
Venero-os juntos e os prefiro unidos...
— Meu pai e minha mãi ! Se acaso, um dia,
Na minha solidão me acharem morto,
Não os abra ninguem. Sobre meu peito
Lancem-os em meu tumulo. Mais doce
Será certo o dormir da noite negra,
Tendo no peito essas imagens puras.

XIII

Havia uma outra imagem que eu sonhava
No meu peito na vida e no sepulchro
Mas ella não o quiz... rompeu a tela,

Onde eu pintára meus doirados sonhos.
Se posso no viver sonhar com ella,
Essa trança beijar de seus cabellos
E essas violetas inodoras, murchas
Nos labios frios comprimir chorando,
Não poderei na sepultura, ao menos,
Sua imagem divina ter no peito!

XIV

Parece que chorei... Sinto na face
Uma perdida lagrima rolando...
Satan leve a tristeza! Oiá, meu pagem,
Derrama no meu copo as gotas ultimas
D'essa garrafa negra...

Eia! bebamos!
És o sangue do genio, o puro nectar
Que as almas do poeta diviniza,
O condão que abre o mundo das magias!
Vem, fogoso *Cognac*! É só comtigo
Que sinto-me viver. Inda palpito,
Quando os effluvios d'essas gotas aureas

Filtrão no sangue meu correndo a vida,
Vibrão-me os nervos e as arterias queimão.
Os meus olhos ardentes se escurecem
E no cerebro passão delirosos
Assomos de poesia... D'entre a sombra
Vejo n'um leito d'oiro a imagem d'ella
Palpitante, que dorme e que suspira,
Que seus braços me estende...

Eu me esquecia...
Faz-se noite: traz fogo e dous charutos
E na meza do estudo accende a lampada...

BOHEMIOS

ACTO DE UMA COMEDIA NÃO ESCRIPTA

« Totus mundus agit histrioniam. »

Proverbio do tempo de SHAKSPEARE.

A scena passa-se na Italia, no seculo XVI. Uma rua escura e deserta. Alta noite. N'uma esquina uma imagem de Madona em seu nicho alumiado por uma lampada.

Puff dorme no chão abraçando uma garafa. *Nini* entra tocando guitarra. Dão 5 horas.

NINI.

Olá! que fazes, Puff? dormes na rua?

PUFF, acordando

Não durmo... Penso.

NINI,

Estás enamorado?.
E deitado na pedra acaso esperas
O abrir de uma janella? Estás cioso
E co'a botelha em vez de durindana
Aguardas o rival?

PUFF.

Ceiei á farta
Na taverna do Sapo e das Tres-Cobras...
Faço o chylo.. ao repouso me abandono.
Como o Papa Alexandre ou como um Tur
Me entrego ao *far niente* e bem a gosto
Descanço na calçada imaginando.

NINI.

Embalde quiz dormir. Na minha mente
Fermenta um mundo novo que desperta.
Escuta, Puff : eu sinto no meu craneo,
Como em seio de mãi, um feto vivo...
Na minha insomnia vela o pensamento:
Os poetas passados e futuros
Vou todos offuscar... A qui no cerebro
Tenho um grande poema. Hei de escrevel-o...
É certa a gloria minha!

PUFF.

A ideia é boa :
Toma dez bebedeiras... são dez cantos.
Quanto a mim, tenho fé que a poesia
Dorme dentro do vinho. Os bons poetas
Para ser immortaes beberão muito.

NINI.

Não rias... Minha idéa é nova e bella.
A Musa me votou a eterna gloria.
Não me engano, meu Puff, emquanto sonho...
Se aos poetas divinos Deus concede
Um céo mais glorioso, alli com Tasso,
Com Dante e Ariosto eu hei de vêr-me...
Se eu fizer um poema, certamente
No Panthcon da fama cem estatuas
Cantarão aos vindouros o meu genio!

PUFF.

Em estatua, meu Nini? Estás zombando!
É impossivel que saias parecido...
Que marmore daria a côr vermelha
D'esse immenso nariz, d'essas melenas?

NINI.

Estás bebado, Puff. Tresandas vinho.

PUFF.

O vinho!?... és uma besta!... só um parvo
Póde a belleza desmentir do vinho.
Tu nunca leste o Cantico dos Canticos
Onde o rei Salomão, como elogio,
Dizia á noiva : — *Pulchriora sunt*
Ubera tua vino!

NINI.

E's sempre um bobo.

PUFF.

E tu és sempre esse nariz vermelho,
Que ainda aqui na treva d'esta rua
Flammeja ao pé de mim. Quando te vejo,
Penso que estou na igreja ouvindo missa
Dita por Cardeal.

NINI.

E's um devasso...

PUFF.

Respondo-te sómente o que dizia
Sir John Falstaff, da noite o cavalleiro :
« Se Adão peccou no estado de innocencia,
Que muito é que nos dias da impureza

Peque o misero Puff? » Tu bem o sabes :
Toda a fragilidade vem da carne...
E na carne se eu tanto excedo os outros,
Vicios não devem meus causar espanto.
Minh' alma dorme em treva completissima
Pela minha descrença... E tu, maldito,
Porque sempre não vens esclarecer-me
Com esse teu pharol acceso sempre,
Cavalleiro da lampada vermelha,
As trevas de minh'alma?

NINI.

Que leproso!

PUFF.

Sou um homem de peso. Entendo a vida,
Tenho muito miolo ; e a prova d'isto
É que não sou poeta, nem philosopho..:
E gósto de beber, como Panurgio.
Se tu fosses tonel, como pareces,
Eu te bebêra agora de um só trago.

NINI.

Quero-te bem comtudo. Amigos velhos
Deixemo-nos de historias. Meu poema...

PUFF.

Se fallas em poema, eu logo durmo.

NINI.

Uma vez era um rei...

PUFF.

Não vês? eu ronco.

NINI.

Quero a ti dedicar minha obra prima...
Irás junto co'migo á eternidade!
Teu retrato porei no frontispicio.
Meu poema será uma corôa
Que as nossas frontes engrinalde juntas.

PUFF.

Pensei-te menos doudo. O teu poema
Seria uma sublime carapuça!
Mas, já que sonhas tanto, olha, meu Nini,
Tu precisas de um sacco.

NINI.

Impertinente!

PUFF.

Dá-me aqui tua mão. Sabes, amigo?
Passei hontem o dia de namoro·
Minhas paixões voltei á nova esposa

Do velho Conde que alli mora em frente...
Estou adiantado nos amores.
A cozinheira, outr'ora minha amante,
Meus passos guia, meus suspiros leva:
Mas preciso com pressa de um soneto!
Promettes-me fazel-o?

NINI.

Se me ouvires
Recitar meu poema...

PUFF.

Eu me resigno.
Declama teu sermão, como um vigario...
Mas o somno ao rebanho se permitte?

(Entra um criado correndo.)

Rôa-me o diablo as tripas, se não vejo
Alli correr com pernas de cabrita
O criado do conego Tansoni.

NINI.

Onde vais, Gambioletto?

GAMBIOLETTO.

Vou á pressa
Ao doutor Fossuário

PUFF.

Acaso agora
O carrasco fugiu?

NINI.

Quem agoniza?

GAMBIOLETTO.

O Reverendo e Santo Sr. Conego!
Deitando-se a dormir, depois da ceia,
No collo de Madona la Zaffeta,
Umas dores sentiu pela barriga,
Cahiu estrebuxando sobre a sala...
Morre de apoplexia.

NINI.

O diabo o leve!

GAMBIOLETTO.

E o medico, Srs!

PUFF.

Venturoso!
Sempre é Conego ... Nini, *dulce et decus*
Pro patria mori... É doce e glorioso

Morrer de apoplexia! Quem me déra
Morrer depois da ceia, de repente!
Não vem o confessor contar novellas,
Não soão cantos funebres em torno,
Nem se fórça o medroso moribundo
A rezar, quando só dormir quizera!
Venturosos os Conegos e os Bispos...
E os papudos Abbades dos conventos!
Elles podem morrer de apoplexia!
E se morrem pensando — cousa nova! —
Quem nunca no viver cançou-se n'isso,
Se elles morrem pensando, ante seus olhos,
No momento final sem ter pavores,
Inda corre a visão da bella meza!
A não morrer-se como o velho Pindaro
Cantando, sobre o seio amorenado
De sua amante Grega, oh! quem me déra
Cahir morto no chão, beijando ainda
A botelha divina!

NINI.

Que maluco!
A esta horas da noite, assim no escuro
Não temes de lembrar-te de defuntos?
Beijarias até uma caveira,
Se espumante o Madeira ali corresse!

PUFF

Os calices doirados são mais bellos!
Inda porém mais doce é nos beicinhos
De bella moça que sorrindo bebe...
Libar mais terno o saibo dos licores...
Eu prefiro beijar a tua amante.

NINI.

Tens medo de defuntos?

PUFF.

Um bocado.
Sinto que não nasci para coveiro.
Comtudo, no domingo, á meia noite...
Pela forca passei: vi nas alturas,
Do luar sem vapor á luz formosa,
Um villão pendurado. Era tão feio!
A lingua um palmo fóra sobre o peito,
Os olhos espantados, bocca livida,
Sobre a cabeça d'elle estava um corvo...
O morto estava nú, pois o carrasco
Os mortos despe p'ra vestir os filhos
E deixa á noite o padecente á fresca.
Eu senti pelo corpo uns arrepios...
Mas depois veio o animo... trepei

Pela escada da forca, fui acima...:
E pintei uns bigodes no enforcado.

NINI.

Bravo como um Vampiro!

PUFF.

Oh! antes d'hontem
Passei pelos telhados sem ter medo,
Para evitar um pateo onde velava
Um cão - que enorme cão! - subindo ao quarto
Onde dorme Rosina Belvidera...

NINI

Ousaste ao Cardeal depôr na fronte
Tão pesada corôa?

PUFF.

A mitra cobre...
Dizem que a santidade lava tudo!
Depois... o Cardeal estava bebado...
A proposito, sabes dos amores
Do capitão Tybald? O tal maroto
Não sei de que milagres tem segredo
Que deu volta á cabeça da rainha.

NINI.

Por isso o pobre Rei anda tão triste!

PUFF.

Spadaro, o fidalgote barba-ruiva,
Contou-me que espiando p'la janella
Do quarto da rainha os viu... Caluda!

NINI.

E o Rei que faz? Não tem lá na cozinha
Algum páo de vassoura ou um chicote?

PUFF.

El-Rei Nosso Senhor então ceiava.

NINI.

Santo Rei!

PUFF.

E demais é bem sabido
Que El-Rei só reina á meza e nas caçadas.

NINI.

Nunca perde um veado quando atira.

PUFF.

Elle caça veados?... Má fortuna!
Não o cacem tambem pela ramagem!

NINI.

Com lingua tão comprida e viperina
Irás parar na forca...

PUFF.

Nini, escuta:
Assisti esta noite a um pagode
Na taverna do Sapo e das tres Cobras.
Era já lusco-fusco... e eu entrando
Dou com Frei São José e Frei Gregorio,
O Prior do convento dos Bernardos
E mais uns dous ou tres que só conheço
De vêr pelas esquinas se encostando,
Ou dormidos na rua a somno solto...

Que soberbo painel! Faze uma idéa!
Um banquete! fartura! que presuntos!
Que tostados leitões que recendião!
N'uma enorme caldeira enormes peixes!
Rechedos capões fervendo ainda!
Perús! *olhas podridas*! costelletas...
— Esgotára o talento a cozinheira!
Abertos garrafões! garrafas cheias!
Vinho em copos immensos transbordando...
Na toalha, já suja, debruçados
Aquelles religiosos cachaçudos
De bocca aberta e de embotados olhos.
Gastronomos! alli é que se via
Que é sciencia o comer... e como um frade

Goza pelo nariz e pelos olhos,
Pelas mãos, pela bocca... e faz focinho
E bate a lingua ao paladar gostoso
Ao celeste sabor de um bom pedaço!

Depois! era bonito! Frei Gregorio
Co'a bocca de gordura reluzente,
Farto de vinho, esquece o rheumatismo,
Esquece a erysipela já sem cura,
Canta rondós e dança a tarantela...
Arrasta-se cahindo e se babando
Aos pés da taverneira. De joelhos
Faz-lhe a côrte, cantando o *Miserere*,
Principia sermões, engróla textos
E a gorda mão estende ao nedio seio
Da bella mocetona... a mão lhe beija,
A mão que o sceptro cinge de vassoura...
Chora, soluça e cai, estende os braços,
Ainda a chama e o canto-chão entôa...

Era de rir! Os velhos amorosos,
Uns de joelhos no chão, outros cantando
Estendidos na meza entre os despojos,
Outros beijando a moça, outros dormindo. .
E ella no meio delambida e fresca
Excita-os mutuamente e os rivalisa,

Passa-lhes pelo queixo a mão gorducha...

Corre o Prior a sôco um Barbadinho,
Atracão-se, blasphemão, s'esconjurão...
Um agarra na barba do contrario,
Outro tenta apertar o papo alheio...
Abração-se na luta os dous volumes
E rolão como pipas. No oceano
Assim duas baleias ciumentas
Atracão-se na luta... Que risadas!
Que risadas, meu Deus! arrebentando
Soltou o pobre Puff ante a comedia!

NINI.

Ouve agora o poema...

PUFF.

Espera um pouco:
A taverna do canto não se fecha...
Está aberta. Compra uma garrafa...
Bom vinho... tu bem sabes! Tenho a guela
Fidalga como um rei. Não tenho duvida :
Mentiu a minha mâi quando contou-me
Que nasci de um prosaico matrimonio...
Eu filho de escrivão!... Para crear-me
Era — senão um Rei — preciso um Bispo!

NINI.

(Vai á taverna e volta.)

Eis aqui uma bella empada fria,
Uma garrafa e copo.

PUFF, quebrando o copo.

O Demo o leve!
Eu sou como Diogenes: só quero
Aquillo sem o que viver não posso.
Deitado n'esta lage, preguiçoso,
Olhando a lua, beijo esta garrafa...
E o mundo para mim é como um sonho.
Creio até que teu ventre desmedido,
Como escura caverna, vai abrir-se,
Mostrando-me no seio illuminado
Panoramas de harêm, sultanas lindas
E longas prateleiras de bom vinho!

NINI.

Dou começo ao poema. Escuta um pouco.

I

« Havia um rei, n'uma ilha solitaria,
Um rei valente, cavalleiro e bello.
O rei tinha um irmão: - era um mancebo
Pallido, pensativo. A sua vida
Era nas serras divagar scismando,
Sentar-se junto ao mar, dormir no bosque
Ou vibrar no alaúde os seus gemidos.

II

Vagabundo, uma vez, junto das ondas
O principe encontrou na areia fria
Uma branca donzella desmaiada,
Que um naufragio na praia arremessara :
Revelavão-lhe as roupas gotejantes
O bello talhe niveo, o melindroso
Das bem moldadas formas. O mancebo

Nos braços a tomou e foi com ella
Esconder-se no bosque.

Quando a bella
Suspirando acordou, o bello principe
Aos pés d'ella velava de joelhos.

Amarão-se. É a vida. Elles vivêrão
D'esse desmaio que dá corpo aos sonhos,
Que realiza visões e aroma a vida
Na sua primavera. A lua pallida,
As sombras da floresta e d'entre a sombra
As aves amorosa que suspirão
Virão aquellas frontes namoradas,
Ouvirão, suffocando-se n'um beijo,
Suspiros que o deleite evaporava.

III

O rei tinha um truão. O caso é visto:
É muito natural. Se reis sombrios
Gostão de bobos na doirada côrte,

Não admira de certo que um risonho
Em vez de capellão tivesse um bobo

Loriolo — o truão do rei, acaso,
Um dia, atravessando p'la floresta,
Foi dar n'uma cabana de folhagens :
Ninguem estava alli, porém n'um leito
De brandas folhas e cheirosas flores
Elle viu estendidas roupas alvas
— E roupas de mulher ! e junto um gorro,
Que pelas joias e fluctuantes plumas
E pela firma no velludo negro
Denunciava o principe.

Loriolo,
Apesar de na côrte ser um Bobo,
Não era um zote. Foi-se remoendo...
Jurou dar com a historia dos namoros
E, para andar melhor em tal caminho,
Elle, que adevinhava que as Americas
Sem protecção de rei ninguem descobre,
Madrugou muito cedo... inda era escuro
E convidou el-rei para o passeio.

IV

Ora, por uma triste desventura,
O rei entrando na Cabana Verde
Achou só a mulher... adormecida
No desalinho descuidoso e bello
Com que ellas dormem, soltos os cabellos,
A face sobre a mão e os seios lindos
Batendo á solta na macia tela
Da roupa de dormir que os modelava...
Não digo mais...

Loriolo pôz-se á espreita.
O rei de leve despertou a bella,
Acordou-a n'um beijo...

V

A linda moça,
Se havia alli raivosa apunhalar-se,

Fazer espalhafato e gritaria,
Por um capricho, voluptuoso assomo,
Entregou-se ao amor do Rei...

VI

« Maldito! »
Bradou-lhe á porta um vulto macilento.
« Maldito! meu irmão, aquella moça
É minha, minha só, é minha amante
E minha esposa fôra... »

O rei sorrindo
Lhe estende a regia mão e diz alegre :
« A culpa é tua. Eu d'isto não sabia;
Se do teu casamento me fallasses,
Eu respeitára tua... »

« Basta, infame!
Não acrescentes zombaria ao crime.
Hei-de punir-te. É solitario o bosque;
Aqui não és um rei, porém um homem,

Um vil em cujo sangue hei-de lavar-me,
Oh! sangue! quero sangue! eu tenho sêde! »

VII

Despiu tremendo a reluzente espada.
O mesmo fez o Rei. — Lutarão ambos.
Fœminæ sacra fames, quantum pectora
Mortalia cogis! E embalde a moça,
Ajoelhada, semi-núa e pallida,
Vinha chorando, mais gentil no pranto,
Entre as espadas se lançar gemendo.
Embalde! Longo tempo encarniçada
A peleja durou... Emfim cahirão:
Rolárão ambos trespassados, frios...
E, na treva de morte que os cegava,
Inda alongando os braços convulsivos
Que avermelhava o fratricida sangue,
Procuravam no sangue o inimigo!

VIII

O Bobo fez as covas. Na montanha
Enterrou os irmãos. E quanto á moça,
Pelo braço a tomou chorosa e fria,
Foi ao paço e, na gothica varanda.
De corôa real e longo manto,
Fallou á plebe, prometteu franquezas...
Impostos levantar e dar torneios.
Fallou aos guardas : prometteu-lhes vinho...
Fallou á fidalguia, mas no ouvido...
E prometteu-lhe consentir nos vicios
E depressa fazer uma lei nova
Pela qual, se um fidalgo assassinasse
Algum torpe villão, ficasse impune...
E nem pagasse mais a vil quantia
Que era pena do crime ; e alto disse
Que havia conquistar paizes novos.

IX

A historia infelizmente é muito vista.
Não sou original! E' uma desgraça!
Mas prefiro o caracter verdadeiro
De trovador chronista.

Loriolo
Trocou de guizo o boné sonoro
— Muito leve chapéo! — pela corôa...
Só teve uma desgraça o rei novato :
Foi que um dia fugiu-lhe do palacio
A tal moça volante nos amores.

IX

Muitos annos passárão. Loriolo
Era um sublime rei. De rei a bobo
Já tantos tem cahido! Não admira

Que um Bobo sendo Rei primasse tanto.
Governava tão bem como governão
Os reis de sangue azul e raça antiga.
Demais gastava pouco e, se não fosse
Seu amor pelas alvas formosuras,
De certo que na lista dos monarchas
Elle ficava sendo o Rei — Sovina.
Emfim, era um monarcha de mão cheia.
Tinha só um defeito — vendo sangue
Tinha frio no ventre e desmaiava
Ao luzir de uma espada... Era nervoso!
Ninguem fallava n'isso. Até a giba,
A figura de anão, a pelle escura,
Aquella bocca negra escancarada
(E que nem dentes amarellos tinha
P'ra ser de Adamastor), as gambias finas,
Erão typo dos quadros dos pintores.
Se pintavão Adonis ou Cupido
Copiavão o Rei em corpo inteiro!
E o oiro das moedas, que trazia
A ventosa bochecha, os beiços grossos,
O porcino perfil e a cabelleira...
Era beijado com fervor e culto!

XI

Loriolo envelhecia entre os applausos,
Dando a mão a beijar á fidalguia.
Demais, um sabichão fizera um livro
Em vinte e tantos volumões in-folio,
Obra cheia de mappas e figuras,
Em que provava que por linha recta
De Hercules descendia Loriolo
E portanto de Jupiter Tonante!...
E apresentou as certidões em copia
De obito e nascimento e baptisterio
E até de casamento! e para prova
De que nas veias puras do monarcha
Não corrêra a mais leve bastardia...
É inutil dizer que os taes volumes
Nada contavão sobre o pai — porqueiro,
Como o do Santo Papa Sixto Quinto...
E sobre a mãi do rei — a velha Mória,
Que vendêra perús... Deus sabe o resto!
Nos tempos folgazões da mocidade!

XII

Um dia ao reino cem navios tocão:
São piratas do Norte! — são Normandos!
Infrene multidão nas praias corre,
Levando tudo a ferro... até os frades
Matão, queimão, saqueão, furtão moças...
E a infrene turba corre até aos paços.

XIII

Emquanto vem a campo a fidalguia,
Armada *pied en cap*, espada em punho,
Loriolo sem falla, nos apertos...
Nas adegas se esconde.

Embalde o chamão,
Embalde corre voz que dos Normandos
Emissario de paz o rei procura,

El-rei suou de susto a roupa inteira!
Nem era de pasmar que a reis e povo,
Como ao bicho de seda a trovoada,
Camisas de onze varas apavorem
E façam frio apparições de forca!

XIV

Um soldado normando, que buscava
Nas adegas reaes alguma pinga,
Mette a verruma n'uma velha pipa:
Um grito sai d'alli, mas não licores...
O soldado feroz destampa o nicho,
Agarra um vulto dentro, mas sómente
Sente nas mãos vasia cabelleira...
Desembainha a torva durindana,
Nas cavernas da pipa e nas cavernas
Do coração do rei rebôa o golpe.
Estala-se o tonel de meio a meio.
Entretanto o bom Rei que não fallava,
Sujo da lia da ruinosa pipa,
Mais morto do que vivo (já pensando
Que seu reino acabava n'um espeto

Como o reino do gallo), ás cambalhotas
Rola aos pés do soldado, chora e treme,
Gagueja do pavor nos calafrios
E pelo amor de Deus perdão implora.

XV

O soldado, maroto e bom gaiato,
Agarra ás costas o real trambolho,
Como um villão que á feira leva um porco...
E no meio do pateo, entre despojos,
De pernas para o ar e cara suja
Atira o bobo...

— El-rei! clama um fidalgo.

XVI

Porém o rei não falla... Súa e treme.

« Singofredo o pirata aqui me envia :

— Diz ao rei o pacifico Mercurio
O arauto de paz que vem de bordo,—
Eu venho aqui propôr-vos um tratado.
Por direito de espada e por herança
Singofredo é senhor d'estes paizes;
Elle vem reclamar sua corôa...
Se o rei não se oppuzer não corre sangue:
Senão hão-de fazel-o em sarrabulho,
Puchado p'lo nariz o encher de lodo
E espetar-lhe a careta sobre um mastro.
Singofredo-o feroz, me exige apenas
Que o rei deixando o sceptro d'este reino
Seja sempre na côrte Rei... da Lua.
Loriolo virá ao seu caminho
Trajando seu gibão amarellado
Com remendos de côr e campainhas,
Meias rôxas e gorro afunilado. »

XVII

Loriolo suspira. O povo espera.
Pela face do bobo corre a furto

Uma lagrima tremula. É desgraça
Tendo subido a rei voltar...

Nem ousa
O nome proferir de sua infamia.

De repente uma idéa o illumina...
Deu uma das antigas gargalhadas,
Inda em trajes de rei graceja e pula.

Foi uma dança comica, phantastica,
Um riso que doia — tão gelado
Coava ao coração!... Estava doudo...
Dançou a gargalhar... cahiu exhausto,
Cahiu sem movimento sobre o lodo...
Escutárão-lhe o peito. Estava morto.

Ora o pirata, o invasor normando,
Era filho da nossa conhecida,
Que, posto não podesse com acerto
Dizer quem era o pai do seu bohemio,
Affirmava comtudo afoutamente
Que, em todo o caso, tinha jus ao throno.

Reina pela cidade a bebedeira...

E bebendo-se á saude do bastardo
O bobo que foi rei ninguem sepulta... »

Bem vês, amigo Puff, que n'este conto
Em poucos versos digo historias longas :
— Amores, mortes e no throno um bobo
E sobre o lodo um rei que não se enterra.
Muito embora a mulher as roupas fação,
Eu provo que o burel não faz o monge,
E um bobo é sempre um bobo. Mostro ainda
De meu estro no vario cosmorama
Um rei que n'uma pipa o throno perde
E um bastardo que o pai dizer não póde
E em nome de dous pais, ambos em duvida,
Vem na sangueira reclamar seu nome.

Um outro só com isso déra a lume
Um poema em dez cantos. Sou conciso,
Não ouso tanto : dou sómente idéas,
Esboço aqui apenas meu enredo.

Mas... Puff! olá, meu Puff, es ás dormindo,

Prosaico beberrão! Acorda um pouco!
Bebeu todo o meu vinho, a empada foi-se...
Não resta-me esperança! Este demonio
De um poeta como eu nem vale um murro!

UM HOMEM DE PLATÉA.

Silencio! fóra a peça! que massada!
Até o ponto dorme a somno solto!

Levanta-se o panno até o meio. — Passa por debaixo e vem até a rampa o

PROLOGO,

velho de cabeça calva, camisola branca, carapuça phrygia coroada de louros. Tem um ramo de oliveira na mão. Faz as cortezias do estilo e falla :

Dom Quichote, sublime creatura!
Tu sim! foste leal e cavalleiro,
O ultimo heróe, o paladim extremo
De Castella e do mundo. Se teu cerebro
Toldou-se na loucura, a tua insania
Vale mais do que o siso d'estes seculos

Em que a Infamia, Dagon cheio de lodo,
Recebe as orações, myrrhas e flores...
E a louca multidão renega o Christo!
Tua loucura revelava brio:
No triste livro do immortal Cervantes
Não posso crêr um insolente escarneo
De cavalleiro andante aos nobres sonhos,
Ao fidalgo da Mancha, cuja nodoa
Foi só ter crido em Deus e amado os homens
E votado seu braço aos opprimidos.
Aquellas folhas não me causão riso,
Mas desgosto profundo e tedio á vida.
Soldado e trovador, era impossivel
Que Cervantes manchasse um valeroso
Em vil caricatura! e desse á turba,
Como presa de escarneo e de vergonha,
Esse homem que á virtude, amor e cantos
Abria o coração!...

Estas idéas
Servem para desculpa do poeta.
Apesar de bom moço o autor da peça
Tem uns laivos talvez de Dom Quichote...
E n'estes tempos de verdade e prosa
— Sem Gigantes, sem Magicos medonhos
Que velavão nas torres encantadas

As donzellas dormidas por cem annos —
Do seu imaginar esgrime as sombras
E dá botes de lança nos moinhos.

Mas não escreve satyras : apenas
Na idade das visões dá corpo aos sonhos,
Faz trovas e não talha carapuças,
Nem rebuça no véo de mundo antigo,
P'ra realce maior, presentes vicios,
Não segue Juvenal e nem embebe
Em venenoso fel a penna escura
Para nodoas pintar no manto alheio.

O tempo em que se passa agora a scena
E' o seculo dos Borgias. O Ariosto
Depôz na fronte a Raphael gelado
Sua c'rôa divina e o segue ao tumulo.
Ticiano inda vive. O rei da turba
E' um genio maldito — o Aretino,
Que vende a alma e prostitúe as crenças.
Aretino! essa incrivel creatura,
Poeta sem pudor, onda de lodo
Em que do genio profanou-se a perola...
Vaso d'oiro que um oxydo sem cura
Azinhavrou de morte... homem terrivel
Que tudo profanou co'as mãos immundas,

Que latiu como um cão mordendo um seculo!
E, como diz um epitaphio antigo,
Só em Deus não mordeu, porque o não vira...
Como elle, foi devasso todo o seculo :
Os contos de Boccacio e de Brantôme
São mais puros que a historia d'esses tempos...
Tasso enlouquece. O Rei *que se diverte*
— O heróe de Marignan e de Pavia
Que n'um vidro escrevêra do palacio
« *Femme souvent varie* », mas leviano
Com mais amantes que um Sultão vivia —
Mandava ao Aretino amaveis letras,
Um collar d'oiro com sangrentas lingoas
E dava-lhe pensões. O Vaticano
Viu o Papa beijando aquella fronte,
Carlos V o nomeia cavalleiro,
Abraça-o e — inda mais! — lhe manda escudos.
O Duque João Medicis o adora,
Dorme com elle a par no mesmo leito...
E' um tempo de agonias : a arte pallida,
Suarenta, moribunda, desespera
E aguarda o funeral de Miguel Angelo,
Para com elle abandonar o mundo
E angelica voltar ao céo dos Anjos.

Agora basta. Revelei minh'alma.

A scena descrevi onde corrêra
Inteira uma comedia, em vez de um acto,
Se o poeta, mais forte, se atrevesse
A erguer nos versos a medonha Sombra
Da loucura fatal do mundo inteiro.

Boas noites ! platéa e camarotes:
O ponto já me diz que deixe o campo,
O primeiro galan todo empoado,
Cheio de vermelhão, já dentro falla...
Estão cheios de luz os bastidores.

Uma ultima palavra : o autor da peça,
Puxando-me da tunica romana,
Diz-me da scena que eu avise ás Damas
Que d'esta feita os saes não são precisos.
Não ha-de sarrabulho haver no palco.
E' uma peça classica. O perigo
Que póde ter logar é vir o somno;
Mas dormir é tão bom, que certamente
Ninguem por esse dom fará barulho.

O assumpto da Comedia e do Poema
Era digno sem duvida, Senhores,
De uma penna melhor; mas desta feita
Não falla Shakspeare, nem Gil Vicente.

O poeta é novato, mas promette:
Posto que seja um homem barrigudo
E tenha por Thalia o seu cachimbo
Merece applausos e merece a gloria.

SPLEEN E CHARUTOS

SOLIDÃO

Nas nuvens côr de cinza do horizonte
A lua amarellada a face embuça;
Parece que tem frio e, no seu leito,
Deitou, para dormir, a carapuça.

Ergueu-se... vem da noite a vagabunda
Sem chale, sem camisa e sem mantilha,

Vem núa e bella procurar amantes...
— E' douda por amor da noite a filha.

As nuvens são uns frades de joelhos,
Rezão adormecendo no oratorio...
Todos tem o capuz e bons narizes
E parecem sonhar o refeitorio.

As arvores prateião-se na praia,
Qual de uma fada os magicos retiros...
Ó lua, as doces brizas que susurrão
Coão dos labios teus como suspiros!

Fallando ao coração... que nota aerea
D'este céo, d'estas agoas se desata?
Canta assim algum genio adormecido
Das ondas mortas no lençol de prata?

Minh' alma tenebrosa se entristece,
E' muda como sala mortuaria...
Deito-me só e triste sem ter fome,
Vendo na meza a ceia solitaria.

O' lua, ó lua bella dos amores,
Se tu és moça e tens um peito amigo,

Não me deixes assim dormir solteiro,
A' meia noite vem ceiar co'migo!

II

MEU ANJO

Meu anjo tem o encanto, a maravilha
Da espontanea canção dos passarinhos...
Tem os seios tão alvos, tão macios
Como o pello sedoso dos arminhos.

Triste de noite na janella a vejo
E de seus labios o gemido escuto...
E leve a creatura vaporosa
Como a frouxa fumaça de um charuto.

Parece até que sobre a fronte angelica
Um anjo lhe depôz corôa e nimbo...
Formosa a vejo assim entre meus sonhos
Mais bella no vapor do meu cachimbo.

Como o vinho hespanhol, um beijo d'ella
Entorna ao sangue a luz do paraiso...
Dá morte n'um desdem, n'um beijo vida
E celestes desmaios n'um sorriso!

Mas quiz a minha sina que seu peito
Não batesse por mim nem um minuto...
E que ella fosse leviana e bella
Como a leve fumaça de um charuto!

III

VAGABUNDO

Eat, drink and love; what can the rest avail us?
BYRON. *Don Juan.*

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,
Fumando meu cigarro vaporoso,
Nas noites de verão namoro estrellas,
Sou pobre, sou mendigo e sou ditoso!

Ando rôto, sem bolsos, nem dinheiro...
Mas tenho na viola uma riqueza:
Canto á lua de noite serenatas...
E quem vive de amor não tem pobreza.

Não invejo ninguem, nem ouço a raiva
Nas cavernas do peito, suffocante,
Quando, á noite, na treva, em mim se entornão
Os reflexos do baile fascinante.

Namoro e sou feliz nos meus amores,
Sou garboso e rapaz... Uma criada,
Abrasada de amor por um soneto,
Já um beijo me deu subindo a escada...

Oito dias lá vão que ando scismando
Na donzella que alli defronte mora...
Ella ao vêr-me sorri tão docemente!
Desconfio que a moça me namora...

Tenho por meu palacio as longas ruas,
Passeio a gosto e durmo sem temores...
Quando bebo, sou rei como um poeta,
E o vinho faz sonhar com os amores.

O degráo das igrejas é meu throno,

Minha patria é o vento que respiro,
Minha mãi é a lua macilenta
E a preguiça a mulher por quem suspiro.

Escrevo na parede as minhas rimas,
De paineis a carvão adorno a rua...
Como as aves do céo e as flores puras
Abro meu peito ao sol e durmo á lua.

Sinto-me um coração de lazzaroni;
Sou filho do calor, odeio o frio,
Não creio no diabo nem nos santos...
Rezo á Nossa Senhora e sou vadio!

Ora, se por ahi alguma bella,
Bem doirada e amante da preguiça,
Quizer a nivea mão unir á minha
Ha-de achar-me na Sé, domingo, á missa.

IV

A LAGARTIXA

A lagartixa ao sol ardente vive
E fazendo verão o corpo espicha :
O clarão de teus olhos me dá vida.
Tu és o sol e eu sou a lagartixa.

Amo-te como o vinho e como o somno,
Tu és meu copo e amoroso leito...
Mas teu nectar de amor jámais se esgota,
Travesseiro não ha como teu peito.

Posso agora viver : para corôas
Não preciso no prado colher flores,
Engrinaldo melhor a minha fronte
Nas rosas mais gentis de teus amores.

Vale todo um harem a minha bella,
Em fazer-me ditoso ella capricha...

Vivo ao sol de seus olhos namorados,
Como ao sol de verão a lagartixa.

V

LUAR DE VERÃO

O que vês, trovador? — Eu vejo a lua
Que sem lavar a face alli passeia...
No azul do firmamento inda é mais pallida
Que em cinzas do fogão uma candeia.

O que vês, trovador? — No esguio tronco
Vejo erguer-se o chinó de uma nogueira...
Além se entorna a luz sobre um rochedo,
Tão liso como um páo de cabelleira.

Nas praias lisas a maré enchente
S'espraia scintillante d'ardentia...
Em vez de aromas as doiradas ondas
Respirão effluviosa maresia!

O que vès, trovador? — No céo formoso
Ao sopro dos favonios feiticeiros
Eu vejo — e tremo de paixão ao vel-as —
As nuvens a dormir, como carneiros.

E vejo além, na sombra do horizonte,
Como viuva moça envolta em luto,
Brilhando em nuvem negra estrella viva,
Como na treva a ponta de um charuto.

Teu romantismo bebo, ó minha lua,
A teus raios divinos me abandono,
Torno-me vaporoso... e só de vêr-te
Eu sinto os labios meus se abrir de somno.

VI

O POETA MORIBUNDO

Poetas! amanhã ao meu cadaver
Minha tripa cortai mais sonorosa!...

Fação d'ella uma corda e cantem n'ella
Os amores da vida esperançosa!

Cantem esse verão que me alentava...
O aroma dos curraes, o bezerrinho,
As aves que na sombra suspiravão
E os sapos que cantavão no caminho!

Coração, porque tremes? Se esta lyra
Nas minha mãos sem força desafina,
Emquanto ao cemiterio não te levão,
Casa no marimbáo a alma divina!

Eu morro qual nas mãos da cozinheira
O marreco piando na agonia...
Como o cysne de outr'ora... que gemendo
Entre os hymnos de amor se enternecia.

Coração, porque tremes? Vejo a morte,
Alli vem lazarenta e desdentada...
Que noiva!... E devo então dormir com ella?...
Se ella ao menos dormisse mascarada!

Que ruinas! que amor petrificado!
Tão ante-diluviano e gigantesco!

Ora, fação idéa que ternuras
Terá essa lagarta posta ao fresco!

Antes mil vezes que dormir com ella,
Que d'essa furia o gozo, amor eterno...
Se ali não ha tambem amor de velha
Dêm-me as caldeiras do terceiro Inferno!

No inferno estão suavissimas bellezas,
Cleopatras, Helenas, Eleonoras...
Lá se namora em boa companhia,
Não póde haver inferno com Senhoras!

Se é verdade que os homens gozadores,
Amigos de no vinho ter consolos,
Forão com Satanaz fazer colonia,
Antes lá que no Céo soffrer os tolos!

Ora! e forcem um'alma qual a minha
Que no altar sacrifica ao deus-Preguiça
A cantar ladainha eternamente
E por mil annos ajudar a missa!

É ELLA! É ELLA!

E ella! é ella! — murmurei tremendo,
E o echo ao longe murmurou é ella!...
Eu a vi... minha fada aerea e pura,
A minha lavadeira na janella!

D'essas agoas furtadas onde eu moro
Eu a vejo estendendo no telhado
Os vestidos de chita, as saias brancas...
Eu a vejo e suspiro enamorado!

Esta noite eu ousei mais atrevido
Nas telhas que estalavão nos meus passos

Ir espiar seu venturoso somno,
Vêl-a mais bella de Morphêo nos braços!

Como dormia! que profundo somno!...
Tinha na mão o ferro do engommado...
Como roncava maviosa e pura!
Quasi cahi na rua desmaiado!

Afastei a janella, entrei medroso:
Palpitava-lhe o seio adormecido...
Fui beijal-a... roubei do seio d'ella
Um bilhete que estava alli mettido...

Oh! de certo... (pensei) é doce pagina
Onde a alma dérramou gentis amores!...
São versos d'ella... que amanhã de certo
Ella me enviará cheios de flores...

Tremi de febre! Venturosa folha!
Quem pousasse comtigo n'este seio!
Como Othello beijando a sua esposa,
Eu beijei-a a tremer de devaneio...

E' ella! é ella! — repeti tremendo,
Mas cantou n'esse instante uma coruja...

Abri cioso a pagina secreta...
Oh! meu Deus! era um rol de roupa suja!

Mas se Werther morreu por vêr Carlota
Dando pão com manteiga ás criancinhas,
Se achou-a assim mais bella... eu mais te adoro
Sonhando-te a lavar as camisinhas!

É ella! é ella! meu amor, minh'alma,
A Laura, a Beatriz que o céo revela...
È ella! é ella! — murmurei tremendo,
E o echo ao longe suspirou — é ella!

TERCEIRA PARTE

MEU DESEJO

Meu desejo? era ser a luva branca
Que essa tua gentil mãosinha aperta,
A camelia que murcha no teu seio,
O anjo que por te ver do céo deserta...

Meu desejo? era ser o sapatinho
Que teu mimoso pé no baile encerra...
A esperança que sonhas no futuro,
As saudades que tens aqui na terra...

Meu desejo? era ser o cortinando
Que não conta os mysterios de teu leito,
Era de teu collar de negra seda
Ser a cruz com que dormes sobre o peito.

Meu desejo? era ser o teu espelho
Que mais bella te vê quando deslaças
Do baile as roupas de escomilha e flôres
E mira-te amoroso as nuas graças!

Meu desejo? era ser d'esse teu leito
De cambraia o lençol, o travesseiro
Com que velas o seio, onde repousas,
Solto o cabello, o rosto feiticeiro....

Meu desejo? era ser a vóz da terra
Que da estrella do céo ouvisse amôr!
Ser o amante que sonhas, que desejas
Nas scismas encantadas de languor!

SONETO

Um mancebo no jogo se descóra,
Outro bebado passa noite e dia,
Um tolo pela valsa viveria,
Um passeia a cavalho, outro namora.

Um outro que uma sina má devora
Faz das vidas alheias zombaria,
Outro toma rapé, um outro espia...
Quantos moço perdidos vejo agora!

Oh! não prohibão, pois, no meu retiro
Do pensamento ao merencorio luto
A fumaça gentil por que suspiro.

N'uma fumaça o canto d'alma escuto...
Um aroma balsamico respiro,
Oh! deixai-me fumar o meu charuto!

SONETO

Ao sol do meio dia eu vi dormindo
Na calçada da rua um marinheiro,
Roncava a todo o panno o tal bregeiro
Do vinho nos vapores se expandindo!

Além um hespanhol eu vi sorrindo,
Saboreando um cigarro feiticeiro,
Enchia de fumaça o quarto inteiro..
Parecia de gosto se esvaindo!

Mais longe estava um pobretão caréca
De uma esquina lodosa no retiro
Enlevado tocando uma rabeca!...

Venturosa indolencia! não deliro
Se morro de preguiça... o mais é séca!
D'esta vida o que mais vale um suspiro?

POR QUE MENTIAS?

Por que mentias, leviana e bella,
Se minha face pallida sentias
Queimada pela febre ?.. e minha vida
Tu vias desmaiar... por que mentias?

Acordei da illusão ! a sós morrendo
Sinto na mocidade as agonias.
Por tua causa desespero e morro...
Leviana sem dó, por que mentias?

Sabe Deus se te amei! sabem as noites
Essa dor que alentei, que tu nutrias!

Sabe este pobre coração que treme
Que a esperança perdeu por que mentias!

Vê minha pallidez: a febre lenta...
Este fogo das palpebras sombrias...
Pousa a mão no meu peito... Eu morro! eu morro!
Leviana sem dó, por que mentias?

Toda aquella mulher tem a pureza
Que exhala o jasmineiro no perfume,
Lampeja seu olhar nos olhos negros
Como, em noite d'escuro, um vagalume...

Que suave moreno o de seu rosto!
A alma parece que seu corpo inflamma...
Simula até que sobre os labios d'ella
Na côr vermelha tem errante chamma..

E quem dirá, meu Deus! que a lyra d'alma

Ali não tem um som — nem de falsete!
E, sob a imagem de apparente fogo,
E frio o coração como um sorvete!

AMOR

Quand la mort est si belle,
Il est doux de mourir
V. HUGO

Amemos! quero de amor
Viver no teu coração!
Soffrer e amar essa dôr
Que desmaia de paixão!
Na tu' alma, em teus encantos
E na tua pallidez
E nos teus ardentes prantos
Suspirar de languidez!

Quero em teus labios beber
Os teus amores do céo!
Quero em teu seio morrer
No enlevo do seio teo!
Quero viver d'esperança!
Quero tremer e sentir!
Na tua cheirosa trança
Quero sonhar e dormir!

Vem, anjo, minha donzella,
Minh'alma, meu coração...
Que noite! que noite bella!
Como é doce a viração!
E entre os suspiros do vento,
Da noite ao molle frescor,
Quero viver um momento,
Morrer comtigo de amor!

PHANTASIA

Quanti dolci pensier! quanto disio.

DANTE.

C'est alors que ma voix
Murmure un nom tout bas... c'est alors que je vois
M'apparaître à demi, jeune, voluptueuse,
Sur ma couche penchée une femme amoureuse!
. . . . . .
Oh! toi que j'ai rêvée,
Femme à mes longs baisers si souvent enlevée.
Ne viendras-tu jamais? . . . . . .

CH. DOVALLE.

A noite sonhei comtigo...
E o sonho cruel maldigo
Que me deu tanta ventura.
Uma estrellinha que vaga
Em céo de inverno e se apaga
Faz a noite mais escura!

Eu sonhava que sentia
Tua voz que estremecia
Nos meus beijos se afogar!
Que teu rosto descorava
E teu seio palpitava
E eu te via a desmaiar!

Que eu te beijava tremendo,
Que teu rosto enfebrecendo
Desmaiava a pallidez!
Tanto amor tua alma enchia
E tanto fogo morria
Dos olhos na languidez!

E depois... dos meus abraços,
Tu cahiste, abrindo os braços,
Gelida, dos labios meus...
Tu parecias dormir,
Mas debalde eu quiz ouvir
O alento dos seios teus...

E uma voz, uma harmonia
No teu labio que dormia
Desconhecida acordou,
Fallava em tanta ventura,

Tantas notas de ternura
No meu peito derramou!

O soído harmonioso
Fallava em noites de gozo
Como nunca eu as senti,
Tinha musicas suaves,
Como no canto das aves,
De manhã eu nunca ouvi!,

Parecia que no peito
N'esse quebranto desfeito
Se esvaía o coração...
Que meu olhar se apagava,
Que minhas veias paravão
E eu morria de paixão...

E depois... n'um sanctuario
Junto do altar solitario
Perto de ti me senti,
Dormias junto de mim...
E um anjo nos dice assim:
« Pobres amantes, dormi!

Tu eras inda mais bella...
O teu leito de donzella

Era coberto de flores...
Tua fronte empallecida,
Frouxa a palpebra descida,
Meu Deus! que frio pallor!...

Dei-te um beijo... despertaste,
Teus cabellos afastaste,
Fitando os olhos em mim...
Que doce olhar de ternura!
Eu só queria a ventura
De um olhar suave assim!

Eu dei-te um beijo, sorrindo
Tremeste os labios abrindo,
Repousaste ao peito meu...
E senti nuvens cheirosas,
Ouvi lyras suspirarem,
Rompeu-se a nevoa... era o céo!...

Cahia chuva de flores
E luminosos vapores
Davão azulada luz...
E eu acordei... que delirio!
Eu sonho findo o martyrio
E acordo pregado á cruz!

LAGRIMAS DA VIDA

On pouvait à vingt ans le clouer dans la bière
— Cadavre sans illusions....

THÉOPH. GAUTIER.

Je me suis assis en blasphémant sur le bord du chemin. Et je me suis dit: je n'irai pas plus loin. Mais je suis bien jeune encore pour mourir, n'est-ce pas, Jane?

GEORGE SAND, *Aldo*.

Se tu souberas que lembrança amarga,
Que pensamento desflorou meus dias,
Oh! tu não creras meu sorrir leviano,
Nem minhas insensatas alegrias!

Quando junto de ti eu sinto, ás vezes,
Em doce enleio desvairar-me o siso,

Nos meus olhos incertos sinto lagrimas...
Mas da lagrima em troco eu temo um riso!

O meu peito era um templo! ergui nas aras
Tua imagem que a sombra perfumava....
Mas ah! emmurcheceste as minhas flores!
Apagaste a illusão que o aviventava!

E por te amar, por teu desdem, perdi-me...
Tresnoitei-me nas orgias macilento,
Brindei blasphemo ao vicio e da minh'alma
Tentei me suicidar no esquecimento!

Como um corsel abate-se na sombra
A minha crença agoniza e desespera....
O peito e lyra se estalárão juntos...
E morro sem ter tido primavera!

Como o perfume de uma flor aberta
Da manhã entre as nuvens se mistura,
A minh'alma podia em teus amores
Como um anjo de Deus sonhar ventura!

Não peço o teu amor.... eu quero apenas
A flor que beijas para a ter no seio...

E teus cabellos respirar medroso...
E a teus joelhos suspirar d'enleio!

E quando eu durmo... e o coração ainda
Procura na illusão tua lembrança,
Anjo da vida, passa nos meus sonhos
E meus labios orvalha d'esperança!

SONETO

Os quinze annos de uma alma transparente,
O cabello castanho, a face pura,
Uns olhos onde pinta-se a candura
De um coração que dorme, inda innocente...

Um seio que estremece de repente
Do mimoso vestido na brancura...
A linda mão na magica cintura...
E uma vóz que inebría docemente...

Um sorrir tão angelico, tão santo...
E nos olhos azues cheios de vida
Languido véo de involuntario pranto..

É esse o talisman, é essa a Armida,
O condão de meus ultimos encantos,
A visão de minh'alma distrahida!

LEMBRANÇA DOS QUINZE ANNOS

Et pourtant sans plaisir je dépense la vie ;
Et souvent quand, pour moi, les heures de la nuit
S'écoulent sans sommeil, sans songes et sans bruit,
Il passe dans mon cœur de brillantes pensées,
D'invincibles désirs, de fougues insensées !

CH. DOVALLE.

.... Heureux qui, dès les premiers ans,
A senti de son sang, dans ses veines stagnantes,
Couler d'un pas égal les ondes languissantes ;
Dont les désirs jamais n'ont troublé la raison ;
Pour qui les yeux n'ont point de suave poison.

ANDRÉ CHÉNIER.

Nos meus quinze annos eu soffria tanto !
Agora emfim meu padecer descança...
Minh' alma emmudeceu, na noite d'ella
Adormeceu a pallida esperança !

Ja não sinto ambições e se esvairão
As vagas formas, a visão confusa

De meus dias de amor, nem doces voltão
Os sons aerêos da divina Musa

Porventura é melhor as brandas fibras
Embotadas sentir n'essa dormencia...
E viver esta vida... e na modorra
Repousar-se na sombra da existencia!

E que noites de sofrego desejo!
Que presentir de uma volupia ardente!
Que noites de esperança e desespero!
E que fogo no sangue incandecente!

Minh'alma juvenil era uma lyra
Que ao menor bafejar estremecia...
A triste decepção rompeu-lhe as cordas...
Só vibra n'um preludio d'agonia!

Quanto, quanto sonhei! como velava
Cheio de febre, ancioso de ternuras!
Como era virgem o meu labio ardente!
A alma tão santa! as emoções tão puras!

Como o peito sedento palpitava
Ao roçar de um vestido, á voz divina

De uma pallida virgem! ao murmurio
De uns passos de mulher pela campina!

E como t'esperei, anjo dos sonhos,
Ideal de mulher que me sorrias!
E me beijando n'esta fronte pallida
A um mundo bello de illusões me erguias!

O meu peito era um echo de murmurios...
De delirios vivi como os insanos!
Nos meus quinze annos eu soffria tanto!
Ardi ao fogo dos primeiros annos!

Agora vivo no deserto d'alma...
Um mundo de saudade ahi dormita...
Não o quero acordar... oh! não resurjão
Aquellas sombras na minh'alma afflicta!

Mas por que volves os teus olhos negros
Tão langues sobre mim? Ilná, suspiras?
Por que derramas tanto amor nos olhos?
Eu não posso te amar e tu deliras.

Tambem a aurora tem neblina e sombras,
E ha vozes que emmudece a desventura,

Ha flores em botão que se desfolhão,
E a alma tambem morre prematura.

Repousa no meu peito o meu passado,
Minh'alma adormeceu por um momento...
Sou a flor sem perfume em sol d'inverno...
Uma lousa que encerra? — o esquecimento!...

Não me falles de amor... um teu suspiro
Tantos sonhos no peito me desperta!...
Sinto-me reviver e como outr'ora
Beijo tremendo uma visão incerta...

Ah! quando as bellas esperanças murchão
E o genio dorme e a vida desencanta,
D'almas estereis a ironia amarga
E a morte sobre os sonhos se levanta...

Embora fundo o somno do descrido
E o silencio do peito e seu retiro...
Inda póde inflammar muitos amores
O susurro de um languido suspiro!

MEU SONHO

EU

Cavalleiro das armas escuras,
Onde vais pelas trevas impuras
Com a espada sanguenta na mão?
Por que brilhão teus olhos ardentes
E gemidos nos labios frementes
Vertem fogo do teu coração?

Cavalleiro, quem és? — O remorso?
Do corcel te debruças no dorso...

E galopas do valle atraves...
Oh! da estrada acordando as poeiras
Não escutas gritar as caveiras
E morder-te nos pés o phantasma?

Onde vais pelas trevas impuras,
Cavalleiro das armas escuras,
Macilento qual morto na tumba?...
Tu escutas... Na longa montanha
Um tropel teu galope acompanha?
E um clamor de vingança retumba?

Cavalleiro, quem és? que mysterio...
Quem te força da morte no imperio
Pela noite assombrada a vagar?

O PHANTASMA

Sou o sonho de tua esperança,
Tua febre que nunca descança,
O delirio que te ha-de matar!...

O CONEGO FILIPPE

O conego Filippe! O' nome eterno!
Cinzas illustres que da terra escura,
Fazeis rir nos cyprestes as corujas!
Por que tão pobre lyra o céo doou-me
Que não consinta meu inglorio genio
Em vasto e heroico poema decantar-te?

Voltemos ao assumpto. A minha musa,
Como um fallado imperador romano,
Distrae-se, ás vezes, apanhando moscas.
Por estradas mais longas ando sempre:

Com o conego illustre me pareço,
Quando elle já sentia vir o somno,
Para poupar caminho até a vela,
Sobre a vela atirava a carapuça.
Então, no escuro, em camisola branca,
Ia apalpando procurar na sala
— Para o queijo flamengo da caréca
Dos defluxos guardar — o negro sacco.

Á ordem, Musa! Conta agora como
O poeta Ali-Moon no harem entrando,
Como um poeta que enamora a lua
Ou que beija uma estatua de alabastro,
Suando de calor... de sol e amores...
Cantava no alaúde enamorado!
E como elle sahiu-se do namoro...
Assumpto bem moral, digno de premio,
E interessante como um cathecismo...
Que tem ares até de ladainha!

Quem não sonhou a terra do Levante?
As noites do Oriente, o mar, as brizas,
Toda aquella suave natureza
Que amorosa suspira e encanta os olhos?

Principio no harem. Não é tão novo...

Mas esta vida é sempre deleitosa.
As almas d'homem ao harem se voltão...
Ser um dia sultão quem não deseja?

Quem não quizera das sombrias folhas
Nas horas do calor, junto do lago,
As odaliscas espreitar no banho
E mais bella a sultana entre as formosas?

Mas ah! o plagio nem perdão merece!
Digão — pega ladrão! Confesso o crime:
Não é Ovidio só que imito e sonho,
Quando pinta Acteon fitando os olhos
Nas formas nuas de Diana virgem!
Não! embora eu aqui não falle em nymphas,
Essa idéa é do conego Filippe!

TRINDADE

A *vida* é uma planta mysteriosa
Cheia d'espinhos, negra de amarguras,
Onde só abrem duas flores puras
Poesia e amor...

E a *mulher*... é a nota suspirosa
Que treme d'alma a corda estremecida,
E' fada que nos leva alem da vida
Pallidos de languor!

A *poesia* é a luz da mocidade,
O amor é o poema dos sentidos,

A febre dos momentos não dormidos
E o sonhar da ventura...

Voltai, sonhos de amor e de saudade!
Quero ainda sentir arder-me o sangue,
Os olhos turvos, o meu peito langue...
E morrer de ternura!

SONETO

Já da morte o pallor me cobre o rosto,
Nos labios meus o alento desfallece
Surda agonia o coração fenece
E devora meu ser mortal desgosto!

Do leito embalde no macio encosto
Tento o somno reter!... já esmorece
O corpo exhausto que o repouso esquece...
Eis o estado em que a magoa me tem posto!

O adeus, o teu adeus, minha saudade,
Fazem que insano do viver me prive
E tenha os olhos meus na escuridade.

Dá-me a esperança com que o ser mantive!
Volve ao amante os olhos por piedade,
Olhos por quem viveu quem ja não vive!

MINHA AMANTE

Coração de mulher, qual philomela,
É todo amor e canto ao pé da noite.
JOÃO DE LEMOS.

Fulcite me floribus... quia amore langueo
Cant. Canticorum.

Ah! volta inda uma vez! foi só comtigo
Que, á noite, de ventura eu desmaiava...
E só nos labios teus eu me embebia
De volupias divinas!

Volta, minha ventura! eu tenho sêde
D'esses beijos ardentes que os suspiros

Offegando interrompem! Quantas noites
Fui ditoso comtigo!

E quantas vezes te embalei tremendo
Sobre os joelhos meus! Quanto amorosa
Unindo á minha tua face pallida
De amor e febre ardias!

Oh! volta inda uma vez! ergue-se a lua,
Formosa como d'antes, é bem noite,
Na minha solidão brilha, de novo,
Estrella de minh'alma!

Desmaio-me de amor, descóro e tremo...
Morno suor me banha o peito langue...
Meu olhar se escurece e eu te procuro
Com os labios sedentos!

Oh! quem pudera sempre em teus amores
Sobre teu seio perfumar seus dias,
Beijar a tua fronte e em teus cabellos
Respirar ebrioso!

E's a corôa de meus annos breves,
E's a corda de amor d'intima lyra,

O canto ignoto, que me enleva em sonhos
De saudosas ternuras!

E tu és como a lua : inda és mais bella,
Quando a sombra nos valles se derrama,
Astro mysterioso á meia noite
Te revela a minh'alma!

Oh! minha lyra, ó viração nocturna,
Flores, sombras do valle, á minha amante...
Dizei que n'esta noite de desejos
E de ternuras morro!

EUTHANASIA

Ergue-te d'ahi, velho! ergue essa fronte onde o passado afundou suas rugas como o vendaval no Oceano, onde a morte assombrou sua pallidez como na face do cadaver, onde o simoun do tempo resicou os anneis louros do mancebo nas cans alvacentas de ancião?

Por que tão livido, ó monge taciturno, debruças a cabeça macilenta no peito que é murcho, onde mal bate o coração sobre a cogùla negra do asceta?

Escuta: a lúa ergueu-se hoje mais prateada nos céos côr-de-rosa do verão, as montanhas se azulão no crepuscular da tarde e o mar scintilla seu manto azul palhetado de aljofares. A hora da tarde é bella, quem ahi na vida lhe não sagrou uma lagrima de saudade?

Tens os olhares turvos, luzem-te baços os olhos negros nas palpebras rôxas e o beijo frio da doença te azulou nos labios a tinta de moribundo. E por que te abysmas em phantasias profundas, sentado á borda de um fosso aberto, sentado na pedra de um tumulo?

Por que pensal-a... a noite do mortos, fria e trevosa como os ventos de inverno! Por que antes não banhas tua fronte nas viraçõesda infancia, nos sonhos de moço? Sob essa estamenha não arfa um coração que palpitára outr'ora por uns olhos gazeos de mulher?

Sonha!.. sonha antes no passado, no passado bello e doirado em seu docel de escarlate, em seus mares azues, em suas luas limpidas e suas estrellas romanticas.

O velho ergueu a cabeça. Era uma fronte larga e calva, umas faces contrahidas e amarellentas, uns labios seccos, gretados, em que sobreaguava amargo sorriso, uns olhares onde a febre tresnoitava suas insomnias...

E quem t'o dice — que a morte é a noite escura e fria, o leito de terra humida, a podridão e o lodo? Quem t'o dice — que a morte não era mais bella que as flores sem cheiro da infancia, que os perfumes peregrinos e sem flores da adolescencia? Quem t'o dice — que a vida não é uma mentira? — que a morte não é o leito das tremulas venturas?

. . . . . .

DESPEDIDAS

Se entrares, ó meu anjo, alguma vez
Na solidão onde eu sonhava em ti,
Ah! vota uma saudade aos bellos dias
Que a teus joelhos pallido vivi!

Adeus, minh'alma, adeus! eu vou chorando...
Sinto o peito doer na despedida...
Sem ti o mundo é um deserto escuro
E tu és minha vida...

Só por teus olhos eu viver podia
E por teu coração amar e crer...

Em teus braços minh'alma unir á tua
E em teu seio morrer!

Mas se o fado me afasta da ventura,
Levo no coração a tua imagem...
De noite mandarei-te os meus suspiros
No murmurio da aragem!

Quando a noite vier saudosa e pura,
Contempla a estrella do pastor nos céos,
Quando a ella eu volver o olhar em pranto...
Verei os olhos teos!

Mas antes de partir, antes que a vida,
Se afogue n'uma lagrima de dor,
Consente que em teus labios n'um só beijo
Eu suspire de amor!

Sonhei muito! sonhei noites ardentes
Tua bocca beijar... eu o primeiro!
A ventura negou-me... mesmo até
O beijo derradeiro!

Só comtigo eu podia ser ditoso,
Em teus olhos sentir os labios meus!
Eu morro de ciume e de saudade...
Adeus, meu anjo, adeus!

TERZA RIMA

É bello d'entre a cinza ver ardendo
Nas mãos do fumador um bom cigarro,
Sentir o fumo em nevoas recendendo,...

Do cachimbo allemão no louro barro
Ver a chamma vermelha estremecendo
E até... perdoem... respirar-lhe o sarro!

Porém o que ha mais doce n'esta vida,
O que das magoas desvanece o luto
E dá som a uma alma empobrecida,
Palavra d'honra! és tu, ó meu charuto!

PANTHEISMO

MEDITAÇÃO

O dia descobre a terra : a noite descortina os céos
MARQUEZ DE MARICA.

Eu creio, amigo, que a existencia inteira
É um mysterio talvez: mas n'alma sinto,
De noite e dia respirando flores,
Sentindo as brizas, recordando aromas
E esses ais que ao silencio a sombra exhala
E enchem o coração de ignota pena,
Como a intima voz de um ser amigo...
Que essas tardes e brizas, esse mundo
Que na fronte do moço entorna flores,

Que harmonias embebem-lhe no seio,
Têm uma alma tambem que vive e sente...

A natureza bella e sempre virgem,
Com suas galas gentis na fresca aurora,
Com suas magoas na tarde escura e fria...
E essa melancolia e morbideza
Que nos effluvios do luar ressumbra,
Não é apenas uma lyra muda
Onde as mãos do poeta acordão hymnos
E a alma do sonhador lembranças vibra

Por essas fibras da natura viva,
N'essas folhas e vagas, n'esses astros,
N'essa magica luz que me deslumbra
E enche de fantasia até meus sonhos,
Palpita porventura um almo sopro,
— Espirito do céo que as reanima!
E talvez lhes murmura em horas mortas
Estes sons de mysterio e de saudade,
Que lá no coração repercutidos
O genio acordão que enlanguece e canta!

Eu o creio, Luiz! tambem ás flores
Entre o perfume vela uma alma pura,
Tambem o sopro dos divinos anjos

Anima essas corollas setinosas!
No murmurio das aguas no deserto,
Na voz perdida, no dolente canto
Da ave de arribação das aguas verdes,
No gemido das folhas na floresta,
Nos echos da montanha, no arruido
Das folhas seccas que estremece o outono,
Ha lamentos sentidos, como prantos
Que exhala a pena de subida magoa

E Deus? — Eu creio n'elle como a alma
Que pensa e ama n'essas almas todas,
Que as ergue para o céo e que lhes verte,
Como orvalho nocturno em seus ardores,
O amor, sombra do céo, reflexo puro
Da aureola das virgens de seu peito!
Essa terra, esse mundo, o céo e as ondas,
Flores, donzellas — essas almas candidas,
Beija-as o senhor Deus na fronte limpida,
Arreia-as de pureza e amor sem nodoa...
E á flor dá a ventura das auroras,
Os amores do vento que suspira...
Ao mar a viração, o céo ás aves,
Saudades á alcyon, sonhos á virgem
E ao homem pensativo e taciturno,
A' creatura pallida que chora

— Essa flor que inda murcha tem perfumes,
Esse momento que suavisa os labios,
Que eterniza na vida um céo de enleio...
O amor primeiro das donzellas tristes.

São idéas talvez... Embora rião
Homens sem alma, estereis creaturas,
Não posso desamar as utopias,
Ouvir e amar, á noite, entre as palmeiras,
Na varanda ao luar o som das vagas,
Beijar nos labios uma flor que murcha,
E crer em Deus como alma animadora
Que não creou somente a natureza,
Mas que ainda a relenta em seu bafejo,
Ainda influe-lhe no sequioso seio
De amor e vida a eternal scentelha!

Por isso, ó meu amigo, á meia noite
Eu deito-me na relva humedecida,
Comtemplo o azul do céo, amo as estrellas,
Respiro aromas... e o arquejante peito
Parece remoçar em tanta vida,
Parece-me alentar-se em tanta magoa,
Tanta melancolia! e nos meus sonhos,
Filho de amor e Deus, eu amo e creio!

DESANIMO

Estou agora triste. Ha n'esta vida
Paginas torvas que se não apagão,
Nodoas que não se lavão... se esquecel-as
De todo não é dado a quem padece...
Ao menos resta ao sonhador consolo
No imaginar dos sonhos de mancebo!

Oh! voltai uma vez! eu soffro tanto!
Meus sonhos, consolai-me! distrahi-me!
Anjos das illusões, as azas brancas
As nevoas puras, que outro sol matiza.

Abri ante meus olhos que abrazeião
E lagrimas não tem que a dor do peito
Transbordem um momento....

E tu, imagem,
Illusão de mulher, querido sonho,
Na hora derradeira vem sentar-te
Pensativa e saudosa no meu leito!

O que soffres? que dor desconhecida
Inunda de pallor teu rosto virgem?
Por que tu'alma dobra taciturna,
Como um lyrio a um bafo d'infortunio?
Por que tão melancolica suspiras?

Illusão, idéal, a ti meus sonhos,
Como os cantos a Deus se erguem gemendo!
Por ti meu pobre coração palpita...
Eu soffro tanto! meus exhaustos dias
Não sei por que logo ao nascer manchou-os
De negra prophecia um Deus irado.
Outros meu fado invejão.... Que loucura!
Que valem as ridiculas vaidades
De uma vida opulenta, os falsos mimos
De gente que não ama? Até o genio
Que Deus lançou-me á doentia fronte,

Qual semente perdida n'um rochedo,
Tudo isso que vale, se padeço!

N'essas horas talvez em mim não pensas:
Pousas sombria a desmaiada face
Na doce mão e pendes-te sonhando
No teu mundo ideal de phantasia ..
Se meu orgulho, que fraqueia agora,
Pudesse crer que ao pobre desditoso
Sagravas uma idéa, uma saudade...
Eu seria um instante venturoso!

Mas não... ali no baile fascinante,
Na alegria brutal da noite ardente,
No sorriso ebrioso e tresloucado
D'aquelles homens que, p'ra rir um pouco,
Encobrem sob a mascara o semblante,
Tu não pensas em mim. Na tua idéa
Se minha imagem retratou-se um dia
Foi como a estrella peregrina e pallida
Sobre a face de um lago...

O LENÇO D'ELLA

Quando, a primeira vez, da minha terra
Deixei as noites de amoroso encanto,
A minha doce amante suspirando
Volveu-me os olhos humidos de pranto.

Um romance cantou de despedida,
Mas a saudade amortecia o canto!
Lagrimas enxugou nos olhos bellos....
E deu-me o lenço que molhava o pranto.

Quantos annos, comtudo, ja passárão!

Não olvido porém amor tão santo!
Guardo ainda n'um cofre perfumado
O lenço d'ella que molhava o pranto....

Nunca mais a encontrei na minha vida,
Eu comtudo, meu Deus, amava-a tanto..:
Oh! quando eu morra estendão no meu rosto
O lenço que eu banhei tambem de pranto!

RELOJIOS E BEIJOS

— TRADUZIDO DE HENRIQUE HEINE —

Quem os relogios inventou? De certo
Algum homem sombrio e friorento:
N'uma noite de inverno, tristemente
Sentado na lareira elle scismava,
Ouvindo os ratos a roer na alcova
E o palpitar monotono do pulso.

Quem o beijo inventou? Foi labio ardente,
Foi bocca venturosa, que vivia

Sem um cuidado mais que dar beijinhos...
Era no mez de maio. As flores candidas
A mil abrião sobre a terra verde,
O sol brilhou mais vivo em céo d'esmalte
E cantárão mais doce os passarinhos.

NAMÔRO A CAVALLO

Eu moro em Catumby: mas a desgraça,
Que rege minha vida malfadada,
Poz lá no fim da rua do Catete
A minha Dulcinéa namorada.

Alugo (trez mil réis) por uma tarde
Um cavallo de trote (que esparrella!)
Só para erguer meus olhos suspirando
A minha namorada na janella....

Todo o meu ordenado vai-se em flores
E em lindas folhas de papel bordado...

Onde eu escrevo tremulo, amoroso
Algum verso bonito... mas furtado

Morro pela menina, junto d'ella
Nem ouso suspirar de acanhamento...
Se ella quizesse eu acabava a historia
Como toda a comedia — em casamento...

Hontem tinha chovido... Gue desgraça!
Eu ia a trote inglez ardendo em chamma,
Mas lá vae senão quando ... uma carroça
Minhas roupas tafúes encheu de lama...

Eu não desanimei. Se Don Quixote
No Rossinante erguendo a larga espada
Nunca voltou de medo, eu, mais valente,
Fui mesmo sujo ver a namorada...

Mas eis que no passar pelo sobrado,
Onde habita nas lojas minha bella,
Por ver-me tão lodoso ella irritada
Bateu-me sobre as ventas a janella...

O cavallo ignorante de namoros
Entre dentes tomou a bofetada,

Arripia-se, pula e dá-me um tombo
Com pernas para o ar, sobre a calçada...

Dei ao diabo os namoros. Escovado
Meu chapeo que soffrera no pagode...
Dei de pernas corrido e cabisbaixo
E berrando de raiva como um bode.

Circunstancia aggravante. A calça ingleza
Rasgou-se no cahir de meio a meio,
O sangue pelas ventas me corria
Em paga do amoroso devaneio!...

PALLIDA IMAGEM

J'ai cru que j'oublierais ; mais j'avais mal sondé
Les abîmes du cœur que remplit un seul rêve :
Le souvenir est là, le souvenir se lève
Flot toujours renaissant et toujours débordé.

TURQUÉTY.

No delirio da ardente mocidade
Por tua imagem pallida vivi!
A flôr do coração no amor dos anjos
Orvalhei-a por ti!

O expirar de teu canto lamentoso
Sobre teus labios que o pallor cobria,

Minhas noites de lagrimas ardentes
E de sonhos enchia!

Foi por ti que eu pensei que a vida inteira
Não valia uma lagrima ... sequer,
Senão n'um beijo tremulo de noite....
N'um olhar de mulher!

Mesmo nas horas de um amor insano,
Quando em meus braços outro seio ardia,
A tua imagem pallida passando
A minh'alma perdia

Sempre e sempre teu rosto! as negras tranças,
Tua alma nos teus olhos se expandindo!
E o collo de setim que pulsa e geme
E teus labios sorrindo!

Nas longas horas do sonhar da noite,
No teu peito eu sonhava que dormia;
Pousa em meu coração a mão de neve....
Treme... como tremia.

Como palpita agora se afogando
Na morna languidez do teu olhar...

Assim viveu e morrerá sonhando
Em teus seios amar!

Se a vida é lyrio que a paixão desflora,
Meu lyrio virginal eu conservei...
Somente no passado tive sonhos
E outr'ora nunca amei!

Foi por ti que na ardente mocidade
Por uma imagem pallida vivi!
E a flôr do coração no amor dos anjos
Orvalhei...só por ti!

SEIO DE VIRGEM

Quand on te voit, il vient à maints
Une envie dedans les mains
De te tâter, de te tenir...
CLÉMENT MAROT.

O que sonho noite e dia,
E á alma traz-me poesia
E me torna a vida bella...
O que n'um brando roçar
Faz meu peito se agitar,
E' o teu seio, donzella!

Oh! quem pintára o setim
D'esses limões de marfim,

Os leves ceruleos veios
Na brancura deslumbrante
E o tremido de teus seios?

Quando os vejo... de paixão
Sinto pruridos na mão
De os apalpar e conter...
Sorriste do meu desejo?
Loucura! bastava um beijo
Para n'elles se morrer!

Minhas ternuras, donzella,
Voltei-as á forma bella
D'aquelles fructos de neve...
Aí!.. duas candidas flores
Que o presentir dos amores
Faz palpitarem de leve.

Mimosos seios, mimosos,
Que dizem voluptuosos:
« Amai, poetas, amai!
« Que mysteriosas venturas
« Dormem n'essas rosas puras
« E se acordarão n'um ai! »

Que lyrio, que nivea rosa,

Ou camelia setinosa
Tem uma brancura assim?
Que flôr da terra ou do céo,
Que valha do seio teu
Esse morango ou rubim?

Quantos encantos sonhados
Sinto estremecer velados
Por teu candido vestido!
Sem ver teu seio, donzella,
Suas delicias revela
O poeta embevecido!

Donzella, feliz do amante
Que teu seio palpitante
Seio d'esposa fizer!
Que d'essa forma tão pura
Fizer com mais formosura
Seio de bella mulher!

Feliz de mim... porém não!..
Repouse teu coração
Da pureza no rosal!
Tenho no peito um aroma
Que valha a rosa que assoma
No teu seio virginal?...

MINHA MUSA

Minha musa é a lembrança
Dos sonhos em que eu vivi,
É de uns labios a esperança
E a saudade que eu nutri!
E' a crença que alentei,
As luas bellas que amei
E os olhos por quem morri!

Os meus cantos de saudade
São amores que eu chorei,

São lyrios da mocidade
Que murchão por que te amei!
As minhas notas ardentes
São as lagrimas dementes
Que em teu seio derramei!

Do meu outono os desfolhos,
Os astros do teu verão,
A languidez de teus olhos
Inspirão minha canção...
Sou poeta por que és bella,
Tenho em teus olhos, donzella,
A musa do coração!

Se na lyra voluptuosa
Entre as fibras que estalei
Um dia atei uma rosa
Cujo aroma respirei...
Foi nas noites de ventura,
Quando em tua formosura
Meus labios embriaguei!

E se tu queres, donzella,
Sentir minh'alma vibrar,
Solta essa trança tão bella,

Quero n'ella suspirar!
E dá repousar-me teu seio...
Ouvirás no devaneio
A minha lyra cantar!

MALVA-MAÇÃ

De teus seios tão mimosos
Dá que eu goze o talisman!
Dá que ali repouse a fronte
Cheia de amoroso afan!
E louco n'elle respire
A tua malva-maçã!

Dá-me essa folha cheirosa
Que treme no seio teu!

Dá-me a folha... hei-de beijal-a
Sedenta no labio meu!
Não vês que o calor do seio
Tua malva emmurcheceo?...

A pobresinha em teu collo
Tantos amores gozou,
Viveu em tanto perfume
Que de enlevos expirou!
Quem pudéra no teu seio
Morrer como ella murchou!

Teu cabello me inebria,
Teu ardente olhar seduz,
A flor de teus olhos negros
De tu' alma raia á luz...
E sinto nos labios teus
Fogo do céo que transluz!

O teu seio que estremece
Enlanguece-me de gozo:
Ha um *que* de tão suave
No collo voluptuoso...
Que n'um tremulo deliquio
Faz-me sonhar venturoso!

Descançar n'esses teus braços
Fôra angelica ventura ...
Fôra morrer... nos teus labios
Aspirar tu' alma pura!
Fôra ser Deus dar-te um beijo
Na divina formosura!

Mas o que eu peço, donzella,
Meus amores, não é tanto!
Basta-me a flôr do seio
Para que eu viva no encanto
E em noites enamoradas
Eu verta amoroso pranto!

Oh! virgem dos meus amores,
Dá-me essa folha singela!
Quero sentir teu perfume
Nos doces aromas d'ella...
E n'essa malva-maçã
Sonhar teu seio, donzella!

Uma folha assim perdida
De um seio virgem no afan
Acorda ignotas doçuras
Com divino talisman!

Dá-me do seio esta folha
A tua malva-maçan!

Quero apertal-a a meu peito
E beijal-a com ternura...
Dormir com ella nos labios
D'esse aroma na frescura...
Beijando-a sonhar comtigo
E desmaiar de ventura!

A folha que tens no seio
De joelhos pedirei...
Se posso viver sem ella
Não o creio! bem o sei...
Dá-m'a pelo amor de Deos,
Que sem ella morrerei!

Pelas estrellas da noite,
Pelas brizas da manhã,
Por teus amores mais puros,
Pelo amor de tua irmã,
Dá-me essa folha cheirosa...
— A tua malva-maçã!

PENSAMENTOS D'ELLA

Talvez, á noite, quando a hora finda
Em que eu vivo de tua formosura,
Vendo em teus olhos... n'essa face linda
A sombra de meu anjo de ventura,
Tu sorrias de mim por que não ouso
Leve turbar teu virginal repouso,
A murmurar ternura.

Eu sei. Entre minh' alma e tua aurora
Murmura meu gelado coração...
Meu enredo morreu. Sou triste agora,

Estrella morta em noite de verão!
Prefiro amar-te bella no segredo!
Se foras minha tu verias cedo
Morrer tua illusão!

Eu não sou o ideal, alma celeste,
Vida pura de labios recendentes,
Que teu imaginar de encantos veste
E sonhas nos teus seios innocentes!..
Flôr que vives de aromas e luar,
Oh! nunca possas ler do meu penar
As paginas ardentes!

Se em canticos de amor a minha fronte
Engrinaldo por ti, amor cantando,
Com as rosas que amava Anacreonte,
É que alma dormida, palpitando...
No raio de teus olhos se illumina,
Em ti respira inspiração divina
E ella sonha cantando!

Não a acordes comtudo. A vida n'ella
Como a ave no mar suspira e cai...
A's vezes, teu alento de donzella
E de teus labios o morrer de um ai,
Tua imagem de fada, n'um instante

Estremecem-n'a, embalão-n'a expirante
E lhe dizem : « sonhai ! »

Mas quando o teu amante fosse esposo
E tu, sequiosa e languida de amor,
O embalasses ao seio voluptuoso
E o beijasses dos labios no calor,
Quando tremesses mais, não te doera
Sentir que n'esse peito que vivera
Muchou a vida em flôr?

POR MIM?

Teus negros olhos uma vez fitando
Senti que luz mais branda os accendia,
Pallida de languor, eu vi, te olhando,
Mulher do meu amor, meu seraphim,
Esse amor que em teus olhos reflectia...
Talvez! — era por mim?

Pendeste, suspirando, a face pura,
Morreu nos labios teus um ai perdido...
Tão ebrio de paixão e de ventura!
Mulher de meu amor, meu seraphim,

Por quem era o suspiro amortecido?
Suspiravas por mim?

Mas... eu sei!... ai de mim? Eu vi na dança
Um olhar que em teus olhos se fitava...
Ouvi outro suspiro... d'esperança!
Mulher do meu amor, meu seraphim,
Teu olhar, teu suspiro que matava...
Oh! não erão por mim!

LELIA

Passou talvez ao alvejar da lua,
Como incerta visão na praia fria...
Mas o vento do mar não escutou-lhe
Uma voz a seu Deus!... ella não cria!

Uma noite, aos murmurios do piano
Pallida misturou um canto aereo...
Parecia de amor tremer-lhe a vida
Revelando nos labios um mysterio!

Porém, quando expirou a voz nos labios,
Ergueu sem pranto a fronte descorada,

Pousou a fria mão no seio immovel,
Sentou-se no divan... sempre gelada!

Passou talvez do cemiterio á sombra
Mas nunca n'uma cruz deixou seu ramo,
Ninguem se lembra de lhe ter ouvido
N'uma febre de amor dizer : « eu amo! »

Não chora por ninguem... e quando, á noite,
Lhe beija o somno as palpebras sombrias
Não procura seu anjo á cabeceira
E não tem orações, mas ironias!

Nunca na terra uma alma de poeta
Chorosa, palpitante e gemebunda
Achou n'essa mulher um hymno d'alma
E uma flôr para a fronte moribunda.

Lyra sem cordas não vibrou d'enlevo,
As notas puras da paixão ignora,
Não teve nunca n'alma adormecida
O fogo que inebría e que devor

Descrê. Derrama fel em cada riso,
Alma esteril não sonha uma utopia...

Anjo maldito salpicou veneno
Nos labios que tressuão de ironia

E formosa comtudo... Ha d'essa imagem
No silencio de estatua alabastrina
Como um anjo perdido que resumbra
Nos olhos negros da mulher divina.

Ha n'esse ardente olhar que gela e vibra,
Na voz que faz tremer e que apaixona
O genio de Satan que transverbera
E o languor pensativo da Madona!

E' formosa, meu Deus! Desde que a vi
Na minh'alma suspira a sombra d'ella...
E sinto que podia n'esta vida
N'um seu languido olhar morrer por ella.

MORENA

O' Thereza, um outro beijo! e abandona-me a meus sonhos e a meus suaves delirios.

JACOPO ORTIS.

E' loucura, meu anjo, é loucura
Os amores por anjos... bem sei!
Forão sonhos, foi louca ternura
Esse amôr que a teus pés derramei!

Quando a fronte requeima e delira,
Quando o labio desbota de amor,

Quando as cordas rebentão na lyra
Que palpita no seio ao cantor...

Quando a vida nas dores é morta,
Ter amores nos sonhos é crime?
E loucura : eu o sei! mas que importa?
Ai! morena! és tão bella!... perdi-me!

Quando tudo, na insomnia do leito,
No delirio de amor devaneia
E no fundo do tremulo peito
Fogo lento no sangue se ateia..:

Quando a vida nos prantos se escôa,
Não merece o amante perdão?
Ai! morena! és tão bella! perdoa!
Foi um sonho do meu coração!

Foi um sonho... não córes de pejo!
Foi um sonho tão puro!... ai de mim!
Mal gozei-lhe as frescuras de um beijo!
Ai! não córes, não córes assim!

Não suspires! por que suspirar?
Quando o vento n'um lyrio soluça

E desmaia no longo beijar,
E offegante de amôr se debruça...

Quando a vida lhe foge, lhe treme,
Pobre vida do seu coração,
Essa flôr que o ouvira, que geme.
Não lhe dera no seio o perdão?

Mas não córes! se queres, afogo
No meu seio o fogoso anhelar!
Calarei meus suspiros de fogo
E esse amor que me hade matar!

Morrerei, ó morena, em segredo!
Um perdido na terra sou eu!
Ai! teu sonho não morra tão cedo
Como a vida em meu peito morreu!

12 DE SETEMBRO

O sol oriental brilha nas nuvens,
Mais docemente a viração murmura
E mais doce no valle a primavera
Saudosa e juvenil é toda em rosa...
Como os ramos sem folhas
Do pecegueiro em flôr.

Ergue-te, minha noiva, ó natureza!
Somos sós — eu e tu — : acorda e canta
No dia de meus annos!

II

Debalde nos meus sonhos de ventura
Tento alentar minha esperança morta
E volto-me ao porvir...
A minha alma só canta a sepultura
E nem ultima illusão beija e conforta
Meu ardente dormir...

III

Tenho febre!.. meu cerebro transborda.
Eu morrerei mancebo, inda sonhando
Da esperança o fulgor...
Oh! cantemos ainda : a ultima corda
Treme na lyra... morrerei cantando
O meu unico amor!

IV

Meu amor foi o sol que madrugava
O canto matinal da cotovia
E a rosa predilecta...
Fui um louco, meu Deus, quando tentava
Descorado e febril nodoar na orgia
Os sonhos de poeta...

V

Meu amor foi a verde larangeira
Que ao luar orvalhoso entre-abre as flores,
Melhor que ao meio dia,
As campinas, a lua forasteira,
Que triste, como eu sou, sonhando amores
Se embebe de harmonia.

VI

Meu amor foi a mão que me alentava,
Que viveu e esperou por minha vida
E a sombra solitaria que eu sonhava
Languida como vibração perdida
De roto bandolim...

VII

Eu vaguei pela vida sem conforto,
Esperei o meu anjo noite e dia
E o ideal não veio...
Farto de vida, breve serei morto..
Nem poderei ao menos na agonia
Descançar-lhe no seio...

VIII

Passei como Dom Juan entre as donzellas,
Suspirei as canções mais doloridas
E ninguem me escutou...
Oh! nunca á virgem flôr das faces bellas
Sorvi o mel nas longas despedidas...
Meu Deus! ninguem me amou!

IX

Vivi na solidão!.. odeio o mundo
E no orgulho embucei meu rosto pallido
Como um astro na treva...
Senti a vida um lupanar immundo:
Se acorda o triste profanado, esqualido
A morte fria o leva..

X

E quantos vivos não cahirão frios,
Manchados de embriaguez da orgia em meio
Nas infamias do vicio!
E quantos morrerão inda sombrios,
Sem remorsos dos loucos devaneios...
Sentindo o precipicio! .

XI

Perdoa-lhes, meu Deus! o sol da vida
Nas arterias ateia o sangue em lava
E o cerebro varia...
O seculo na vaga enfurecida
Levou a geração que se acordava
E nuta de agonia...

XII

São tristes d'este seculo os destinos!
Seiba mortal as flores que despontão
Infecta em seu abrir...
E o cadafalso e a voz dos Girondinos
Não fallão mais na gloria e não apontão
A aurora do porvir!

XIII

Fora bello talvez, em pé, de novo,
Como Byron surgir, ou na tormenta
O heroe de Waterloo...
Com sua idéa illuminar um povo,
Como o trovão nas nuvens que rebenta
E o raio derramou!

XIV

Fôra bello talvez sentir no craneo
A alma de Gœthe e reunir na fibra
Byron, Homero e Dante;
Sonhar-se n'um delirio momentaneo
A alma da creação e o som que vibra
A terra palpitante...

XV

Mas ah! o viajor nos cemiterios
N'essas nuas caveiras não escuta
Vossas almas errantes,
Do estandarte da sombra nos imperios
A morte — como a torpe prostituta —
Não distingue os amantes.

XVI

Eu pobre sonhador... em terra inculta,
Onde não fecundou-se uma semente,
Comvosco dormirei...
E d'entre nós a multidão estulta
Não vos distinguirá a fronte ardente
Do craneo que animei...

XVII

Oh! morte! a que mysterios me destinas?
Esse atomo de luz que inda me alenta,
Quando o corpo morrer,
Voltará amanhã?.. aziagas sinas!..
Da terra sobre a face macilenta
Esperar e soffrer?

XVIII

Meu Deus, antes, meu Deus, que uma outra vida...
Com teu sopro eternal meu ser esmaga
E minh'alma aniquila...
A estrella de verão no céo perdida
Tambem, ás vezes, teu alento apaga
N'uma noite tranquilla!...

SOMBRA DE D. JUAN

A dream that was not at alla dream.
LORD BYRON, *Darkness.*

I

Cerraste emfim as palpebras sombrias !:.
E a fronte esverdeou da morte á sombra,
Como lampada exhausta!
E agora ?...no silencio do sepulchro
Sonhas o amor... os seios de alabastro
Das languidas amantes?

E Haidéa, a virgem, pela praia errando,
Aos murmurios do mar que lhe suspira
Como incognito desejo
Te susurra delicias vaporosas...
E o formoso estrangeiro adormecido
Entrebeija tremendo?

Ou a pallida fronte libertina
Relembra a tez, o talhe voluptuoso
Da oriental semi-núa ?
Ou o vento da noite em teus cabellos
Susurra e lembra do passado as nodoas
No tumulo sem letras ?

Ergue-te, libertino! eu não te acordo
Para que a orgia te avermelhe a face
Que a morte amarellou...
Nem para o jogo e noites delirantes,
E do ouro a febre e da perdida os labios
E à convulsão nocturna!

Não, bello Hespanhol! Venho sentar-me
A borda do teu leito, por que a febre
Minha insomnia devora...
Por que não durmo quando o sonho passa

E do passado o manto profanado
Me roça pela face!

Quero na sombra conversar comtigo,
Quero me digas tuas noites breves,
As febres e as donzellas
Que no fogo do viver murchaste ao peito!
Ergue-te um pouco da mortalha branca,
Acorda, Don Juan!

Comtigo velarei : do teu sudario
Nas dobras negras deporei a fronte,
Como um collo de mãi...
E como leviano peregrino
Da vida as aguas saudarei sorrindo
Na extrema do infinito!

E quando a ironia regelar-se
E a morte me azular os labios frios
E o peito emmudecer...
No vinho queimador, no golo extremo,
N'um riso ...á vida brindarei zombando
E dormirei comtigo!

II

Mas não : não veio na mortalha envolto
Don Juan, semi-nú, com rir descrido,
Zombando do passado,
Só alem ... onde as folhas alvejavão
Ao luar que banhava o cemiterio,
Vi um vulto na sombra.

Cantava : ao peito o bandolim saudoso
Apertava, qual nú e perfumado
A Madona seu filho;
E a vóz do bandolim se repassava...
Mais languidez bebia resoando
No cavernoso peito.

Do *sombrero* despio a fronte pallida,
Ergueu á lua a pallidez do rosto,
Que lagrimas enchião...
Cantava : eu o escutei... amei-lhe o canto,
Com elle suspirei, chorei com elle :
— O vulto era Don Juan!...

III

A CANÇÃO DE DON JUAN

« Ó faces morenas! ó labios de flôr!
Ouvi-me a guitarra que trina louçan,
Vos trago meu peito, meus beijos de amor...
Ó labios de flor,
Eu sou Don Juan!

« Nas brizas da noite, no frouxo luar,
Nos beijos do vento, na fresca manhã
Dizei-me: não viste, n'um sonho passar,
Ao frouxo luar,
Febril Don Juan?

« Acordem, acordem, ó minhas donzellas!
A briza nas aguas lateja de afan!
Meus labios tem fogo e as noites são bellas...
Ó minhas donzellas,
Eu sou Don Juan!

« Ai! nunca sentistes o amor d'hespanhol!...
Nos labios mimosos de flor de roman
Os beijos que queimão no fogo do sol!
Eu sou o hespanhol:
Eu sou Don Juan!

« Que amor, que sonhos no febril passado!
Que tantas illusões no amor ardente!
E que pallidas faces de donzella
Que por mim desmaiarão docemente!

« Eu era o vendaval que ás flores puras
Do amor nas manhãs o labio abria!
Se murchei-as depois... é que espedaça
As flores da montanha a ventania!

« E tão bellas, meu Deus! e as niveas perolas
Mergulhei-as no lado uma per uma,
De meus sonhos de amor nada me resta!
Em negras ondas só vermelha escuma!

« Anjos que desflorei! que desmaiados
Na torrente lancei do lupanar!
Crianças que dormião no meu peito
E acordarão da magoa ao soluçar!

« E não tremem as folhas no susurro,
E as almas não palpitão-se de afan,
Quando entre a chuva rebuçado passa
Saciado de beijos Don Juan? »

IV

Como virgem que sente esmorecer
N'um halito de amor a vida bella,
Que desmaia, que treme...
Como virgem nas lantas agonias
Os seus olhos azues aos céos erguendo
Co'as mãos niveas no seio...

Presentindo que o sangue lhe resfria
E que nas faces pallidas a beija
O anjo da agonia...
Exhala ainda o canto harmonioso...
Casualina pendida onde susurra
O anoitecer da vida...

Assim nos labios e nas cordas meigas
Do palpitante bandolim a magoa

Gemia como o vento...
Como o cysne que boia, que se perde...
Na lagoa da morte geme ainda
O cantico saudoso!

Mas depois no silencio uma risada
Convulsiva arquejou ... rompeu as cordas
Das ternas assonias,
Rompeu-as e sem dó... e n'outras fibras
Corria os dedos descuidoso e frio
Salpicando-as d'escarneo...

V

« Os homens semelhão as modas de um dia,
E velha e passada
A roupa manchada...
Porém quem diria
Que é moda de um dia,
Que é velho Don Juan?!

« Os annos que passam nos negros cabellos
Branqueam de neve

As c'roas que teve!
Dizei, anjos bellos
De negros cabellos,
Se é velho Don Juan!

« E quando no seio das tremulas bellas
De noite suspira
E nuta e delira ...
Que digão pois ellas
As tremulas bellas
Se é velho Don Juan!

« Que o diga a sultana, a violenta hespanhola,
A loira allemã
E a grega louçan...
Que o diga a hespanhola
Que a noite consola...
Se é velho Don Juan!

« . . . . . .
. . . . . »

VI

Era longa a canção... Cantou; e o vento
Nos cyprestes com elle esmorecia!
Pendeu a fronte, os labios
Emmudecerão... como cala o vento
Do tropico na podre calmaria...
Scismava Don Juan.

NA VARZEA

Como é bella a manhã! Como entre a nevoa
A cidade sombria ao sol clareia
E o manto dos pinheiros se avelluda...
E o orvalho gotteja dos coqueiros...
E dos valles o aroma acorda o passaro...
E o fogoso corcel no campo aberto
Sorve d'alva o frescor, sacode as clinas,
Respira na amplidão, no orvalho rola,
Cobra em leito de folhas novo alento
E galopa nitrindo!

Agora que a manhã é fresca e branca

E o campo solitario e o val se arreia...
O' meu amigo, passeemos juntos
Na varzea que do rio as aguas negras
Humedecem fecundas...

O campo é só: na chacara florida
Dorme o homem do valle e no convento
Scintilla á medo a lampada da virgem,
Que pallidas vestaes no altar accendem!

Tudo acorda, meu Deus, n'estas campinas!
Os cantos do Senhor erguem-se em nuvens,
Como o perfume que evapora o leito
Do lyrio virginal!

Acorda, ó meu amigo: quando brilha
Em toda a natureza tanto encanto,
Tanta magia pelo céo fluctua
E chovem sobre os valles harmonias,
É descrer do Senhor dormir no tedio,
E' renegar das santas maravilhas
O ardente coração não expandir-se
E a alma não jubilar dentro do peito!

Lá onde mais suave, entre os coqueiros,
O vento da manhã nas casualinas

Cicia mais ardente suspirando,
Como de noite no pinhal sombrio
Aereo canto de não vista sombra,
Que enche o ar de tristeza e amor transpira...
Lá onde o rio mollemente chora
Nas campinas em flôr e rola triste...
Alveja, á sombra, habitação ditosa,
Corôa os frisos da janella verde
A trepadeira em flôr do jasmineiro
E pelo muro se avermelha a rosa.
Ali quando a manhã acorda a bella,
A bella, que eu sonhei nos meus amores...
Ao primeiro calor do sol d'aurora
Entorna-se da flôr o doce aroma,
Inda mais doce em matutino orvalho,
Nas tranças negras da donzella pallida,
Mais bella que o diamante se avelluda,
Camelia fresca, inda em botão, tingida
De neve e de coral... no seio d'ella
Não reluz o collar ...em negro fio
A curz da infancia melhor guarda o seio,
Que o amor virginal beija tremendo
E os ais do coração melhor perfuma...

Vem co'migo, mancebo : aqui sentemo-nos...
Ella dorme : a janella inda cerrada

Se enche de rosas e jasmins, á noite...
E as flores virgens com o aberto seio
Um beijo da donzella ainda implorão.
. . . . . .

Mais doce o canto foge de mistura
Co'as doces notas do violão divino !
Anjo da vida te verteu nos labios
O mel dos seraphins que a voz serena,
Que a transborda de encanto e de harmonia
E faz no echo propulsar meu peito !

Suspire o violão : nos seus lamentos
Murmura essa canção dos meus amores,
Que este peito sangrento lhe votára,
Quando a seus pés, accesa a phantasia,
Em doce engano derramei minh'alma!

Quando a briza seus ais melhor afina,
Quando a frauta no mar branda suspira,
Com mais encanto as folhas do salgueiro
Debrução-se nas aguas solitarias
E deixão, gota á gota, o argenteo orvalho
Como prantos nas folhas deslizar-se.

Quando a voz do cantor perde-se, á noite,

Na margem da torrente, ou nas campinas,
Ou no umbroso jardim que flores cobrem...
Mais doce a noite pelo cêo vaguêa,
Melhor florescem as nocturnas flores...
E o seio da mulher, que a noite embala,
Pulsa quente e febril com mais ternura!

Se o anjo de meus timidos amores
Podesse ouvir-te os candidos suspiros,
Que a minha dôr de amante lhe revelão...
Se ella acordasse, nos cabellos soltos
Inda o semblante somnolento e pallido
E o seio semi-nú e os hombros niveos
E as tremulas mãos cobrindo o seio...
Se esta janella n'um instante abrisse
A fada da ventura, embora apenas
Um instante... sequer... Meus pobres sonhos,
Como saudosos vos murchais sedentos!
Flores do mar que um triste vagabundo
Arrancou de seu leito humedecido
E grosseiro apertou nas mãos ardentes,
Eu morro de saudade! e só me nutre
Inda nas tristes, desbotadas veias
O sangue do passado e da esperança!

O EDITOR

— A poesia transcripta é de Torquato,
D'esse pobre poeta enamorado
Pelos encantos de Leonora esquiva,
Copiei-a do proprio manuscripto;
E, para prova da verdade pura
D'este prologo meu, basta que eu diga
Que a letra era um garrancho indecifravel,
Mistura de borrões e linhas tortas!
Trouxe-m'a do Archivo lá da lúa
E decifrou-m'a familiar demonio...

Demais... infelizmente é bem verdade
Que Tasso lastimou-se da penuria
De não ter um ceitil para a candeia.

Provo com isso que do mundo todo
O sol é este Deus indefinivel,
Ouro, prata, papel, ou mesmo cobre,
Mais santo do que os Papas — o dinheiro!

Byron no seu *Don Juan* votou-lhe cantos,
Filinto Elysio e Tolentino o sonhão,
Foi o Deus de Bocage e d'Aretino,
— Aretino ! essa incrivel creatura
Livida, tenebrosa, impura e bella,
Sublime... e sem pudor, onda de lodo
Em que do genio profanou-se a perola,
Vaso d'ouro que um oxydo terrivel
Envenenou de morte, alma - poeta
Que tudo profanou com as mãos immundas
E latio como um cão mordendo um seculo...

. . . . . .

Quem não ama o dinheiro? Não me engano
Se creio que Satan, á noite, veio

Aos ouvidos de Adão adormecido,
Na sua hora primeira, murmurar-lhe
Essa palavra magica da vida,
Que vibra musical em todo o mundo.

Se houvesse o Deus—Vintem no Paraiso
Eva não se tentava pelas fructas,
Pela rubra maçan não se perdera:
Preferira de certo o louro amante
Que tine tão suave e é tão macio!

Se não faltasse o tempo a meus trabalhos,
Eu mostraria quanto o povo mente
Quando diz que —a poesia engeita e odeia
As moedinhas doiradas. É mentira!

Desde Homero (que até pedia cobre),
Virgilio, Horacio, Calderon, Racine,
Boileau e o fabuleiro Lafontaine
E tantos que melhor de certo fora
De poetas copiar algum catalogo,
Todos a mil e mil por elle vivem
E alguns chegarão a morrer por elle!
Eu só peço licença de fazer-vos
Uma simples pergunta : — na gaveta

Se Camões visse o brilho do dinheiro...
Malfilâtre, Gilbert, o altivo Chatterton
Se o tivessem nas rotas algibeiras,
Acaso blasphemando morrerião?

OH! NÃO MALDIGÃO!

Oh! não maldigão o mancebo exhausto
Que nas orgias gastou o peito insano...
Que foi ao lupanar pedir um leito,
Onde a sêde febril lhe adormecesse!

Não podia dormir! nas longas noites
Pediu ao vicio os beijos de veneno...
E amou a saturnal, o vinho, o jogo
E a convulsão nos seios da perdida!

Miserrimo! não creu... Não o maldigão,
Se uma sina fatal o arrebatava...
Se na torrente das paixões dormindo
Foi naufragar nas solidões do crime.

Oh! não maldigão o mancebo exhausto
Que no vicio embalou, a rir, os sonhos,
Que lhe manchou as perfumadas tranças
Nos travesseiros da mulher sem brio!

Se elle poeta nodoou seus labios...
É que fervia um coração de fogo
E da materia a convulsão impura
A voz do coração emmudecia!

E quando p'la manhã da longa insomnia
Do leito profanado elle se erguia,
Sentindo a briza lhe beijar no rosto
E a febre arrefecer nos rouxos labios...

E o corpo adormecia e repousava
Na serenada relva da campina...
E as aves da manhã em torno d'elle
Os sonhos do poeta acalentavão...

Vinha um anjo de amor unil-o ao peito,
Vinha uma nuvem derramar-lhe a sombra..
E a alma que chorava a infamia d'elle
Seccava o pranto e suspirava ainda!

DINHEIRO

Oh! argent! avec toi on est beau, jeune adoré; on a considération, honneur, qualités, vertus. Quand on n'a point d'argent on est dans la dépendance de toutes choses et de tout le monde.

CHATEAUBRIAND.

Sem elle não ha cova ! quem enterra
Assim gratis, *aDeo*? O baptizado
Tambem custa dinheiro. Quem namora
Sem pagar as pratinhas ao Mercurio?
Demais, as Danáes tambem o adorão...
Quem imprime seus versos, quem passeia,
Quem sobe a deputado, até ministro,

Quem é mesmo eleitor, embora sabio,
Embora genio, talentosa fronte,
Alma romana, se não tem dinheiro?
Fóra a canalha de vasios bolsos!
O mundo é para todos... Certamente
Assim o dice Deus, mas esse texto
Explica-se melhor e d'outro modo...
Houve um erro de imprensa no Evangelho:
O mundo é um festim, concordo n'isso,
Mas não entra ninguem sem ter as louras.

ADEUS, MEUS SONHOS!

Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro!
Não levo da existencia uma saudade!
E tanta vida que meu peito enchia
Morreu na minha triste mocidade!

Miserrimo! votei meus pobres dias
Á sina douda de um amor sem fructo...
E minh'alma na treva agora dorme
Como um olhar que a morte envolve em luto.

Que me resta, meu Deus? !... morra c'omigo
A estrella de meus candidos amores,
Já que não levo no meu peito morto
Um punhado sequer de murchas flores!

MINHA DESGRAÇA

Minha desgraça não é ser poeta,
Nem na terra de amor não ter um echo...
E, meu anjo de Deus, o meu planeta
Tratar-me como trata-se um boneco...

Não é andar de cotovelos rotos,
Ter duro como pedra o travesseiro...
Eu sei... O mundo é um lodaçal perdido
Cujo sol (quem m'o dera!) é o dinheiro...

Minha desgraça, ó candida donzella,
O que faz que meu peito assim blasphema,
É ter por escrever todo um poema
E não ter um vintem para uma vela.

PAGINA ROTA

Et pourtant que le parfum d'un pur amour est suave!

GEORGE SAND.

Meu pobre coração que estremecias,
Suspira a desmaiar no peito meu :
Para enchêl-o de amor, tu bem sabias
Bastava um beijo teu!

Como o valle nas brizas se acalenta,
O triste coração no amor dormia;

Na saudade, na lua macilenta
Sequioso ar bebia!

Se nos sonhos da noite se embalava
Sem um gemido, sem um ai sequer,
E' que o leite da vida elle sonhava
N'um seio de mulher!

Se abrio tremendo os intimos refolhos,
Se junto de teu seio elle tremia,
E' que lia a ventura nos teus olhos
E que d'elles vivia!

Via o futuro em magicos espelhos,
Tua bella visão o enfeitiçava,
Sonhava adormecer nos teus joelhos...
Tanto enlevo sonhava!

Via nos sonhos d'elle a tua imagem
Que de beijos de amor o recendia...
E, de noite, nos halitos da aragem
Teu alento sentia!

O' pallida mulher! se negra sina
Meu berço abandonado me embalou,

Não te rias da sêde peregrina
D'est'alma que te amou...

Que sonhava em teus labios de ternura
Das noites do passado se esquecer...
Ter um leito suave de ventura....
E amor onde morrer!

INDICE

LYRA DOS VINTE ANNOS

Prefacios 3
A minha Mãi 7

PRIMEIRA PARTE

No mar 9
Sonhando 13
Scismar 17
Ai Jesus ! 19
Anjinho 21
Anjos do mar 26
Tenho um seio que delira, etc 28
A cantiga do Sertanejo 31
Quando, á noite, no leito perfumado, etc 36
O poeta 38
Fui um doudo em sonhar tantos amores, etc . . . 42
Quando fallo comtigo, no meu peito, etc 46
Na minha terra 50
Italia 56

A T. 61
Crepusculo do mar 64
Crepusculo nas montanhas 68
Desalento 73
Pallida innocencia 75
Soneto (Pallida á luz da lampada sombria) 77
Anima mea 78
A harmonia 84
Vida 88
C 93
Epitaphio no tumulo de Silva Pereira Junior . . 96
O pastor moribundo 98
Tarde de verão 100
Tarde de outono 103
Cantiga 110
Saudades 113
Esperanças 117
Virgem morta 120
Hymnos do propheta 125
I. — Um canto do seculo 125
II. — Lagrimas de sangue 133
III. — A tempestade 140
Lembrança de morrer 144

SEGUNDA PARTE

Um cadaver de poeta 147
Idéas intimas 167
Bohemios 182
Spleen e charutos 220
I. — Solidão 220
II. — Meu anjo 222
III. — Vagabundo 223
IV. — A lagartixa 226

V. — Luar de verão 227
VI. — O poeta moribundo 228
É ella ! É ella ! 231

TERCEIRA PARTE

Meu desejo 235
Soneto 237
Soneto 239
Por que mentias ? 241
Toda aquella mulher tem a pureza, etc 243
Amor 245
Phantasia 247
Lagrimas da vida 251
Soneto 254
Lembrança dos quinze annos 256
Meu sonho 260
O conego Filippe 262
Trindade 265
Soneto 267
Minha amante 269
Euthanasia 272
Despedidas 274
Terza rima 276
Pantheismo 277
Desanimo 281
O lenço d'ella 284
Relogios e beijos 286
Namoro a cavallo 288
Pallida imagem 291
Seio de virgem 294
Minha musa 297
Malva-maçã 300
Pensamentos d'ella 303

Por mim ? 307
Lelia 309
Morena 312
12 de setembro 315
Sombra de D. Juan 322
Na varzea 332
O editor 337
Oh ! não maldigão ! 341
Dinheiro 344
Adeus, meus sonhos ! 346
Minha desgraça 348
Pagina rota 350

FIM DO II TOMO

PARIS — Typographia GARNIER IRMÃOS. 344.6.1900

18300